

# A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo<sup>1</sup>

**Vladimir Ilitch Lénine**  
**1920**

Escrito em Abril-Maio de 1920.  
Publicado em Junho de 1920 em Petrogrado, em brochura, pela  
Editora Estatal

Presente tradução na versão das *Obras Escolhidas* de V. I. Lénine  
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t3, pp 275-349  
Traduzido das Obras Completas de V. I. Lénine  
5ª Ed. russo t.41 pp 1-104

---

1 O livro *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo* foi escrito por V. I. Lénine para a abertura do II Congresso da Internacional Comunista. Lénine realizou o trabalho fundamental do livro em Abril de 1920 (o manuscrito foi concluído em 27 de Abril); o Anexo ao livro foi escrito em 12 de Maio, quando já estavam a ser corrigidas as provas tipográficas. Lénine acompanhou pessoalmente a composição e impressão do livro, com o objectivo de que ele pudesse sair a tempo do começo do II Congresso Internacional Comunista. Em 12 de Junho de 1920 o livro saiu da tipografia e, quase ao mesmo tempo, em Julho, foi publicado na Rússia Soviética em francês e inglês. O livro foi distribuído a todos os delegados ao II Congresso da Internacional Comunista. As teses e conclusões mais importantes do livro *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo* estiveram na base das decisões do Congresso. No manuscrito do livro, conservado no Arquivo Central do Partido do Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS, existe um subtítulo - *Tentativa de Uma Exposição Popular da Estratégia e Tática Marxistas* - e a seguinte dedicatória irónica a Lloyd George: «*Dedico esta brochura ao honorabilíssimo mister Lloyd George como manifestação de reconhecimento pelo seu discurso de 18.III.1920, quase marxista e em todo o caso extraordinariamente útil para os comunistas e os bolcheviques de todo o mundo.*» Nas edições do livro publicadas em vida de Lénine o subtítulo e a dedicatória foram retirados.

# I

## EM QUE SENTIDO SE PODE FALAR DA IMPORTÂNCIA INTERNACIONAL DA REVOLUÇÃO RUSSA?

Nos primeiros meses depois da conquista pelo proletariado do poder político na Rússia (25.X.-7.XI.1917) poderia parecer que as enormes diferenças entre a Rússia atrasada e os países avançados da Europa Ocidental tornarão a revolução do proletariado nestes últimos muito pouco parecida com a nossa. Agora temos já uma experiência internacional muito considerável, que diz com a mais completa precisão que alguns dos traços fundamentais da nossa revolução têm uma importância não local, não nacional particular, não apenas russa, mas internacional. E não falo aqui da importância internacional no sentido amplo da palavra: não são apenas alguns, mas todos os traços fundamentais e muitos dos secundários da nossa revolução que têm importância internacional no sentido da sua influência sobre todos os países. Não, no sentido mais estrito da palavra, isto é, entendendo por importância internacional o significado internacional ou a inevitabilidade histórica da repetição à escala internacional daquilo que aconteceu no nosso país, é preciso reconhecer essa importância a alguns traços fundamentais da nossa revolução.

Naturalmente, seria o maior erro exagerar esta verdade, estendendo-a não só a alguns traços fundamentais da nossa revolução. Seria igualmente errado perder de vista que, depois da vitória da revolução proletária, ainda que apenas num dos países avançados, começará por certo uma mudança brusca, a saber: a Rússia deixará logo depois disto de ser um país modelo, e será outra vez atrasado (no sentido «soviético» e socialista).

Mas no presente momento histórico, trata-se precisamente de que o exemplo russo mostra a **todos** os países algo de muito essencial do seu futuro inevitável e próximo. Os operários avançados de todos os países já o compreenderam há muito, e frequentemente não tanto compreenderam, como o captaram, o sentiram com o seu instinto de classe revolucionária. Daí a «importância» (no sentido estrito da palavra) internacional do Poder Soviético e também dos fundamentos da teoria e da tática bolcheviques. Isto não o compreenderam os chefes «revolucionários» da II Internacional, como Kautsky na Alemanha, Otto Bauer e Friedrich Adler na Áustria, que precisamente por isso se tornaram reaccionários, defensores do pior dos oportunismos e da social-traição. Diga-se de passagem que a brochura anónima *A Revolução Mundial (Weltrevolution)*<sup>2</sup>, aparecida em 1919 em Viena (Sozialistische Bücherei, Heft 11; Ignaz Brand<sup>3</sup>), mostra com particular evidência todo o curso do pensamento e todo o ciclo de ideias, mais exactamente, todo esse abismo de irreflexão, de pedantismo, de infâmia e de traição aos interesses da classe operária, além disso com o molho da «defesa» da ideia da «revolução mundial».

Mas teremos de deixar para outra vez a análise pormenorizada dessa brochura. Indiquemos aqui apenas mais uma coisa: nos tempos, já bastante distantes, em que Kautsky era ainda marxista e não um renegado, ao abordar a questão como historiador previa a possibilidade do aparecimento de uma situação na qual o espírito revolucionário do proletariado russo se tornaria um modelo para a Europa Ocidental. Isto era em 1902, quando Kautsky escreveu no *Iskra*<sup>4</sup> revolucionário o artigo *Os Eslavos e a Revolução*. Eis o que ele escrevia nesse artigo:

*«Actualmente»* (em contraposição a 1848) *«pode-se pensar que os eslavos não só entraram nas fileiras dos povos revolucionários, mas também que o centro de gravidade do pensamento*

2 A brochura *Weltrevolution (Revolução Mundial)* foi escrita por Otto Bauer.

3 Biblioteca Socialista, Caderno 11; Ignaz Brand. (N. Ed.)

4 **Iskra (Centelha)**: primeiro jornal ilegal marxista de toda a Rússia, fundado por Lênine em 1900; este jornal desempenhou um papel decisivo na criação do partido revolucionário marxista da classe operária da Rússia. Logo depois do II Congresso do Partido, realizado em Julho-Agosto de 1903, os mencheviques, com o apoio de G. V. Plekhánov, apoderaram-se do *Iskra*. A partir do número 52, o *Iskra* deixou de ser o órgão do marxismo revolucionário.

*revolucionário e da acção revolucionária se desloca cada vez mais para os eslavos. O centro revolucionário desloca-se de Ocidente para Oriente. Na primeira metade do século XIX encontrava-se em França, e, por momentos, na Inglaterra. Em 1848, também a Alemanha entrou para as fileiras das nações revolucionárias... O novo século começa com acontecimentos que sugerem a ideia de que vamos ao encontro de uma nova deslocação do centro revolucionário, a saber: a sua deslocação para a Rússia... A Rússia, que assimilou tanta iniciativa revolucionária do Ocidente, está agora talvez ela própria pronta a servir de fonte de energia revolucionária. O entusiástico movimento revolucionário russo tornar-se-á talvez o meio mais poderoso para sacudir esse espírito de filistinismo flácido e de politiquice ponderada que começa a difundir-se nas nossas fileiras e fará surgir de novo a chama da sede de luta e a entrega apaixonada aos nossos grandes ideais. Há já muito que a Rússia deixou de ser para a Europa Ocidental um simples baluarte da reacção e do absolutismo. As coisas são agora, talvez, precisamente ao contrário. A Europa Ocidental converte-se no baluarte da reacção e do absolutismo na Rússia ... Talvez os revolucionários russos tivessem já há muito acabado com o tsar se não tivessem de lutar ao mesmo tempo contra o seu aliado, o capital europeu. Esperemos que desta vez eles consigam acabar com ambos os inimigos e que a nova 'santa aliança' se desmorne mais depressa do que as suas predecessoras. Mas seja qual for o resultado da actual luta na Rússia, o sangue e a sorte dos mártires que ela gerará, infelizmente mais do que suficientes, não serão em vão. Eles fecundarão os germes da revolução social em todo o mundo civilizado e fa-los-ão crescer de uma forma mais exuberante e mais rápida. Em 1848, os eslavos eram um frio horrível que queimava as flores da Primavera popular. Talvez estejam agora destinados a ser a tempestade que quebra o gelo da reacção e traz consigo irresistivelmente uma nova e feliz Primavera para os povos.» (Karl Kautsky, «Os Eslavos e a Revolução», artigo no Iskra, jornal revolucionário social-democrata russo, 1902, nº 18, 10 de Março de 1902.)*

Que bem escrevia Karl Kautsky há 18 anos!

## II

### UMA DAS CONDIÇÕES FUNDAMENTAIS DO ÊXITO DOS BOLCHEVIQUES

Seguramente agora já quase todos vêem que os bolcheviques não se teriam mantido no poder, não digo dois anos e meio, mas nem sequer dois meses e meio, sem uma disciplina rigorosíssima, verdadeiramente férrea, no nosso partido, sem o apoio mais completo e abnegado a ele por toda a massa da classe operária, isto é, por tudo quanto ela possui de pensante, de honrado, de abnegado, influente, capaz de arrastar consigo ou de atrair as camadas atrasadas.

A ditadura do proletariado é a guerra mais abnegada e mais implacável da nova classe contra um inimigo **mais poderoso**, contra a burguesia, cuja resistência é **decuplicada** pelo seu derrubamento (ainda que num só país) e cujo poderio reside não só na força do capital internacional, na força e na solidez das relações internacionais da burguesia, mas também na **força do costume**, na força da **pequena produção**. Porque, infelizmente, resta ainda no mundo muita, muitíssima pequena produção, e a pequena produção **gera** capitalismo e burguesia constantemente, em cada dia, em cada hora, de forma espontânea e a uma escala maciça. Por todas estas causas, a ditadura do proletariado é necessária, e a vitória sobre a burguesia é impossível sem uma guerra prolongada, tenaz, desesperada, de vida ou de morte; uma guerra que exige tenacidade, disciplina, firmeza, inflexibilidade e unidade de vontade.

Repito, a experiência da ditadura proletária vitoriosa na Rússia mostrou de forma evidente a quem não sabe pensar, ou a quem não teve ocasião para reflectir sobre esta questão, que a centralização incondicional e a disciplina mais rigorosa do proletariado constituem uma das condições fundamentais da vitória sobre a burguesia.

Fala-se muitas vezes disto. Mas não se reflecte bastante, longe disso, sobre o que isto significa e em que condições isto é possível. Não conviria que as exclamações de entusiasmo em relação ao Poder Soviético e aos bolcheviques fossem acompanhadas **mais frequentemente** de uma **análise muito séria** das causas de **porque é que** os bolcheviques puderam criar a disciplina necessária ao proletariado revolucionário?

O bolchevismo existe, como corrente do pensamento político e como partido político, desde 1903. Só a história do bolchevismo durante **todo** o período da sua existência pode explicar de maneira satisfatória porque é que ele pôde criar e manter, nas condições mais difíceis, a disciplina férrea necessária à vitória do proletariado.

E a primeira pergunta que se põe é esta: como se mantém a disciplina do partido revolucionário do proletariado? Como se comprova? Como se reforça? Primeiro, pela consciência da vanguarda proletária e pela sua dedicação à revolução, pela sua firmeza, pelo seu espírito de sacrifício, pelo seu heroísmo. Segundo, pela sua capacidade de se ligar, de se aproximar e, se quiserdes, de se fundir até certo ponto com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de mais com as massas proletárias, **mas também** com as massas trabalhadoras **não proletárias**. Terceiro, pela justeza da direcção política que esta vanguarda exerce, pela justeza da sua estratégia e da sua tática políticas, com a condição de que as mais amplas massas se convençam desta justeza por **experiência própria**. Sem estas condições é irrealizável a disciplina num partido revolucionário verdadeiramente capaz de ser o partido da classe avançada, chamada a derrubar a burguesia e a transformar toda a sociedade. Sem estas condições, as tentativas de criar uma disciplina transformam-se inecialmente numa coisa vazia, numa frase, em gesticulação. Mas, por outro lado, estas condições não podem surgir de repente. Elas só se vão formando através de um trabalho prolongado de uma dura experiência; a sua formação é facilitada por uma teoria revolucionária justa que, por sua vez, não é dogma, mas que só se constitui de forma definitiva em estreita ligação com a prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário.

Se o bolchevismo pôde elaborar e levar à prática com êxito em 1917-1920, em condições extremamente duras, a centralização mais severa e uma disciplina férrea, a causa disso reside simplesmente numa série de particularidades históricas da Rússia.

Por um lado, o bolchevismo surgiu em 1903 sobre a base muito sólida da teoria do marxismo. E a justeza desta teoria revolucionária - e só desta - foi demonstrada não só pela experiência mundial de todo o século XIX como, em particular, pela experiência das divagações e vacilações, dos erros e desilusões do pensamento revolucionário na Rússia. Ao longo de cerca de meio século, aproximadamente dos anos 40 aos anos 90 do século passado, o pensamento avançado na Rússia, sob o jugo de um tsarismo inauditamente selvagem e reaccionário, procurou avidamente uma teoria revolucionária justa, seguindo com um zelo e um cuidado admiráveis cada «última palavra» da Europa e da América neste campo. Foi verdadeiramente **através de duras provações** que a Rússia **tornou seu** o marxismo, a única teoria revolucionária justa, através de uma história de meio século de sofrimentos e de sacrifícios inauditos, de heroísmo revolucionário nunca visto, de energia e abnegação incríveis, de pesquisa, de estudo, de experimentação na prática, de desilusões, de verificação, de comparação com a experiência da Europa. Graças à emigração provocada pelo tsarismo, a Rússia revolucionária possuía na segunda metade do século XIX uma riqueza de relações internacionais e um conhecimento tão excelente das formas e teorias mundiais do movimento revolucionário como nenhum outro país do mundo.

Por outro lado, o bolchevismo, surgido sobre esta base teórica de granito, teve uma história prática de quinze anos (1903-1917) sem par em todo o mundo pela sua riqueza de experiência. Pois nenhum país, no decurso desses 15 anos, viveu tanto, nem mesmo aproximadamente, no sentido da experiência revolucionária, da rapidez e da variedade na sucessão das diferentes formas do

movimento, legal e ilegal, pacífico e tempestuoso, clandestino e aberto, nos círculos e de massas, parlamentar e terrorista. Em nenhum país esteve concentrada em tão breve período de tempo tal riqueza de formas, de matizes, de métodos de luta de **todas** as classes da sociedade contemporânea, e, além disso, uma luta que, em consequência do atraso do país e do peso do jugo tsarista, amadurecia com particular rapidez e assimilava com particular ansiedade e êxito a «última palavra» adequada da experiência política americana e europeia.

### III AS PRINCIPAIS ETAPAS NA HISTÓRIA DO BOLCHEVISMO

Anos de preparação da revolução (1903-1905). Sente-se por toda aparte a aproximação de uma grande tempestade. Em todas as classes, fermentação e preparação. No estrangeiro, a imprensa da emigração coloca teoricamente **todas** as questões fundamentais da revolução. Os representantes das três classes fundamentais, das três correntes políticas principais - liberal-burguesa, democrática pequeno-burguesa (encoberta com as etiquetas das tendências «social-democrata» e «social-revolucionária»<sup>5</sup>) e a proletária revolucionária - antecipam e preparam, com uma luta encarniçada de concepções programáticas e táticas, a futura luta de classes aberta. **Todas** as questões que motivaram a luta armada das massas em 1905-1907 e em 1917-1920 podem (e devem) ser observadas, sob uma forma embrionária, na imprensa de então. Naturalmente, entre as três tendências principais, existem todas as formações intermédias, transitórias, híbridas que se queira. Mais exactamente: na luta entre os órgãos de imprensa, os partidos, as fracções e os grupos vão-se cristalizando as tendências ideológicas e políticas realmente de classe; as classes forjam a arma ideológica e política adequada para as batalhas futuras.

Anos de revolução (1905-1907). Todas as classes actuam abertamente. Todas as concepções programáticas e táticas são aferidas pela acção das massas. Amplitude e agudeza da luta grevista sem precedentes no mundo. Transformação da greve económica em política e da greve política em insurreição. Comprovação prática das relações entre o proletariado dirigente e o campesinato dirigido, vacilante e instável. Nascimento, no desenvolvimento espontâneo da luta, da forma soviética de organização. As discussões de então sobre o significado dos Sovietes antecipam a grande luta de 1917-1920. A sucessão das formas de luta parlamentares e não parlamentares, da tática de boicote do parlamentarismo e da tática de participação no parlamentarismo, das formas legais e ilegais de luta, bem como das suas inter-relações e vínculos - tudo isto se distingue por uma admirável riqueza de conteúdo. Do ponto de vista da aprendizagem dos fundamentos da ciência política - pelas massas e pelos chefes, pelas classes e pelos partidos -, cada mês deste período equivaleu a um ano de desenvolvimento «pacífico» e «constitucional». Sem o «ensaio geral» de 1905, a vitória da Revolução de Outubro de 1917 seria impossível.

Anos de reacção (1907-1910). O tsarismo venceu. Foram esmagados todos os partidos revolucionários e de oposição. Abatimento, desmoralização, cisões, divergências, renegação, pornografia em vez de política. Reforço da tendência para o idealismo filosófico; misticismo como disfarce de um estado de espírito contra-revolucionário. Mas, ao mesmo tempo, é precisamente a grande derrota que dá aos partidos revolucionários e à classe revolucionária uma verdadeira lição extremamente útil, uma lição de dialéctica histórica, uma lição de compreensão, destreza e arte para travar a luta política. É na desgraça que se conhecem os amigos. Os exércitos derrotados aprendem bem.

O tsarismo vitorioso vê-se obrigado a destruir apressadamente os restos do modo de vida pré-burguês, patriarcal, na Rússia. O seu desenvolvimento burguês progride com rapidez notável. As ilusões fora das classes e acima das classes, as ilusões sobre a possibilidade de evitar o capitalismo,

---

5 Trata-se dos mencheviques que representavam no POSDR a ala direita oportunista da social-democracia e do Partido dos Socialistas-Revolucionários.

desvanecem-se. A luta de classes manifesta-se de um modo absolutamente novo e com tanto maior nitidez.

Os partidos revolucionários devem completar a sua instrução. Aprenderam a atacar. Agora têm de compreender que é preciso completar esta ciência com a ciência de saber recuar acertadamente. Têm de compreender - e a classe revolucionária aprende a compreendê-lo por sua própria e amarga experiência - que não se pode vencer sem saber atacar correctamente e recuar correctamente. De todos os partidos de oposição revolucionários derrotados, foram os bolcheviques que recuaram com maior ordem, com menos danos para o seu «exército», conservando melhor o seu núcleo, com danos menores (quanto à profundidade e à irreparabilidade), com menor desmoralização, com maior capacidade para reiniciar o trabalho de uma forma mais ampla, correcta e enérgica. E os bolcheviques só conseguiram isto porque desmascararam sem piedade e expulsaram os revolucionários em palavras, que não queriam compreender que era necessário recuar, que era necessário saber recuar, que era necessário aprender obrigatoriamente a trabalhar legalmente nos parlamentos mais reaccionários, nas mais reaccionárias organizações sindicais, cooperativas, de seguros e outras semelhantes.

Anos de ascenso (1910-1914). A princípio, o ascenso foi incrivelmente lento, seguidamente, depois dos acontecimentos do Lena de 1912<sup>6</sup>, um pouco mais rápido. Superando dificuldades inauditas, os bolcheviques repeliram os mencheviques, cujo papel como agentes burgueses no movimento operário foi maravilhosamente compreendido por toda a burguesia depois de 1905, e que por isso toda a burguesia apoiou de mil maneiras contra os bolcheviques. Mas os bolcheviques nunca teriam conseguido isto se não tivessem aplicado uma tática correcta de combinação do trabalho ilegal com a utilização obrigatória das «possibilidades legais». Na reaccionaríssima Duma os bolcheviques conquistaram toda a cúria operária.

Primeira guerra imperialista mundial (1914-1917). O parlamentarismo legal com um «parlamento» ultra-reaccionário, presta um serviço utilíssimo ao partido do proletariado revolucionário, aos bolcheviques. Os deputados bolcheviques vão para a Sibéria<sup>7</sup>. Na imprensa da emigração todos os matizes das concepções do social-imperialismo, do social-chauvinismo, do social-patriotismo, do internacionalismo inconsequente e consequente, do pacifismo e da negação revolucionária das ilusões pacifistas, encontra entre nós a sua plena expressão. Os doutos imbecis e as velhinhas da II Internacional, que torciam o nariz desdenhosa e arrogantemente a respeito da abundância de «fracções» no socialismo russo e da luta encarniçada entre elas, foram incapazes, quando a guerra suprimiu em **todos** os países avançados a tão gabada «legalidade», de organizar, ainda que aproximadamente, um intercâmbio tão livre (ilegal) de concepções e uma elaboração tão livre (ilegal) de concepções correctas, semelhantes ao que os revolucionários russos organizaram na Suíça e numa série de outros países. Foi precisamente por isso que os sociais-patriotas descarados e os «kautskistas» de todos os países se revelaram os piores traidores do proletariado. E se o bolchevismo pôde vencer em 1917-1920, uma das causas fundamentais dessa vitória é que, já a partir de fins de 1914, o bolchevismo desmascarou sem piedade a vileza, a infâmia e a baixeza do social-chauvinismo e do «kautskismo» (ao qual correspondem o longuetismo em França, as

---

6 Alusão ao metralhamento de operários desarmados nas minas de ouro do rio Lena, na Sibéria, em 4 (17) de Abril de 1912. As notícias sobre o massacre do Lena comoveram a classe operária da Rússia. Manifestações, comícios e greves tiveram lugar em todo o país.

7 Na sessão da Duma de 26 de Julho (8 de Agosto) de 1914, a fracção bolchevique apresentou um enérgico protesto contra a entrada da Rússia tsarista na guerra imperialista; os bolcheviques negaram-se a votar os créditos de guerra e fizeram propaganda revolucionária entre as massas. Os deputados bolcheviques foram detidos em Novembro de 1914, julgados em Fevereiro de 1915 e condenados a exílio perpétuo na Sibéria oriental. Os corajosos discursos dos membros da fracção bolchevique no tribunal, nos quais denunciaram a autocracia, desempenharam um importante papel na propaganda antimilitarista e na revolucionarização da consciência das massas trabalhadoras.

concepções dos chefes do Partido Trabalhista Independente<sup>8</sup> e dos fabianos<sup>9</sup> em Inglaterra, de Turati na Itália, etc.), que as massas se convenceram depois cada vez mais por experiência própria de que as concepções dos bolcheviques eram correctas.

Segunda revolução na Rússia (de Fevereiro a Outubro de 1917). A incrível decrepitude e decadência do tsarismo criou (com a ajuda dos golpes e sofrimentos de uma guerra extremamente penosa) uma incrível força de destruição dirigida contra ela. Em poucos dias a Rússia converteu-se numa república democrática burguesa mais livre - nas condições da guerra - do que qualquer outro país do mundo. Os chefes dos partidos de oposição e revolucionários começaram a formar governo, como nas repúblicas mais «estritamente parlamentares», pois o título de chefe de um partido de oposição no parlamento, mesmo o mais reaccionário, **facilitou** o papel futuro desse chefe na revolução.

Em poucas semanas, os mencheviques e os «socialistas-revolucionários» assimilaram maravilhosamente todos os métodos e maneiras, argumentos e sofismas dos heróis europeus da II Internacional, dos ministerialistas<sup>10</sup> e da restante canalha oportunista. Tudo o que lemos agora sobre os Scheidemann e os Noske, Kautsky e Hilferding, Renner e Austerlitz, Otto Bauer e Frirz Adler, Turati e Longuet, sobre os fabianos e os chefes do Partido Trabalhista Independente na Inglaterra, tudo isto nos parece (e é-o na realidade) uma fastidiosa repetição, uma cópia de um velho tema já conhecido. Tudo isso o tínhamos visto já nos mencheviques. A história pregou-lhes uma partida e obrigou os oportunistas de um país atrasado a anteciparem os oportunistas de uma série de países avançados.

Se todos os heróis da II Internacional caíram na bancarrota e se cobriram de vergonha na questão do papel e importância dos Sovietes e do Poder Soviético, se se cobriram de vergonha com um «brilho» especial e se enredaram nessa questão os chefes dos três muito importantes partidos que agora saíram da II Internacional (designadamente: o Partido Social-Democrata Independente alemão, o partido longuetista francês e o Partido Trabalhista Independente inglês), se todos eles se revelaram escravos dos preconceitos da democracia pequeno-burguesa (exactamente no espírito dos pequenos burgueses de 1848, que se chamavam a si próprios «sociais-democratas»), nós vimos **já tudo isto** no exemplo dos mencheviques. A história pregou esta partida: os Sovietes nasceram na Rússia em 1905, foram falsificados em Fevereiro-Outubro de 1917 pelos mencheviques, que fracassaram em consequência de não terem sabido compreender o seu papel e importância, e agora nasceu **em todo o mundo** a ideia do Poder Soviético, que se estende com rapidez inusitada entre o proletariado de todos os países, e os velhos heróis da II Internacional fracassaram igualmente **em toda a parte** por não terem sabido compreender, tal como os nossos mencheviques, o papel e a importância dos Sovietes. A experiência demonstrou que em algumas questões essenciais da revolução proletária **todos** os países deverão inevitavelmente passar por aquilo por que a Rússia passou.

---

8 **Partido Trabalhista Independente da Inglaterra** (Independent Labour Party – ILP): organização reformista, criada em 1893 pela direcção das «novas trade-unions». O partido foi encabeçado por James Keir Hardie e Ramsey MacDonald. O PTI dedicava uma atenção fundamental às formas parlamentares de luta e aos compromissos parlamentares com o Partido Liberal. Em 1920, o PTI saiu da II Internacional e aderiu à chamada Internacional II e meia.

9 **Fabianos**: membros da Sociedade Fabiana, organização reformista inglesa fundada em 1884. Os membros da Sociedade Fabiana eram principalmente representantes da intelectualidade burguesa, cientistas, escritores, políticos (S. e B. Webb, R. MacDonald, Bernard Shaw e outros). Rejeitavam a necessidade da luta de classe do proletariado e da revolução socialista, afirmando que a transição do capitalismo para o socialismo pode efectuar-se apenas por meio de pequenas reformas e transformações graduais da sociedade. Em 1900 a Sociedade Fabiana aderiu ao Partido Trabalhista.

10 **«Ministerialismo»** («socialismo ministerial» ou «millerandismo»): táctica oportunista de participação dos socialistas nos governos reaccionários burgueses. Este termo surgiu em 1899, quando o socialista francês Millerand passou a fazer parte do governo burguês chefiado por Waldeck-Rousseau.

Os bolcheviques iniciaram a sua luta vitoriosa contra a república parlamentar (de facto) burguesa e contra os mencheviques com muita prudência e não foi nada simples prepará-la - apesar das concepções que se encontram frequentemente agora na Europa e na América. No princípio do período indicado **não** apelámos para o derrubamento do governo, mas explicámos a impossibilidade do seu derrubamento **sem** modificar previamente a composição e o estado de espírito dos Sovietes. Não proclamámos o boicote do parlamento burguês, da Constituinte, mas dissemos - a partir da Conferência de Abril (1917) do nosso Partido dissemo-lo oficialmente em nome do partido - que uma república burguesa com uma Constituinte era melhor do que a mesma república sem Constituinte, mas que a república «operária e camponesa» soviética era melhor do que qualquer república democrático-burguesa, parlamentar. Sem esta preparação prudente, minuciosa, circunspecta e prolongada não teríamos podido alcançar a vitória em Outubro de 1917 nem conservar esta vitória.

#### IV

### EM LUTA CONTRA QUE INIMIGOS DENTRO DO MOVIMENTO OPERÁRIO CRESCER, SE REFORÇOU E TEMPEROU O BOLCHEVISMO?

Em primeiro lugar e sobretudo em luta contra o oportunismo, que em 1914 se transformou definitivamente em social-chauvinismo, passou definitivamente para o lado da burguesia contra o proletariado. Este era, naturalmente, o principal inimigo do bolchevismo dentro do movimento operário. Continua a ser o principal inimigo à escala internacional. O bolchevismo prestou e presta a este inimigo a maior atenção. Este aspecto da actividade dos bolcheviques é já bastante bem conhecido também no estrangeiro.

Outra coisa é preciso dizer sobre outro inimigo do bolchevismo dentro do movimento operário. No estrangeiro sabe-se de modo ainda muito insuficiente que o bolchevismo cresceu, se formou e se temperou em longos anos de luta contra o **revolucionarismo pequeno-burguês**, parecido com o anarquismo ou que dele adoptou alguma coisa e se afasta em tudo quanto é essencial das condições e exigências de uma luta de classe consequente do proletariado. Para os marxistas está inteiramente estabelecido do ponto de vista teórico - inteiramente confirmado pela experiência de todas as revoluções e movimentos revolucionários da Europa - que o pequeno proprietário, o pequeno patrão (tipo social que em muitos países europeus existe numa escala muito ampla, de massas), que sofre sob o capitalismo uma pressão contínua e frequentemente uma deterioração incrivelmente brusca e rápida das condições de vida e a ruína, passa com facilidade a um revolucionarismo extremo, mas é incapaz de manifestar perseverança, espírito de organização, disciplina e firmeza. O pequeno burguês «enfurecido» pelos horrores do capitalismo é, tal como o anarquismo, um fenómeno social próprio de todos os países capitalistas. A inconstância deste revolucionarismo, a sua esterilidade, a propriedade de se transformar rapidamente em submissão, em apatia, em fantasia, mesmo num entusiasmo «furioso» por uma ou outra corrente burguesa «na moda» - tudo isto é do conhecimento geral. Mas o reconhecimento teórico, abstracto, destas verdades não livra ainda de modo nenhum os partidos revolucionários dos velhos erros, que voltam sempre a aparecer por motivos inesperados, com uma forma ligeiramente nova, com uma roupagem ou um ambiente anteriormente desconhecidos, numa situação original - mais ou menos original.

O anarquismo foi frequentemente uma espécie de castigo pelos pecados oportunistas do movimento operário. Ambas as monstruosidades se completavam mutuamente. E se na Rússia, apesar da composição mais pequeno-burguesa da sua população em comparação com os países europeus, o anarquismo gozou, no período de ambas as revoluções (1905 e 1917) e durante a preparação para elas, de uma influência relativamente insignificante, o mérito disso pode sem dúvida ser atribuído em parte ao bolchevismo, que sempre lutou da forma mais impiedosa e irreconciliável contra o oportunismo. Digo «em parte», porque desempenhou um papel ainda mais importante para enfraquecer o anarquismo na Rússia o facto de que ele teve possibilidade no passado (nos anos 70



do século XIX) de se desenvolver de modo extraordinariamente exuberante e de revelar até ao fim a sua falsidade e a sua incapacidade como teoria dirigente para a classe revolucionária.

Ao surgir, em 1903, o bolchevismo assimilou a tradição de luta implacável contra o revolucionarismo pequeno-burguês, semianarquista (ou capaz de namorar o anarquismo), tradição que tinha existido sempre na social-democracia revolucionária e que se consolidou particularmente no nosso país em 1900-1903, quando se assentaram as bases do partido de massas do proletariado revolucionário na Rússia. O bolchevismo assimilou e continuou a luta contra o partido que mais exprimia as tendências do revolucionarismo pequeno-burguês, isto é, contra o partido dos «socialistas-revolucionários», em três pontos principais. Em primeiro lugar, este partido, que negava o marxismo, obstinava-se em não querer (talvez fosse mais justo dizer-se que não podia) compreender a necessidade de ter em conta com estrita objectividade as forças de classe e as suas relações mútuas antes de empreender qualquer acção política. Em segundo lugar, este partido via o seu «revolucionarismo» ou «esquerdismo» particular no reconhecimento por si do terror individual, dos atentados que nós, marxistas, repudiávamos categoricamente. E claro que nós repudiávamos o terror individual só por motivos de razoabilidade, mas as pessoas que eram capazes de condenar «por princípio» o terror da grande revolução francesa ou, em geral, o terror por parte de um partido revolucionário vitorioso, assediado pela burguesia de todo o mundo, essas pessoas foram já ridicularizadas e postas no pelourinho por Plekhánov em 1900-1903, quando Plekhánov era marxista e revolucionário. Em terceiro lugar, os «socialistas-revolucionários» viam o «esquerdismo» rir-se dos pecados oportunistas, relativamente pequenos, da social-democracia alemã, ao mesmo tempo que imitavam os oportunistas extremos desse mesmo partido, por exemplo, na questão agrária ou na questão da ditadura do proletariado.

A história, diga-se de passagem, confirmou hoje em grande escala, à escala histórico-mundial, a opinião que sempre defendemos, a saber: que a social-democracia **revolucionária** alemã (e note-se que Plekhánov exigia já em 1900-1903 a expulsão de Bernstein do partido, e que os bolcheviques, seguindo sempre esta tradição, desmascararam em 1913 toda a baixeza, a infâmia e a traição de Legien<sup>11</sup>) - que a social-democracia revolucionária alemã estava **mais perto que ninguém** do partido de que o proletariado revolucionário necessitava para poder vencer. Agora, em 1920, depois de todos os fracassos e crises vergonhosas da época da guerra e dos primeiros anos depois da guerra, vê-se com clareza que, de todos os partidos ocidentais, a social-democracia revolucionária alemã é precisamente a que deu os melhores chefes e a que se recompôs, se restabeleceu e se fortaleceu de novo antes dos outros. Isso vê-se tanto no partido dos spartakistas como na ala esquerda, proletária, do «Partido Social-Democrata Independente da Alemanha», que trava uma luta sem desfalecimento contra o oportunismo e a falta de carácter dos Kautsky, dos Hilferding, dos Ledebour e dos Crispian. Se lançarmos agora um olhar de conjunto a um período histórico completamente terminado, ou seja, desde a Comuna de Paris até à primeira República Socialista Soviética, adquire um contorno perfeitamente determinado e indiscutível a atitude do marxismo em relação ao anarquismo. No fim de contas, o marxismo provou ter razão, e se os anarquistas assinalavam com justeza o carácter oportunista das concepções socialistas, deve assinalar-se, em primeiro lugar, que esse carácter oportunista estava ligado a uma deformação e até a uma clara ocultação das concepções de Marx sobre o Estado (no meu livro *O Estado e a Revolução* observei que Bebel conservou numa gaveta durante 36 anos, de 1875 a 1911, uma carta de Engels<sup>12</sup> que denunciava com particular relevo, vigor, franqueza e clareza o oportunismo das concepções sociais-democratas correntes sobre o Estado<sup>13</sup>); em segundo lugar, que a rectificação destas concepções

11 Trata-se aparentemente do artigo de Lénine «*O Que Não Se Deve Imitar no Movimento Operário Alemão*», publicado em Abril de 1914 na revista bolchevique *Prosvechtchénic* (Educação). Neste artigo denunciava-se a traição do social-democrata alemão K. Legien, que pronunciou no Congresso dos Estados Unidos, durante a sua viagem à América do Norte, em 1912, um discurso de saudação aos meios oficiais e aos partidos burgueses.

12 Trata-se da carta de F. Engels a A. Bebel de 18-28 de Março de 1875. In Karl Marx/Friedrich Engels, *Werke*, Bd. 34, S. 125-131.

13 Ver *Obras Escolhidas* de V.I. Lénine em três tomos, t. 2, pp. 265-267. (N. Ed.)

oportunistas, o reconhecimento do Poder Soviético e da sua superioridade sobre a democracia parlamentar burguesa, tudo isto partiu com a maior rapidez e amplitude precisamente do seio das tendências mais marxistas existentes entre os partidos socialistas europeus e americanos.

Houve dois casos em que a luta do bolchevismo contra os desvios «de esquerda» do seu próprio partido adquiriu dimensões particularmente grandes: em 1908, em torno da questão da participação num «parlamento» reaccionaríssimo e nas sociedades operárias legais regidas por leis reaccionaríssimas, e em 1918 (Paz de Brest), em torno da questão da admissibilidade deste ou daquele «compromisso».

Em 1908, os bolcheviques «de esquerda» foram expulsos do nosso partido pela sua obstinação em não quererem compreender a necessidade de participar num «parlamento» reaccionaríssimo<sup>14</sup>. Os «esquerdas», entre os quais havia muitos excelentes revolucionários que foram depois (e continuam a ser) honrosamente membros do partido comunista, apoiavam-se particularmente na feliz experiência do boicote em 1905. Quando o tsar anunciou, em Agosto de 1905, a convocação de um «parlamento»<sup>15</sup> consultivo, os bolcheviques - contra todos os partidos da oposição e contra os mencheviques - anunciaram o boicote dele e a revolução de Outubro de 1905<sup>16</sup> de facto varreu-o. Então o boicote revelou-se justo, não porque seja correcta em geral a não participação nos parlamentos reaccionários, mas porque foi correctamente considerada a situação objectiva, que conduzia à rápida transformação das greves de massas em greve política, depois em greve revolucionária, e depois em insurreição. Além disso, o motivo da luta era, nessa altura, saber se haveria que deixar nas mãos do tsar a convocação da primeira instituição representativa ou tentar arrancar esta convocação das mãos do velho poder. Porquanto não havia nem podia haver a certeza da existência de uma situação objectiva análoga, nem de uma direcção e ritmo idênticos do seu desenvolvimento, o boicote deixava de ser justo.

O boicote bolchevique ao «parlamento» em 1905 enriqueceu o proletariado revolucionário com uma experiência política extraordinariamente preciosa, mostrando que na combinação das formas legais e ilegais, parlamentares e extraparlamentares de luta, é por vezes útil e até obrigatório saber

---

14 Trata-se dos otzovistas e ultimativistas. A luta contra eles, desenvolvida em 1908, levou em 1909 a que o chefe dos otzovistas, A. Bogdánov, fosse expulso das fileiras dos bolcheviques. Encobrendo-se com frases revolucionárias, os otzovistas exigiam que os deputados sociais-democratas fossem retirados (em russo otzovzat) da III Duma de Estado e que se pusesse fim ao trabalho nas organizações legais - sindicatos, cooperativas, etc.

O ultimativismo era uma variedade do otzovismo. Os ultimativistas, que não compreendiam a necessidade de realizar um trabalho diário e persistente com os deputados sociais-democratas, de os educar como parlamentares revolucionários consequentes, propunham a apresentação à fracção social-democrata da Duma de um ultimato, exigindo a sua subordinação incondicional às resoluções do CC do partido e, caso o não cumprissem, que se retirassem da Duma os deputados sociais-democratas. A reunião alargada da redacção do jornal bolchevique *Proletári*, realizada em Junho de 1909, assinalou na sua resolução que «o bolchevismo, como corrente determinada no POSDR, não tem nada de comum com o otzovismo e o ultimativismo» e chamou os bolcheviques a «travarem a mais decidida luta contra esses desvios do caminho do marxismo revolucionário».

15 A 6 (19) de Agosto de 1905 foi publicado um manifesto-lei do tsar, pelo qual se instituía a Duma de Estado e o regulamento das eleições para a mesma. A Duma recebeu a designação de Duma de Bulíguine, porque o tsar tinha encarregado o ministro do Interior, A. G. Bulíguine, da elaboração do projecto da Duma. Segundo o projecto, a Duma não tinha poder para aprovar quaisquer leis e só podia discutir algumas questões como órgão consultivo do tsar. Os bolcheviques exortaram os operários e camponeses a boicotar activamente a Duma de Bulíguine, concentrando toda a campanha de agitação em torno das palavras de ordem de insurreição armada, exército revolucionário, Governo Provisório revolucionário. A campanha de boicote à Duma de Bulíguine foi utilizada pelos bolcheviques para mobilizar todas as forças revolucionárias, realizar greves políticas de massas e preparar a insurreição armada. O desenvolvimento da revolução e a greve política de Outubro de 1905 varreram a Duma de Bulíguine ainda antes de ela se ter reunido.

16 Trata-se da greve política geral de Outubro de 1905, durante a primeira revolução russa. O número de participantes na greve geral de Outubro ultrapassou dois milhões de pessoas. A greve de Outubro decorreu sob as palavras de ordem de derrubamento da autocracia, de boicote activo à Duma de Bulíguine, de convocação da Assembleia Constituinte e de instauração da república democrática. A greve política em toda a Rússia revelou a força e o poder do movimento operário e impulsionou o desenrolar da luta revolucionária no campo, no exército e na armada.

renunciar às formas parlamentares. Mas transpor cegamente, por simples imitação, sem espírito crítico, essa experiência para **outras** condições, para **outra** situação, é o maior dos erros. Foi já um erro, se bem que pequeno e facilmente reparável<sup>17</sup>, o boicote pelos bolcheviques à «Duma» em 1906. Foi um erro muito sério e dificilmente reparável o boicote de 1907, 1908 e anos seguintes, quando, por um lado, não havia que esperar um ascenso muito rápido da vaga revolucionária e a sua passagem a insurreição, e quando, por outro lado, a necessidade de combinar o trabalho legal e ilegal decorria de toda a situação histórica da monarquia burguesa renovada. Agora, quando se olha para trás para este período histórico inteiramente terminado, cuja ligação com os períodos posteriores já se manifestou plenamente, torna-se particularmente claro que os bolcheviques **não teriam podido** conservar (já não digo: consolidar, desenvolver e fortalecer) o núcleo sólido do partido revolucionário do proletariado em 1908-1914, se não tivessem defendido na mais dura luta a **obrigatoriedade** de unir as formas ilegais de luta com as formas legais, com a participação **obrigatória** num parlamento reaccionaríssimo e numa série de outras instituições regidas por leis reaccionárias (caixas de seguros, etc.).

Em 1918, as coisas não chegaram à cisão. Os comunistas «de esquerda» constituíram então apenas um grupo separado ou «fracção» dentro do nosso partido, e por pouco tempo. No mesmo ano de 1918, os representantes mais destacados do «comunismo de esquerda», por exemplo, os camaradas Rádek e Bukhárine, reconheceram abertamente o seu erro. Parecia-lhes que a Paz de Brest era um compromisso com os imperialistas, inadmissível por princípio e prejudicial para o partido do proletariado revolucionário. Era de facto um compromisso com os imperialistas, mas precisamente um compromisso tal e em tais condições que era obrigatório.

Actualmente, quando ouço ataques à nossa táctica ao assinar a Paz de Brest, por parte, por exemplo, dos «socialistas-revolucionários», ou quando ouço uma observação do camarada Lansbury que ele me fez numa conversa comigo - «os chefes das nossas trade-unions inglesas dizem que os compromissos, se foram admissíveis para os bolcheviques, também são admissíveis para eles» - responde habitualmente, antes de mais, com uma comparação simples e «popular»:

Imaginaí que o vosso automóvel é detido por bandidos armados. Dai-lhes o dinheiro, o passaporte, o revólver e o automóvel. Recebeis a libertação da agradável vizinhança dos bandidos. Trata-se, sem dúvida, de um compromisso. «*Do ut des*» («dou-te» dinheiro, as armas e o automóvel «para que me dêis» a possibilidade de me retirar são e salvo). Mas dificilmente se encontraria um homem que não esteja louco que declarasse semelhante compromisso «inadmissível por princípio» ou declarasse que a pessoa que concluiu tal compromisso era cúmplice dos bandidos (ainda que os bandidos, uma vez senhores do automóvel, pudessem utilizá-lo e às armas para novos roubos). O nosso compromisso com os bandidos do imperialismo alemão foi semelhante a este compromisso.

Mas quando os mencheviques e os socialistas-revolucionários na Rússia, os scheidemannistas (e, em medida considerável, os kautskistas) na Alemanha, Otto Bauer e Friedrich Adler (sem falar já dos senhores Renner e C<sup>a</sup>) na Áustria, os Renaudel, Longuet e C<sup>a</sup> em França, os fabianos, os «independentes» e os «trabalhistas» («labouristas»)<sup>18</sup> na Inglaterra concluíram em 1914-1918 e em 1918-1920 **compromissos** com os bandidos da sua própria burguesia e por vezes também da

17 É aplicável à política e aos partidos - com as modificações correspondentes - o que diz respeito a pessoas. Inteligente não é aquele que não comete erros. Não há nem pode haver tais pessoas. É inteligente quem comete erros não muito essenciais e quem sabe corrigi-los fácil e rapidamente.

18 «**Laboristas**»: membros do Partido Trabalhista da Inglaterra (Labour Party), fundado em 1900 como uma associação de sindicatos, organizações e grupos socialistas cujo propósito era assegurar a eleição de representantes operários para o Parlamento («Comité de representação operária»). Em 1906, o Comité adoptou o nome de Partido Trabalhista. Os membros das trade-unions são automaticamente membros do partido sempre que paguem a quotização respectiva. Desde que surgiu o partido, os seus dirigentes seguem uma política de colaboração de classe com a burguesia. Durante a guerra mundial imperialista (1914-1918) os chefes do Partido trabalhista (A. Henderson e outros), adoptando uma posição social-chauvinista, fizeram parte do governo; com o seu apoio activo foram promulgadas diversas leis contra os operários (sobre a militarização do país, etc.).

burguesia «aliada» **contra** o proletariado revolucionário do seu próprio país, todos esses senhores actuaram como **cúmplices dos bandidos**.

A conclusão é clara: negar os compromissos «por princípio», negar a admissibilidade dos compromissos em geral, quaisquer que sejam, é uma criancice que até é difícil de levar a sério. O político que queira ser útil ao proletariado revolucionário deve saber distinguir os casos **concretos** precisamente dos compromissos que são inadmissíveis, nos quais se exprime o oportunismo e a **traição**, e dirigir toda a força da crítica, toda a agudeza de um desmascaramento implacável e de uma guerra sem quartel **contra estes** compromissos **concretos**, não permitindo aos experientes socialistas «práticos» e aos jesuítas parlamentares esquivarem-se, eludirem a responsabilidade por meio de raciocínios sobre «os compromissos em geral». Os senhores «chefes» das trade-unions inglesas, tal como os da sociedade fabiana e do partido trabalhista «independente», esquivam-se precisamente assim à responsabilidade pela **traição que cometeram**, por terem concluído um compromisso tal que significa de facto o pior oportunismo, renegação e traição.

Há compromissos e compromissos. É preciso saber analisar a situação e as condições concretas de cada compromisso ou de cada variedade de compromissos. É preciso aprender a distinguir o homem que deu aos bandidos o dinheiro e as armas para diminuir o mal causado pelos bandidos e facilitar a captura e o fuzilamento dos bandidos, do homem que dá aos bandidos o dinheiro e as armas para participar na partilha do saque. Em política, isto está muito longe de ser sempre tão fácil como este pequeno exemplo de uma simplicidade infantil. Mas seria simplesmente um charlatão quem pretendesse inventar para os operários uma receita que desse antecipadamente soluções prontas para todos os casos da vida ou promettesse que na política do proletariado revolucionário não haveria nenhuma dificuldades e nenhuma situações complicadas.

Para não deixar lugar a mal-entendidos, tentarei esboçar, ainda que muito brevemente, algumas teses fundamentais para a análise dos compromissos concretos.

O partido que concluiu com os imperialistas alemães um compromisso que consistia em assinar a Paz de Brest, tinha vindo a elaborar na prática o seu internacionalismo desde fins de 1914. Ele não temeu proclamar a derrota da monarquia tsarista e estigmatizar a «defesa da pátria» na guerra entre dois abutres imperialistas. Os deputados deste partido no parlamento foram para a Sibéria, em vez de para caminhos que conduzem às pastas ministeriais num governo burguês. A revolução, ao derrubar o tsarismo e criar a república democrática, submeteu este partido a uma nova e grande prova: não entrou em nenhum acordo com os «seus» imperialistas, mas preparou o seu derrubamento e derrubou-os. Tendo tomado o poder político, este partido não deixou pedra sobre pedra nem da propriedade latifundiária nem da propriedade capitalista. Depois de publicar e anular os tratados secretos dos imperialistas, este partido propôs a paz a **todos** os povos e só se submeteu à violência dos abutres de Brest depois de os imperialistas anglo-franceses terem torpedeado a paz e de os bolcheviques terem feito tudo o que era humanamente possível para acelerar a revolução na Alemanha e noutros países. A plena justeza de tal compromisso, concluído por tal partido em tal situação, torna-se cada dia mais clara e evidente para todos.

Os mencheviques e socialistas-revolucionários na Rússia (tal como todos os chefes da II Internacional em todo o mundo em 1914-1920) começaram pela traição, justificando directa ou indirectamente a «defesa da pátria», isto é, a defesa da **sua** burguesia expoliadora. Eles prosseguiram a traição coligando-se com a burguesia do **seu** país e lutando juntamente com a **sua** burguesia contra o proletariado revolucionário do seu país. O seu bloco, primeiro com Kérenski e os democratas-constitucionalistas, depois com Koltchak e Deníkine na Rússia, bem como o bloco dos seus correligionários estrangeiros com a burguesia dos **seus** países, foi uma passagem para o lado da burguesia contra o proletariado. O **seu** compromisso com os bandidos do imperialismo consistiu, desde o princípio até ao fim, em que eles se tornaram **cúmplices** do banditismo imperialista.

V  
**O COMUNISMO «DE ESQUERDA». NA ALEMANHA.  
CHEFES - PARTIDO - CLASSE - MASSA**

Os comunistas alemães, de quem devemos falar agora, não se chamam a si próprios «de esquerda» mas - se não me engano - «oposição de princípio»<sup>19</sup>. Mas pela exposição que se segue se verá que têm todos os sintomas da «doença infantil do esquerdismo».

A brochura intitulada *Uma Cisão no Partido Comunista da Alemanha (Liga dos Spartakistas)*, que reflecte o ponto de vista desta oposição e foi editada pelo «Grupo Local de Frankfurt-am-Main», expõe com extremo relevo, precisão, clareza e concisão a essência das concepções desta oposição. Algumas citações serão suficientes para dar a conhecer ao leitor essa essência.

*«O Partido Comunista é o partido da luta de classes mais decidida ...»*

*«... Politicamente, este período de transição» (entre o capitalismo e o socialismo) «é o período da ditadura proletária...»*

*«... Surge a questão: quem deve exercer a ditadura: o **partido comunista ou a classe operária?** ... **Por princípio, dever-se-á tender para a ditadura do partido comunista ou para a ditadura da classe proletária?...**»*

(Todos os sublinhados da citação são do original.)

Mais adiante, o autor da brochura acusa o CC do Partido Comunista da Alemanha de que este CC procura o caminho de uma **coligação** com o **Partido Social-Democrata Independente da Alemanha**, de que «a **questão do reconhecimento em princípio de todos os meios políticos**» de luta, incluindo o do parlamentarismo, foi posta por este CC apenas para ocultar as suas verdadeiras e principais intenções de se coligar com os independentes. E a brochura continua:

*«A oposição escolheu outro caminho. Sustenta a opinião de que a questão da dominação do partido comunista e da ditadura do proletariado é apenas uma questão de tática. Em todo o caso, a dominação do partido comunista é a última forma de qualquer dominação de partido. **Por princípio deve-se tender para a ditadura da classe proletária.** E todas as medidas do partido, as suas organizações, a sua forma de luta, a sua estratégia e tática devem ser orientadas para esse fim. De acordo com isso, há que repudiar da forma mais decidida qualquer compromisso com os outros partidos, qualquer regresso às formas de luta, histórica e politicamente caducas, do parlamentarismo, qualquer política de manobra e conciliação.» «Os métodos especificamente proletários da luta revolucionária devem ser fortemente sublinhados. E para incluir os mais*

---

<sup>19</sup> «Oposição de princípio»: grupo de comunistas «de esquerda» alemães que defendiam concepções anarco-sindicalistas. O II Congresso do Partido Comunista da Alemanha, realizado em Outubro de 1919 na cidade de Heidelberg, expulsou das suas fileiras esta oposição, a qual formou em Abril de 1920 o chamado Partido Comunista Operário da Alemanha (PCOA). Em Novembro de 1920, com o objectivo de facilitar a unificação de todas as forças comunistas da Alemanha e de ir ao encontro dos melhores elementos proletários do PCOA, a oposição foi admitida provisoriamente na Internacional Comunista como membro simpatizante. No entanto, o CEIC considerava como única secção de pleno direito o Partido Comunista Unificado da Alemanha. Os representantes do PCOA foram admitidos na Internacional Comunista com a condição de se fundirem com o Partido Comunista Unificado da Alemanha e de o apoiarem em todas as suas acções. Contudo, os chefes do PCOA não seguiram as indicações do Comité Executivo da Internacional Comunista. O III Congresso da Internacional Comunista (Junho a Julho de 1921), lutando por atrair os operários que ainda seguiam O PCOA, resolveu conceder a este um prazo de dois meses para que convocasse um congresso e resolvesse o problema da fusão. Os dirigentes do PCOA não cumpriram a resolução do II Congresso, e colocaram-se desse modo eles próprios fora da Internacional Comunista. Posteriormente, o PCOA degenerou num grupelho insignificante e sectário que carecia de todo o apoio da classe operária.

*amplos círculos e camadas proletárias, que devem incorporar-se na luta revolucionária sob a direcção do partido comunista, devem ser criadas novas formas organizativas na base mais ampla e com os mais amplos limites. Este lugar de agrupamento de todos os elementos revolucionários é a **união operária**, construída na base das organizações de fábrica. Nela se devem unir todos os operários que seguem a palavra de ordem: fora dos sindicatos! E aqui que se forma o proletariado militante nas mais amplas fileiras de combate. Para ser admitido basta o reconhecimento da luta de classes, do sistema soviético e da ditadura. Toda a educação política ulterior das massas militantes e a sua orientação política na luta é tarefa do partido comunista, que se encontra fora da união operária...»*

*«... Dois partidos comunistas estão agora, conseqüentemente, um contra o outro:*

***Um é o partido dos chefes**, que procura organizar a luta revolucionária e dirigi-la **a partir de cima**, aceitando os compromissos e o parlamentarismo para criar situações que lhes permitam entrar num governo de coligação, em cujas mãos se encontre a ditadura.*

***Outro é um partido de massas**, que espera o ascenso da luta revolucionária **a partir de baixo**, conhecendo e aplicando para esta luta um só método que conduz claramente ao fim, rejeitando todos os métodos parlamentares e oportunistas; esse método único é o método do **derrubamento incondicional da burguesia** para implantar depois a ditadura proletária de classe para realizar o socialismo ...»*

*«... Ali, a ditadura dos chefes - aqui a ditadura das massas! tal é a nossa palavra de ordem.»*

Tais são as teses mais essenciais que caracterizam as concepções da oposição no partido comunista alemão.

Todo o bolchevique que tenha participado conscientemente ou observado de perto o desenvolvimento do bolchevismo desde 1903, dirá imediatamente ao ler estes raciocínios: «que salsada tão velha e tão conhecida! Que infantilismo «de esquerda»!

Mas examinemos mais de perto os raciocínios citados. Já a simples colocação da questão - «ditadura do partido **ou** ditadura da classe? ditadura (partido) dos chefes **ou** ditadura (partido) das massas?» - testemunha a mais incrível e desesperada confusão de ideias. Há pessoas que se esforçam por inventar algo de inteiramente singular e que, no seu afã de filosofar, se tornam ridículas. Toda a gente sabe que as massas se dividem em classes; - que só se pode contrapor as massas e as classes contrapondo a imensa maioria em geral, não dividida segundo a situação no regime social de produção, a categorias que ocupam uma posição particular no regime social de produção; - que as classes são, habitualmente e na maioria dos casos, pelo menos nos países civilizados modernos, dirigidas por partidos políticos; - que os partidos políticos são dirigidos, regra geral, por grupos mais ou menos estáveis, compostos pelas pessoas mais prestigiadas, influentes e experientes, eleitas para os cargos de maior responsabilidade e chamadas chefes. Tudo isto é o á-bê-cê. Tudo isto é simples e claro. Que necessidade havia de colocar em seu lugar não sei que algaraviada, não sei que novo *volapük*<sup>20</sup>. Por um lado, essas pessoas embrulharam-se, pelos vistos, ao cair numa situação difícil, quando a rápida sucessão da situação legal e ilegal do partido perturba as relações habituais, normais e simples entre os chefes, os partidos e as classes. Na Alemanha, tal como noutros países europeus, está-se excessivamente habituado à legalidade, à eleição livre e normal dos «chefes» por congressos regulares dos partidos, à verificação cómoda da composição de classe dos partidos por meio das eleições para o parlamento, dos comícios, da imprensa, o estado de espírito dos sindicatos e outras associações, etc. Quando, em virtude da marcha tempestuosa da revolução e do desenvolvimento da guerra civil, foi preciso passar rapidamente dessa rotina para a

---

20 **Vulapük**: língua universal inventada em 1879 por Johann Martin Schleyer.

sucessão da legalidade e da ilegalidade, para a sua combinação, para processos «pouco cómodos», «não democráticos», para designar ou formar ou conservar os «grupos de dirigentes», as pessoas perderam a cabeça e começaram a inventar um absurdo extraordinário. Provavelmente, alguns membros do partido comunista holandês, que tiveram a pouca sorte de nascer num país pequeno, com uma tradição e condições de situação legal particularmente privilegiada e particularmente estável e que nunca viram a sucessão da situação legal e ilegal, embrulharam-se e perderam a cabeça, favorecendo invenções absurdas.

Por outro lado, salta à vista o uso irreflectido e incoerente de algumas palavrinhas que hoje em dia estão «na moda» sobre a «massa» e os «chefes». As pessoas ouviram e aprenderam de cor muitos ataques contra os «chefes», a sua contraposição à «massa», mas não souberam reflectir acerca do sentido de tudo isso e ver as coisas claras.

A divergência entre os «chefes» e a «massa» manifestou-se de modo particularmente claro e nítido em todos os países no final da guerra imperialista e depois dela. A causa fundamental deste fenómeno foi muitas vezes explicada por Marx e Engels em 1852-1892 tomando o exemplo da Inglaterra. A situação monopolista da Inglaterra deu origem a uma «aristocracia operária», semipequeno-burguesa, oportunista, saída da «massa». Os chefes desta aristocracia operária passavam-se constantemente para o lado da burguesia, e eram directa ou indirectamente pagos por ela. Marx conquistou o honroso ódio desses canalhas por os haver estigmatizado abertamente como traidores. O imperialismo moderno (do século XX) criou uma situação privilegiada, monopolista, para alguns países avançados, e sobre esse terreno surgiu em toda a parte na II Internacional o tipo de chefes-traidores, oportunistas, sociais-chauvinistas, que defendem os interesses da sua cooperação, da sua camada de aristocracia operária. Criou-se um isolamento dos partidos oportunistas em relação às «massas», isto é, às camadas mais vastas dos trabalhadores, à sua maioria, aos operários mais mal pagos. A vitória do proletariado revolucionário é impossível sem lutar contra este mal, sem desmascarar, cobrir de vergonha e expulsar os chefes oportunistas sociais-traidores; essa política é precisamente a que a III Internacional tem aplicado.

Mas chegar a este propósito à contraposição **em geral** da ditadura das massas à ditadura dos chefes é um absurdo ridículo e uma estupidez. É particularmente divertido que, de facto, em vez dos velhos chefes que se atêm a ideias comuns sobre as coisas simples, se destacam (dissimulando-o sob a capa da palavra de ordem de «abaixo os chefes») **novos chefes**, que dizem disparates e baralhadas extraordinários. Tais são, na Alemanha, Laufenberg, Wolffheim, Horner, Karl Schröder, Friedrich Wendel, Karl Erler<sup>21</sup>. As tentativas deste último para «aprofundar» a questão e declarar em geral a inutilidade e o «burguesismo» dos partidos políticos representam tais colunas de Hércules da estupidez que ficamos sem saber o que dizer. Como é bem verdade que de um pequeno erro se pode sempre fazer um erro monstruosamente grande, se se insiste no erro, se se o fundamenta aprofundadamente, se se o «leva até ao fim!»

Negar a necessidade do partido e a disciplina de partido, aí está o resultado **a que chegou a** oposição. E isto equivale a desarmar por completo o proletariado **em proveito da burguesia**. Equivale precisamente à dispersão, à instabilidade, à incapacidade de autodomínio, de união, de acção organizada, próprios da pequena burguesia que, se encorajados, causarão inevitavelmente a

---

21 *Jornal Operário Comunista* (Hamburgo, 7.II.1920, n. 32: artigo «*A Dissolução do Partido*», de Karl Erler): «A classe operária não pode destruir o Estado burguês sem aniquilar a democracia burguesa e não pode aniquilar a democracia burguesa sem destruir os partidos.»

As cabeças mais confusas de entre os sindicalistas e anarquistas latinos podem dar-se por «satisfeitas»: alemães sérios que, pelos vistos, se consideram marxistas (com os seus artigos no referido jornal, K. Erler e K. Horner demonstram muito seriamente que se consideram sérios marxistas, e dizem de modo particularmente ridículo absurdos incríveis, mostrando que não perceberam nem o á-bê-cê do marxismo) chegam a afirmar coisas totalmente absurdas. Reconhecer o marxismo não chega, por si só, para impedir que se cometam erros. Os russos sabem-no particularmente bem, porque o marxismo esteve com muita frequência «na moda» no nosso país.

ruína de todo o movimento revolucionário proletário. Negar a necessidade do partido do ponto de vista do comunismo significa dar um salto das vésperas da falência do capitalismo (na Alemanha), não para a fase inferior nem média do comunismo, mas para a superior. Na Rússia (no terceiro ano depois do derrubamento da burguesia), estamos a dar ainda os primeiros passos na transição do capitalismo para o socialismo ou estágio inferior do comunismo. As classes continuam a existir e existirão **durante** anos em toda a parte **depois** da conquista do poder pelo proletariado. É possível que na Inglaterra, onde não há camponeses (mas existem, contudo, pequenos patrões!), esse prazo seja mais curto. Suprimir as classes significa não só expulsar os latifundiários e os capitalistas - isto fizemo-lo nós com relativa facilidade -, mas significa também **suprimir os pequenos produtores de mercadorias**, mas a estes **não os podemos expulsar**, não os podemos esmagar, **é preciso conviver** com eles, e só se pode (e se deve) transformá-los, reeducá-los, mediante um trabalho de organização muito longo, lento e prudente. Eles cercam o proletariado por todos os lados de uma atmosfera pequeno-burguesa, impregnam-no dela, corrompem-no com ela, provocam constantemente no seio do proletariado recaídas de pusilanimidade pequeno-burguesa, de atomização, de individualismo, de passagens da exaltação ao desânimo. Para fazer frente a isso, para permitir que o proletariado exerça acertada, eficaz e vitoriosamente o seu papel **organizador** (e este é o seu papel **principal**), são necessárias uma centralização e uma disciplina severíssimas dentro do partido político do proletariado. A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, sangrenta e não sangrenta, violenta e pacífica, militar e económica, pedagógica e administrativa contra as forças e as tradições da velha sociedade. A força do hábito de milhões e dezenas de milhões de homens é a força mais terrível. Sem um partido férreo e temperado na luta, sem um partido que goze da confiança de tudo quanto há de honrado dentro da classe, sem um partido que saiba acompanhar o estado de espírito das massas e influenciá-lo, é impossível travar essa luta com êxito. E mil vezes mais fácil vencer a grande burguesia centralizada do que «vencer» milhões e milhões de pequenos patrões, e eles, com a sua actividade quotidiana, corriqueira, imperceptível, invisível, desagregadora, realizam os **mesmos** resultados que são necessários à burguesia, que restauram a burguesia. Quem debilita, por pouco que seja, a disciplina férrea do partido do proletariado (particularmente na época da sua ditadura), ajuda de facto a burguesia contra o proletariado.

A par da questão dos chefes - partido - classe - massa, deve colocar-se a questão dos sindicatos «reaccionários». Mas primeiro permitir-me-ei fazer, à maneira de conclusão, um par de observações na base da experiência do nosso partido. No nosso partido **sempre houve** ataques contra a «ditadura dos chefes», a primeira vez que eu me lembro de tais ataques foi em 1895, quando o partido formalmente ainda não existia, mas começava já a constituir-se em Petersburgo um grupo central que tomaria nas suas mãos a direcção dos grupos distritais<sup>22</sup>. No IX congresso do nosso partido (IV.1920) houve uma pequena oposição, que também falou contra a «ditadura dos chefes», a «oligarquia», etc.<sup>23</sup>. Não há por isso nada de surpreendente, nada de novo, nada de terrível na «doença infantil» do «comunismo de esquerda» entre os alemães. Esta doença decorre sem perigo, e depois dela o organismo fica até mais forte. Por outro lado, a rápida sucessão do trabalho legal e ilegal, combinada com a necessidade de «ocultar» particularmente, de rodear de especial segredo precisamente o estado-maior, precisamente os chefes, motivou por vezes entre nós fenómenos profundamente perigosos. O pior deles foi a entrada em 1912 no CC dos bolcheviques do provocador Malinóvski. Este denunciou dezenas e dezenas dos melhores e mais abnegados camaradas, fazendo com que fossem condenados a trabalhos forçados e acelerando a morte de muitos deles. Se não causou maior dano foi porque tínhamos estabelecido correctamente a

22 Trata-se da «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária», organizada por V. I. Lênine no Outono de 1895. A «União de Luta» agrupava cerca de vinte círculos marxistas de Petersburgo. À frente da «União de Luta» encontrava-se o Grupo Central. A direcção imediata encontrava-se nas mãos de cinco membros do grupo chefiados por Lênine. A organização estava dividida em grupos de bairro. Os operários avançados (I. V. Bábuchkine, V. A. Chelgunov e outros) ligavam esses grupos às fábricas e às empresas. A «União de Luta pela Emancipação da Classe Operária» de Petersburgo era, segundo a expressão de Lênine, o embrião do partido revolucionário que se apoiava no movimento operário e dirigia a luta de classe do proletariado.

23 Ver *Obras Escolhidas* de Lênine em três tomos, t. 3, pp. 258-271. (N. Ed.)



correlação entre o trabalho legal e ilegal. Para ganhar a nossa confiança, Malinóvski, como membro do CC do partido e deputado à Duma, teve que ajudar-nos a criar jornais diários legais, que, mesmo sob o tsarismo, souberam lutar contra o oportunismo dos mencheviques e difundir os fundamentos do bolchevismo numa forma convenientemente dissimulada. Enviando com uma das mãos para os trabalhos forçados e para a morte dezenas e dezenas dos melhores militantes do bolchevismo, Malinóvski teve de ajudar com a outra mão a educação de **dezenas e dezenas** de milhares de novos bolcheviques, através da imprensa legal. Não faria mal reflectir cuidadosamente sobre este facto aos camaradas alemães (e também ingleses e americanos e franceses e italianos), que têm diante de si a tarefa de aprender a realizar um trabalho revolucionário nos sindicatos reaccionários<sup>24</sup>.

Em muitos países, incluindo os mais avançados, a burguesia envia e continuará a enviar, sem qualquer dúvida, provocadores para os partidos comunistas. Um dos meios de lutar contra este perigo é a combinação hábil do trabalho ilegal e legal.

## VI DEVERÃO OS REVOLUCIONÁRIOS TRABALHAR NOS SINDICATOS REACCIONÁRIOS?

Os «esquerdas» alemães consideram decisiva uma resposta absolutamente negativa a esta questão. Em sua opinião, as declamações e os gritos de cólera contra os sindicatos «reaccionários» e «contra-revolucionários» (isto é em K. Horner particularmente «sério» e particularmente estúpido) bastam para «demonstrar» a inutilidade e até a inadmissibilidade do trabalho dos revolucionários, dos comunistas, nos sindicatos amarelos, sociais-chauvinistas, conciliadores, do tipo dos de Legien, contra-revolucionários.

Mas por muito convencidos que os «esquerdas» alemães estejam do carácter revolucionário de semelhante táctica, ela está, na realidade, radicalmente errada e contém apenas frases ocas.

Para esclarecer isto, começarei com a nossa própria experiência, de acordo com o plano geral do presente artigo, que tem por fim aplicar à Europa Ocidental aquilo que há de universalmente aplicável, importante e obrigatório na história e na táctica actual do bolchevismo.

A correlação entre chefes - partido - classe - massas, e ao mesmo tempo a atitude da ditadura do proletariado e do seu partido relativamente aos sindicatos apresenta-se agora entre nós concretamente da seguinte forma: a ditadura é exercida pelo proletariado organizado nos Sovietes e dirigida pelo partido comunista dos bolcheviques, que, segundo os dados do último congresso do partido (IV. 1920), tem 611 mil membros. O número de membros oscilou muito quer antes quer depois da Revolução de Outubro e anteriormente foi significativamente menor, mesmo em 1918 e 1919<sup>25</sup>. Receamos ampliar excessivamente o partido porque os carreiristas e impostores, que não merecem mais que ser fuzilados, procuram inevitavelmente infiltrar-se no partido governante. A

---

24 Malinóvski esteve prisioneiro na Alemanha. Quando regressou à Rússia, sob o poder dos bolcheviques, foi imediatamente entregue aos tribunais e fuzilado pelos nossos operários. Os mencheviques atacaram-nos com especial aspereza pelo nosso erro que consistiu em que houve um provocador no CC do nosso partido. Mas quando sob Kérenski, exigimos a detenção do presidente da Duma, Rodzianko, e o seu julgamento, porque Rodzianko sabia já antes da guerra que Malinóvski era um provocador e não **informou** disto os trudoviques e operários da Duma, nem os mencheviques nem os socialistas-revolucionários, que participavam no governo com Kérenski, apoiaram a nossa exigência e Rodzianko ficou em liberdade e pode livremente ir ter com Denikine.

**Trudoviques:** grupo de democratas pequeno-burgueses nas Dumas de Estado, constituído por camponeses e intelectuais de espírito populista.

25 O número de militantes do Partido, depois da revolução democrática burguesa de Fevereiro de 1917 até 1919, evoluiu do seguinte modo: quando se realizou a VII Conferência de Toda a Rússia do POSDR (b) (Conferência de Abril) o Partido tinha 80 000 membros; na altura do VI Congresso do POSDR(b) (Julho-Agosto de 1917), cerca de 240000; na altura do VII Congresso do PCR(b), em Março de 1918, não menos de 300 000; e no VIII Congresso do PCR(b), em Março de 1919, 313 766 membros.

última vez que abrimos amplamente as portas do partido - só para os operários e camponeses - foi nos dias (Inverno de 1919) em que Iudénitch se encontrava a algumas verstas de Petrogrado e Denékine estava em Oriol (a cerca de 350 verstas de Moscovo), isto é, quando a República Soviética era ameaçada por um perigo terrível, mortal, e quando os aventureiros, os carreiristas, os impostores e, em geral, as pessoas instáveis não podiam de modo nenhum contar com uma carreira vantajosa (mas antes podiam esperar a força e as torturas) da adesão aos comunistas<sup>26</sup>. O partido, que realiza congressos anuais (no último: 1 delegado por 1000 membros) é dirigido por um Comité Central de 19 pessoas, eleito no congresso, e o trabalho corrente em Moscovo é realizado por organismos ainda mais restritos, denominados precisamente Bureau de Organização e Bureau Político, que são eleitos em sessões plenárias do CC e de cada um dos quais fazem parte cinco membros do CC. Encontramo-nos, por conseguinte, em presença da mais autêntica «oligarquia». Nenhuma importante questão política ou organizativa é resolvida por qualquer instituição estatal da nossa república sem as indicações dirigentes do CC do partido.

No seu trabalho, o partido apoia-se directamente nos **sindicatos**, que contam agora, segundo os dados do último congresso (IV. 1920), mais de 4 milhões de membros e que são formalmente **sem partido**. De facto, todas as instituições dirigentes da imensa maioria dos sindicatos e em primeiro lugar, naturalmente, o centro ou bureau sindical de toda a Rússia (CCSR - Conselho Central dos Sindicatos de Toda a Rússia) são compostos por comunistas e aplicam todas as directivas do partido. Obtém-se, no conjunto, um aparelho proletário, formalmente não comunista, flexível e relativamente amplo, poderosíssimo, por meio do qual o partido está estreitamente ligado à **classe** e à **massa** e por meio do qual se exerce, sob a direcção do partido, a **ditadura da classe**. É natural que não pudéssemos governar o país e exercer a ditadura, não já 2 1/2 anos, mas mesmo 2 1/2 meses, sem a mais estreita ligação com os sindicatos, sem o seu apoio entusiasta, sem o seu abnegadíssimo trabalho tanto na construção económica **como na militar**. Compreende-se que esta estreitíssima ligação significa na prática um trabalho de propaganda e agitação muito complexo e variado, oportunas e frequentes reuniões, não só com os dirigentes, mas em geral com os militantes influentes dos sindicatos, uma luta decidida contra os mencheviques, que têm mantido até hoje um certo número de partidários embora muito pequeno, aos quais ensinam todas as maquinações contra-revolucionárias possíveis, desde a defesa ideológica da democracia (**burguesa**) e a prédica da «independência» dos sindicatos (independência relativamente ao poder de Estado proletário!) até à sabotagem da disciplina proletária, etc., etc.

Reconhecemos que a ligação com as «massas» através dos sindicatos é insuficiente. Durante a revolução, a prática criou no nosso país uma instituição, que por todos os meios procuramos manter desenvolver e alargar, como as conferências de operários e camponeses sem partido, as quais nos permitem acompanhar o estado de espírito das massas, aproximarmo-nos delas, responder aos seus anseios, promover aos postos estatais os seus melhores elementos, etc. Num dos últimos decretos sobre a transformação do Comissariado do Povo do Controlo de Estado em «Inspeção Operária e Camponesa» é conferido às conferências sem partido deste tipo o direito de elegerem membros do Controlo de Estado para diferentes tipos de fiscalização, etc.

Além disso, como é natural, todo o trabalho do partido se realiza através dos Sovietes, que agrupam as massas trabalhadoras sem distinção de profissões. Os congressos de *uezd* dos Sovietes constituem uma instituição **democrática** como nunca se viu nas melhores repúblicas democráticas

---

26 Trata-se da «semana do Partido» realizada por resolução do VIII Congresso do PCR(b) sobre o crescimento numérico do Partido. Esta campanha decorreu durante a intensa luta do povo soviético contra a intervenção militar estrangeira e a contra-revolução interna. As semanas do Partido realizaram-se de Agosto a Novembro de 1919. Como resultado das semanas do Partido, só em 38 províncias da parte europeia da RSFSR ingressaram no Partido mais de 200 000 pessoas, mais de metade das quais eram operários industriais. Na frente entraram para o Partido cerca de 25 % dos efectivos do Exército e da Armada. Lénine escrevia que os operários e camponeses que entraram no Partido no momento tão duro «constituem os melhores e os mais seguros quadros de dirigentes do proletariado revolucionário e da parte não exploradora dos camponeses».

do mundo burguês, e através desses congressos (que o partido procura acompanhar com a maior atenção possível), bem como pela nomeação constante de operários conscientes para toda a espécie de cargos no campo, exerce-se o papel dirigente do proletariado relativamente ao campesinato, exerce-se a ditadura do proletariado urbano, a luta sistemática contra o campesinato rico, burguês, explorador e especulador, etc.

Tal é o mecanismo geral do poder de Estado proletário examinado «de cima», do ponto de vista do exercício prático da ditadura. É de esperar que o leitor compreenda por que motivo o bolchevique russo, que conhece este mecanismo e viu nascer este mecanismo dos pequenos círculos ilegais, clandestinos, ao longo de vinte e cinco anos, não pode deixar de considerar um absurdo ridículo e pueril todas as conversas sobre a ditadura «de cima» **ou** «de baixo», a ditadura dos chefes **ou** a ditadura da massa, etc., a semelhança de uma discussão sobre se será mais útil para o homem a perna esquerda ou o braço direito.

Igualmente não podem deixar de nos parecer um absurdo ridículo e pueril as conversas muito sábias, importantes e terrivelmente revolucionárias dos esquerdas alemães acerca do tema de que os comunistas não podem nem devem trabalhar nos sindicatos reaccionários, de que é permissível recusar-se a este trabalho, de que é preciso sair dos sindicatos e criar obrigatoriamente uma «união operária», muito novinha, muito limpinha, inventada por comunistas muito simpáticos (e na maioria dos casos, provavelmente, muito jovens), etc., etc.

O capitalismo lega inevitavelmente ao socialismo, por um lado, as velhas diferenças profissionais e de tipo artesanal entre os operários, formadas ao longo dos séculos, e, por outro lado, os sindicatos, que só muito lentamente, durante anos e anos, se podem transformar e se transformarão em sindicatos de indústria mais amplos, menos corporativos (que englobem indústrias inteiras e não apenas corporações, ofícios e profissões), e depois, através destes sindicatos de indústria, passar-se-á à supressão da divisão do trabalho entre os homens, à educação, ensino e preparação de homens **universalmente desenvolvidos e universalmente preparados**, homens que **saberão fazer tudo**.

Para isso caminha, deve caminhar e a isto **chegará** o comunismo, mas só dentro de muitos anos. Tentar hoje antecipar-se na prática a esse resultado futuro de um comunismo plenamente desenvolvido, plenamente consolidado e organizado, plenamente acabado e maduro, é o mesmo que querer ensinar matemáticas superiores a uma criança de quatro anos.

Podemos (e devemos) começar a construir o socialismo não com um material humano fantástico nem especialmente criado por nós, mas com o que nos legou o capitalismo. Escusado é dizer que isso é muito «difícil», mas qualquer outra abordagem do problema é tão pouco séria que não merece a pena falar dela.

Os sindicatos foram um gigantesco progresso da classe operária no começo do desenvolvimento do capitalismo, como passagem da dispersão e da impotência dos operários aos **rudimentos** da união de classe. Quando começou a crescer a forma **superior** de união de classe dos proletários, o **partido revolucionário do proletariado** (que não merecerá o seu nome enquanto não aprender a ligar os chefes com a classe e as massas num todo único, em algo de indissolúvel), os sindicatos começaram a manifestar fatalmente **certos** traços reaccionários, certa estreiteza corporativa, certa tendência para o apoliticismo, certa rotina, etc. Mas o desenvolvimento do proletariado não se efectuou nem pôde efectuar-se em nenhum país a não ser por meio dos sindicatos, por meio da sua interacção com o partido da classe operária. A conquista do poder político pelo proletariado é um gigantesco passo em frente do proletariado como classe, e o partido deve educar mais ainda, e de uma maneira nova e não apenas à maneira antiga, os sindicatos, dirigi-los, sem esquecer ao mesmo tempo que estes são e serão durante muito tempo uma necessária «escola do comunismo» e uma escola preparatória dos proletários para o exercício da sua ditadura, a associação necessária dos operários para a passagem

gradual da gestão de toda a economia do país para as mãos da **classe** operária (e não de determinadas profissões), e depois para as de todos os trabalhadores.

Sob a ditadura do proletariado, é **inevitável** um certo «reaccionarismo» dos sindicatos no sentido indicado. Não o compreender significa não compreender em absoluto as condições fundamentais da **transição** do capitalismo para o socialismo. Temer **este** «reaccionarismo», tentar **prescindir** dele, saltar por cima dele, é a maior estupidez, pois significa rejeitar o papel da vanguarda proletária que consiste em instruir, ilustrar, educar, atrair a uma nova vida as camadas e as massas mais atrasadas da classe operária e do campesinato. Por outro lado, adiar a realização da ditadura do proletariado até que não reste nem mais um só operário de estreito espírito profissional, nem um só operário com preconceitos trade-unionistas e corporativos, seria um erro ainda mais profundo. A arte do político (e a compreensão acertada das suas tarefas pelo comunista) consiste precisamente em saber apreciar correctamente as condições e o momento em que a vanguarda do proletariado pode tomar com êxito o poder, em que pode, durante isto e depois disto, conseguir um apoio suficiente de camadas suficientemente amplas da classe operária e das massas trabalhadoras não proletárias, em que pode, depois disto, manter, reforçar e alargar o seu domínio, educando, instruindo e atraindo massas cada vez mais amplas de trabalhadores.

Continuemos. Em países mais avançados que a Rússia revelou-se, e devia revelar-se sem dúvida muito mais fortemente do que no nosso país, um certo reaccionarismo dos sindicatos. No nosso país os mencheviques tinham (e em parte ainda têm em pouquíssimos sindicatos) apoio nos sindicatos, graças precisamente à estreiteza corporativa, ao egoísmo e oportunismo profissionais. Os mencheviques do Ocidente «entrincheiraram-se» muito mais solidamente nos sindicatos, surgiu ali uma camada muito mais forte do que no nosso país de «**aristocracia operária**» **profissional, estreita, egoísta, insensível, ávida, filistina, de espírito imperialista e comprada pelo imperialismo, corrompida pelo imperialismo**. Isto é indiscutível. A luta contra os Gompers, os senhores Jouhaux, Henderson, Merrheim, Legien e C<sup>a</sup> na Europa Ocidental é muito mais difícil do que a luta contra os nossos mencheviques, que representam um tipo social e político **absolutamente homogéneo**. É preciso travar essa luta implacavelmente e levá-la obrigatoriamente, como nós levámos, até cobrir de vergonha e expulsar dos sindicatos todos os chefes incorrigíveis do oportunismo e do social-chauvinismo. É impossível conquistar o poder político (e não se deve tentar tomar o poder político) enquanto essa luta não tiver atingido um **certo** grau, e este «certo grau» **não é igual** em diversos países e em diferentes condições, e só dirigentes políticos ponderados, experimentados e competentes do proletariado podem determiná-lo com acerto em cada país. (Na Rússia a medida do êxito nesta luta foram, entre outras coisas, as eleições de Novembro de 1917 para a Assembleia Constituinte, uns dias depois da revolução proletária de 25.X.1917, e nestas eleições os mencheviques foram totalmente derrotados, tendo obtido 0,7 milhões de votos - 1,4 milhões acrescentando os da Transcaucácia - contra os 9 milhões de votos recolhidos pelos bolcheviques: ver o meu artigo *As Eleições para a Assembleia Constituinte e a Ditadura do Proletariado*<sup>27</sup>, no nº 7-8 de *A Internacional Comunista*<sup>28</sup>.)

Mas travamos a luta contra a «aristocracia operária» em nome da massa operária e para a atrair para o nosso lado; travamos a luta contra os chefes oportunistas e sociais-chauvinistas para atrair a classe operária para o nosso lado. Seria uma estupidez esquecer esta verdade elementaríssima e evidentíssima. E essa é, precisamente, a estupidez cometida pelos comunistas alemães «de esquerda», os quais deduzem do carácter reaccionário e contra-revolucionário das **cúpulas** dos sindicatos a conclusão de ... sair dos sindicatos!!, recusar o trabalho neles!!, criar formas novas, **inventadas**, de organização operária!! Isto é uma estupidez tão imperdoável que equivale ao melhor

27 Ver Obras Escolhidas de V. I. Lênine em três Tomos, tomo 3, pp. 227-244. (N. Ed.)

28 **A Internacional Comunista**: revista, órgão do Comité Executivo da Internacional Comunista. Publicava-se em russo, alemão, francês, inglês, espanhol e chinês. O primeiro número apareceu em 1 de Maio de 1919. Na revista publicavam-se artigos teóricos e documentos da Internacional Comunista.

serviço que os comunistas podem prestar à burguesia. Porque os nossos mencheviques, como todos os chefes oportunistas, sociais-chauvinistas e kautskistas dos sindicatos, não são mais que «agentes da burguesia no movimento operário» (como sempre dissemos contra os mencheviques) ou os «lugares-tenentes operários da classe dos capitalistas» (*labor lieutenants of the capitalist class*), segundo a magnífica e profundamente exacta expressão dos discípulos de Daniel De León na América. Não trabalhar dentro dos sindicatos reaccionários significa deixar as massas operárias insuficientemente desenvolvidas ou atrasadas sob a influência dos chefes reaccionários, dos agentes da burguesia, dos aristocratas operários ou «operários aburguesados» (ver Engels em 1858 na carta a Marx acerca dos operários ingleses<sup>29</sup>).

Precisamente a absurda «teoria» da não participação dos comunistas nos sindicatos reaccionários mostra do modo mais evidente com que leviandade esses comunistas «de esquerda» consideram a questão da influência nas «massas» e de que modo abusam dos seus gritos acerca da «massa». Para saber ajudar a «massa» e conquistar a simpatia, a adesão e o apoio da «massa» é preciso não temer as dificuldades, as chicanas, as armadilhas, os insultos e as perseguições da parte dos «chefes» (que, sendo oportunistas e sociais-chauvinistas, estão na maior parte dos casos directa ou indirectamente ligados à burguesia e à polícia) e **trabalhar** obrigatoriamente **onde está a massa**. É preciso saber suportar toda a espécie de sacrifícios e superar os maiores obstáculos para levar a cabo uma propaganda e uma agitação sistemáticas, tenazes, perseverantes e pacientes precisamente nas instituições, sociedades e sindicatos, por mais reaccionários que sejam, onde esteja a massa proletária ou semiproletária. E os sindicatos e as cooperativas operárias (estas últimas em alguns casos, pelo menos) são precisamente as organizações onde está a massa. Na Inglaterra, segundo dados do jornal sueco *Folkets Dagblad Politiken*<sup>30</sup> (de 10.III.1920), de fins de 1917 a fins de 1918 o número de membros das trade-unions subiu de 5,5 milhões para 6,6 milhões, isto é, aumentou em 19%. Em fins de 1919, os seus efectivos eram calculados em 7,5 milhões. Não tenho à mão os dados correspondentes à França e à Alemanha, mas factos absolutamente indiscutíveis e conhecidos por todos testemunham o grande crescimento do número de membros dos sindicatos também nesses países.

Estes factos dizem com a maior clareza algo que é confirmado também por mil outros sintomas: o crescimento da consciência e dos anseios de organização precisamente nas massas proletárias, nas «camadas inferiores», entre os atrasados. Na Inglaterra, França e Alemanha, milhões de operários passam **pela primeira vez** da completa falta de organização para a forma elementar, inferior, mais simples e acessível (para os que se acham ainda impregnados por completo dos preconceitos democrático-burgueses) de organização, precisamente para o sindicato - e os comunistas de esquerda, revolucionários, mas insensatos, ficam de lado, gritam «Massa», «Massa!» - e **recusam-se a trabalhar dentro dos sindicatos!!** recusam-se sob o pretexto do seu «reaccionarismo»!! inventam uma «união operária» novinha, limpinha, inocente dos preconceitos democrático-burgueses, que não cometeu os pecados da estreiteza profissional e do corporativismo, que pretensamente será (será!) ampla e para a participação na qual se exige apenas (apenas!) o «reconhecimento do sistema soviético e da ditadura» (ver a citação atrás)!!

É impossível conceber maior insensatez, maior dano para a revolução causado pelos revolucionários «de esquerda»! Se actualmente na Rússia, depois de 2,5 anos de vitórias sem precedentes sobre a burguesia da Rússia e da Entente, estabelecêssemos como condição para o ingresso nos sindicatos o «reconhecimento da ditadura», cometeríamos uma estupidez, deitaríamos a perder a nossa influência sobre as massas, ajudaríamos os mencheviques. Pois toda a tarefa dos comunistas consiste em saber **convencer** os atrasados, em saber trabalhar **entre** eles, e não em **isolar-se** deles mediante palavras de ordem inventadas e infantilmente «esquerdistas».

---

29 Ver a carta de F. Engels a K. Marx de 7 de Outubro de 1858. In Karl Marx/Friedrich Engels, werke, Bd. 29, S. 358.

30 *Folkets Dagblad Politiken* (**Diário Popular Político**): jornal do Partido Social-Democrata de esquerda da Suécia.

É indubitável que os senhores Gompers, Henderson, Jouhaux e Legien estão muito reconhecidos a esses revolucionários «de esquerda», que, tal como a «oposição de princípio» alemã (Deus nos livre de semelhantes «princípios»!) ou alguns revolucionários dos «Operários Industriais do Mundo»<sup>31</sup> americanos, pregam a saída dos sindicatos reaccionários e a recusa a trabalhar neles. É indubitável que os senhores «chefes» do oportunismo recorrerão a todas as maquinações da diplomacia burguesa, à ajuda dos governos burgueses, dos padres, da polícia e dos tribunais para não admitir comunistas nos sindicatos, para os expulsar deles por todos os meios e tornar o mais desagradável possível o seu trabalho dentro dos sindicatos, para os ofender, acossar, perseguir. É preciso saber fazer frente a tudo isso, estar disposto a todos os sacrifícios, empregar mesmo - em caso de necessidade - todos os subterfúgios, astúcias e métodos ilegais, silenciar e ocultar a verdade com o fim de penetrar nos sindicatos, permanecer neles e aí realizar, a todo o custo, um trabalho comunista. Sob o tsarismo antes de 1905 não tivemos nenhuma «possibilidades legais», mas quando Zubátov, agente da Okhranka<sup>32</sup>, organizou as suas assembleias operárias e associações operárias cem-negristas para caçar os revolucionários e lutar contra eles, enviámos para estas assembleias e associações membros do nosso partido (recordo entre eles o camarada Bábuchkine, destacado operário de Petersburgo, fuzilado em 1906 pelos generais tsaristas), que estabeleceram ligação com a massa, conseguiram realizar a sua agitação e arrancar os operários à influência dos zubatovistas<sup>33</sup>. Naturalmente, é mais difícil fazer tal coisa na Europa Ocidental, particularmente impregnada de preconceitos legalistas, constitucionais e democrático-burgueses particularmente arraigados. Mas pode-se e deve-se fazê-lo, e fazê-lo sistematicamente.

O Comité Executivo da III Internacional deve, na minha opinião pessoal, condenar abertamente e propor ao próximo congresso da Internacional Comunista que condene em geral a política de não participação nos sindicatos reaccionários (fundamentando pormenorizadamente a insensatez de tal não participação e seu extremo dano para a causa da revolução proletária), e, em particular, a linha de conduta de alguns membros do partido comunista holandês, que - não importa se directa ou indirectamente, aberta ou dissimuladamente, total ou parcialmente - têm apoiado essa política falsa. A III Internacional deve romper com a tática da II, e não eludir nem ocultar as questões delicadas, mas colocá-las com toda a decisão. Dissemos cara a cara toda a verdade aos «independentes» (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha), é preciso dizer cara a cara toda a verdade também aos comunistas «de esquerda».

## VII DEVE-SE PARTICIPAR NOS PARLAMENTOS BURGUESES?

Os comunistas «de esquerda» alemães, como maior desprezo - e a maior leviandade - respondem negativamente a esta pergunta. Os seus argumentos? Na citação mais atrás reproduzida vimos:

*"... rejeitar da forma mais decidida qualquer regresso às formas de luta, histórica e politicamente caducas, do parlamentarismo ...»*

---

31 **Operários Industriais do Mundo (Industrial Workers of The World – I WW)**: organização sindical dos operários dos EUA, fundada em 1905, agrupava principalmente os operários mal remunerados e não especializados de diferentes profissões. A IWW organizou com êxito greves maciças e combateu a política de colaboração de classes aplicada pelos chefes reformistas da Federação Americana do Trabalho (AFL) e pelos socialistas de direita. Durante a guerra imperialista mundial (1914-1918) tiveram lugar, com participação da I WW, várias acções antibélicas de massas da classe operária norte-americana. Alguns dirigentes da I WW (W. Haywood e outros) aplaudiram a Revolução Socialista de Outubro e ingressaram no Partido Comunista dos EUA. Na actividade da organização revelaram-se traços anarco-sindicalistas: negava a necessidade da luta política do proletariado e renunciava a actuar entre os membros dos sindicatos aderentes à AFL, etc. Posteriormente a I WW, tornou-se numa organização sectária, perdendo a sua influência no movimento operário.

32 **Okhranka**: polícia política da Rússia tsarista. (N. Ed.)

33 Os Gompers, os Henderson, os Jouhaux e os Legien não são mais do que Zubátovs, que se distinguem do nosso Zubátov pelo traje e pelo verniz europeu, pelos métodos civilizadamente, subtilmente, democraticamente refinados de aplicação da sua política infame.

Isto é dito num tom ridiculamente pretensioso e é evidentemente falso. «Regresso» ao parlamentarismo! Existe porventura já na Alemanha uma república soviética? Parece que não! Então como se pode falar de «regresso»? Não será esta uma frase vazia?

O parlamentarismo está «historicamente caduco». Isto é verdadeiro no sentido da propaganda. Mas todos sabem que daí até à superação **prática** há uma enorme distância. Há já muitas décadas que se podia declarar com inteira razão que o capitalismo estava «historicamente caduco», mas isto não elimina de modo nenhum a necessidade de uma luta muito prolongada e muito tenaz **no terreno** do capitalismo. O parlamentarismo está «historicamente caduco» no sentido **histórico universal**, isto é, a época do parlamentarismo burguês **terminou**, a época da ditadura do proletariado **começou**. Isto é indiscutível. Mas a escala histórica universal conta-se por décadas. Do ponto de vista da escala histórica universal, 10-20 anos antes ou depois é indiferente, isto, do ponto de vista da história universal, é uma ninharia, que não se pode ter em conta mesmo aproximadamente, mas é precisamente por isso que remeter-se à escala histórica universal numa questão de política prática constitui a mais flagrante falsidade teórica.

O parlamentarismo está «politicamente caduco»? Esta é outra questão. Se isto fosse verdade, a posição dos «esquerdas» seria sólida. Mas isso precisa de ser provado com uma análise muito séria, e os «esquerdas» nem sequer sabem abordá-la. Nas «teses sobre o parlamentarismo», publicadas no nº 1 do Boletim do *Bureau Provisório de Amsterdão da Internacional Comunista (Bulletin of the Provisional Bureau in Amsterdam of the Communist International, February 1920)* e que exprimem claramente a tendência esquerdista dos holandeses ou holandesa dos esquerdistas, a análise é também, como veremos, a pior possível.

Primeiro. Os «esquerdas» alemães, como é sabido, consideravam já em Janeiro de 1919 que o parlamentarismo estava «politicamente caduco», a despeito da opinião de dirigentes políticos tão destacados como Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht<sup>34</sup>. É sabido que os «esquerdas» se enganaram. Este facto destrói desde logo e radicalmente a tese de que o parlamentarismo está «politicamente caduco». Os «esquerdas» têm a obrigação de demonstrar porque é que o seu erro indiscutível de então deixou agora de ser um erro. Eles não apresentam, nem podem apresentar, a menor sombra de prova. A atitude de um partido político perante os seus erros é um dos critérios mais importantes e mais seguros da seriedade do partido e do cumprimento **de facto** por ele das suas obrigações para com a sua **classe** e para com as **massas** trabalhadoras. Reconhecer abertamente o erro, pôr a descoberto as suas causas, analisar a situação que o engendrou e discutir atentamente os meios de corrigir o erro - isto é o indício de um partido sério, isto é o cumprimento por ele das suas obrigações, isto é educar e instruir a **classe**, e depois também as **massas**. Não cumprindo esta sua obrigação, não estudando com a maior atenção, cuidado e prudência o seu erro manifesto, os «esquerdas» da Alemanha (e da Holanda) mostram com isto precisamente que não são o **partido da classe**, mas um círculo, que não são o **partido das massas**, mas um grupo de intelectuais e de um reduzido número de operários que imitam os piores traços da intelectualidade.

Segundo. Na mesma brochura do grupo dos «esquerdas» de Frankfurt, de que atrás demos citações pormenorizadas, lemos:

*«... os milhões de operários que seguem ainda a política do centro» (do partido católico do centro) «são contra-revolucionários. Os proletários do campo constituem as legiões das tropas contra-revolucionárias» (p. 3 da brochura citada).*

---

34 No Congresso do Partido Comunista da Alemanha discutiu-se em 30 de Dezembro de 1918 a questão da participação nas eleições para a Assembleia Nacional. Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg pronunciaram-se a favor da participação nas eleições e provaram a necessidade de utilizar a tribuna parlamentar para popularizar as palavras de ordem revolucionárias entre as massas. Mas a maioria do congresso pronunciou-se contra a participação, aprovando a correspondente resolução.

Tudo indica que isto é dito com uma desenvoltura e um exagero excessivos. Mas o facto fundamental aqui exposto é indiscutível e o seu reconhecimento pelos «esquerdas» testemunha o seu erro com particular evidência. Com efeito, como se pode dizer que o «parlamentarismo está politicamente caduco» se «milhões» e «legiões» de **proletários** são ainda não só partidários do parlamentarismo em geral, mas até directamente «contra-revolucionários»? É evidente que o parlamentarismo na Alemanha **ainda não** está politicamente caduco. É evidente que os «esquerdas» da Alemanha tomaram o **seu desejo**, a sua atitude político-ideológica, pela realidade objectiva. Este é um erro perigosíssimo para os revolucionários. Na Rússia, onde o jugo extremamente feroz e selvagem do tsarismo engendrou, durante um período particularmente prolongado e em formas particularmente variadas, revolucionários de diferentes matizes, revolucionários de uma abnegação, entusiasmo, heroísmo e força de vontade assombrosos, na Rússia observámos de particularmente perto, estudámos com particular atenção, conhecemos particularmente bem este erro dos revolucionários, e por isso o vemos com especial clareza também nos outros. Para os comunistas da Alemanha o parlamentarismo, é claro, «está politicamente caduco», mas trata-se precisamente de **não** tomar aquilo que está caduco **para nós** pelo que está caduco **para a classe**, pelo que está caduco **para as massas**. Uma vez mais vemos aqui que os «esquerdas» não sabem raciocinar, não sabem conduzir-se como o partido da **classe**, como o partido das **massas**. Tendes a obrigação de não descer ao nível das massas, ao nível das camadas atrasadas da classe. Isto é indiscutível. Tendes a obrigação de lhes dizer a amarga verdade. Tendes a obrigação de chamar preconceitos aos seus preconceitos democrático-burgueses e parlamentares. Mas, ao mesmo tempo, tendes a obrigação de acompanhar com **sensatez** o estado **real** de consciência e de preparação precisamente de toda a classe (e não só da sua vanguarda comunista), precisamente de toda a **massa** trabalhadora (e não só dos seus elementos avançados).

Ainda que não fossem «milhões» e «legiões», mas uma simples **minoría** bastante considerável de operários industriais que seguisse os padres católicos, e de operários agrícolas que seguisse os latifundiários e kulaques (*Grossbauern*), decorreria disso **indubitavelmente** que o parlamentarismo na Alemanha **ainda não** está politicamente caduco, que a participação nas eleições parlamentares e na luta na tribuna parlamentar é **obrigatória** para o partido do proletariado revolucionário **precisamente** para educar as camadas atrasadas **da sua própria classe**, precisamente para despertar e instruir a **massa** rural não desenvolvida, embrutecida e ignorante. Enquanto não tiverdes força para dissolver o parlamento burguês e quaisquer instituições reaccionárias de outro tipo, **tendes a obrigação** de trabalhar dentro delas **precisamente** porque ainda há nelas operários enganados pelo clero e pela vida em aldeias perdidas do campo, de outro modo correis o risco de vos converterdes em simples charlatães.

Terceiro. Os comunistas «de esquerda» dizem muito bem de nós, bolcheviques. Por vezes dá vontade de dizer: louvai-nos menos, penetrai mais na táctica dos bolcheviques, familiarizai-vos ainda mais com ela! Participámos nas eleições para o parlamento burguês da Rússia, para a Assembleia Constituinte, em Setembro-Novembro de 1917. A nossa táctica era acertada ou não? Se não, há que dizê-lo, com clareza e demonstrá-lo: isto é necessário para que o comunismo internacional elabore a táctica justa. Se sim, devem-se retirar daí certas conclusões. É evidente que nem sequer se pode falar de equiparar as condições da Rússia às da Europa Ocidental. Mas sobre a questão especial do conceito «o parlamentarismo está politicamente caduco», é obrigatório ter em conta com exactidão a nossa experiência, pois sem ter em conta a experiência concreta, semelhantes conceitos convertem-se com excessiva facilidade em frases ocas. Não teríamos nós, bolcheviques russos, em Setembro-Novembro de 1917, **mais** direito que quaisquer comunistas do Ocidente a considerar que o parlamentarismo estava politicamente caduco na Rússia? Tínhamo-lo, naturalmente, pois a questão não consiste em saber se os parlamentos burgueses existem há muito ou pouco tempo, mas em que medida as amplas massas dos trabalhadores **estão preparadas** (ideológica, política e praticamente) para aceitar o regime soviético e dissolver (ou permitir a dissolução) o parlamento democrático-burguês. Que na Rússia em Setembro-Novembro de 1917 a



classe operária das cidades, os soldados e os camponeses estavam, em consequência de uma série de condições especiais, excepcionalmente preparados para aceitar o regime soviético e dissolver o parlamento burguês mais democrático, é um facto histórico absolutamente indiscutível e plenamente estabelecido. E, não obstante, os bolcheviques **não** boicotaram a Assembleia Constituinte, mas participaram nas eleições, tanto antes **como depois** da conquista do poder político pelo proletariado. Que estas eleições deram resultados políticos extraordinariamente valiosos (e de extrema utilidade para o proletariado), isso, ousado esperar, demonstrei-o no artigo mais atrás referido, que analisa pormenorizadamente os dados das eleições para a Assembleia Constituinte da Rússia<sup>35</sup>.

A conclusão que daí deriva é absolutamente indiscutível: está provado que, mesmo algumas semanas antes da vitória da República Soviética, mesmo **depois** dessa vitória, a participação num parlamento democrático-burguês, não só não prejudica o proletariado revolucionário, como lhe facilita a possibilidade de **demonstrar** às massas atrasadas porque é que tais parlamentos merecem ser dissolvidos, **facilita** o êxito da sua dissolução, **facilita** a «caducidade política» do parlamentarismo burguês. Não ter em conta esta experiência e pretender ao mesmo tempo pertencer à **Internacional** Comunista, que deve elaborar **internacionalmente** a sua tática (não como uma tática estreita ou de exclusivo carácter nacional, mas precisamente como tática internacional), significa incorrer num profundíssimo erro e precisamente afastar-se de facto do internacionalismo, embora reconhecendo-o em palavras.

Consideremos agora os argumentos «esquerdistas holandeses» a favor da não participação nos parlamentos. Eis a tradução (do inglês) da mais importante das teses holandesas acima mencionadas, a tese 4<sup>a</sup>:

*«Quando o sistema capitalista de produção está quebrado e a sociedade se encontra em condições de revolução, a acção parlamentar perde gradualmente importância em comparação com a acção das próprias massas. Quando, nestas condições, o parlamento se converte no centro e no órgão da contra-revolução, e, por outro lado, a classe operária cria os instrumentos do seu poder sob a forma de Sovietes, pode tornar-se mesmo necessário renunciar a toda e qualquer participação na acção parlamentar.»*

Esta primeira frase é evidentemente falsa, pois a acção das massas - por exemplo, uma grande greve - é **sempre** mais importante do que a acção parlamentar, e não apenas durante a revolução ou numa situação revolucionária. Este argumento, evidentemente inconsistente e histórica e politicamente falso, não faz mais que mostrar com particular evidência que os autores não têm em conta em absoluto nem a experiência europeia geral (francesa antes das revoluções de 1848 e 1870, alemã de 1878-1890, etc.), nem a russa (ver acima) sobre a importância da **combinação** da luta legal e ilegal. Esta questão tem imensa importância, tanto em geral como em particular, porque em **todos** os países civilizados e avançados se aproxima rapidamente a época em que tal combinação se tornará - e em parte já se tornou - cada vez mais obrigatória para o partido do proletariado revolucionário, em consequência do crescimento e da aproximação da guerra civil do proletariado contra a burguesia, em consequência das ferozes perseguições de que são objecto os comunistas por parte dos governos republicanos e, em geral, burgueses, que recorrem a todas as violações da legalidade (basta como exemplo a América), etc. Esta questão importantíssima é absolutamente incompreendida pelos holandeses e pelos esquerdistas em geral.

A segunda frase é, em primeiro lugar, historicamente falsa. Nós, bolcheviques, participámos nos parlamentos mais contra-revolucionários e a experiência mostrou que tal participação foi não só útil mas também necessária para o partido do proletariado revolucionário precisamente depois da primeira revolução burguesa na Rússia (1905), para preparar a segunda revolução burguesa

---

35 Ver *Obras Escolhidas* de Lênine em Três tomos, t. 3, pp. 227-244. (N. Ed.)

(II.1917) e depois a revolução socialista (X.1917). Em segundo lugar, esta frase é um surpreendente ilogismo. Do facto de que o parlamento se transforme no órgão e «centro» (de facto nunca foi nem pôde ser o «centro», mas isto é secundário) da contra-revolução e que os operários criem os instrumentos do seu poder sob a forma de Sovietes, disto decorre que os operários devem preparar-se - preparar-se ideológica, política e tecnicamente - para a luta dos Sovietes contra o parlamento, para a dissolução do parlamento pelos Sovietes. Mas disso não decorre de modo nenhum que tal dissolução seja dificultada ou não seja facilitada pela presença de uma oposição soviética **dentro** do parlamento contra-revolucionário. Nunca notámos durante a nossa luta vitoriosa contra Deníkine e Koltchak que a existência de uma oposição proletária, soviética, na zona ocupada por eles fosse indiferente para as nossas vitórias. Sabemos muito bem que a dissolução da Constituinte por nós em 5.1.1918 não foi dificultada mas facilitada pelo facto de que dentro da Constituinte contra-revolucionária que ia ser dissolvida havia uma oposição soviética tanto consequente, bolchevique, como inconsequente, socialista-revolucionária de esquerda. Os autores da tese confundiram-se por completo e esqueceram a experiência de uma série de revoluções, se não de todas, que testemunha a particular utilidade em tempos de revolução de **combinar** a acção de massas fora do parlamento reaccionário com uma oposição simpatizante da revolução (ou melhor ainda, que apoia francamente a revolução) dentro desse parlamento. Os holandeses e os «esquerdas» em geral raciocinam aqui como doutrinários da revolução que nunca participaram numa verdadeira revolução ou não reflectiram sobre a história das revoluções, ou que tomam ingenuamente a «negação» subjectiva de determinada instituição reaccionária pela sua destruição efectiva pelas forças conjuntas de uma série de factores objectivos. O meio mais seguro de desacreditar uma nova ideia política (e não apenas política) e de a prejudicar consiste em, em nome da sua defesa, levá-la até ao absurdo. Pois toda a verdade, se a tornarmos «excessiva» (como dizia Dietzgen, pai), se a exagerarmos e a estendermos para além dos limites em que ela é realmente aplicável, pode ser levada ao absurdo e, nas condições assinaladas, converte-se inevitavelmente num absurdo. Tal é precisamente o fraco serviço prestado pelos esquerdas holandeses e alemães à nova verdade da superioridade do Poder Soviético sobre os parlamentos democrático-burgueses. Como é natural, estaria errado quem se pusesse a dizer como antes e em geral que a recusa a participar nos parlamentos burgueses é inadmissível em quaisquer circunstâncias. Não posso tentar formular aqui as condições em que é útil o boicote, pois o objecto deste artigo é muito mais modesto: estudar a experiência russa em ligação com algumas questões actuais da táctica comunista internacional. A experiência russa deu-nos uma aplicação feliz e acertada (1905) e outra errada (1906) do boicote pelos bolcheviques. Analisando o primeiro caso, vemos: conseguiu-se **não permitir a convocação** do parlamento reaccionário pelo poder reaccionário numa situação em que a acção revolucionária extraparlamentar (grevista em particular) das massas crescia com excepcional rapidez, em que nenhuma camada do proletariado e do campesinato podia dar nenhum apoio ao poder reaccionário, em que o proletariado revolucionário assegurava a sua influência sobre as amplas massas atrasadas por meio da luta grevista e do movimento agrário. É perfeitamente evidente que **esta** experiência é inaplicável às condições europeias actuais. E é também perfeitamente evidente - em virtude dos argumentos expostos mais acima - que a defesa, mesmo condicional, da recusa a participar nos parlamentos pelos holandeses e pelos «esquerdas» é radicalmente falsa e nociva para a causa do proletariado revolucionário.

Na Europa Ocidental e na América o parlamento tornou-se especialmente odioso para os elementos revolucionários de vanguarda da classe operária. Isto é indiscutível. E é plenamente compreensível, pois é difícil imaginar algo mais vil, infame, traiçoeiro, que a conduta da gigantesca maioria dos deputados socialistas e sociais-democratas no parlamento durante a guerra e depois dela. Mas seria não só insensato, como francamente criminoso, ceder a este estado de espírito ao decidir a questão de **como** se deve lutar contra o mal universalmente reconhecido. Pode dizer-se que em muitos países da Europa Ocidental o estado de espírito revolucionário é actualmente uma «novidade» ou uma «raridade» esperada demasiado longa, vã e impacientemente, e é talvez por isso que facilmente se cede a este estado de espírito. Como é natural, sem um estado de espírito revolucionário nas massas, sem condições que favoreçam o crescimento de tal estado de espírito, a táctica

revolucionária não se transformará em acção, mas na Rússia, uma experiência demasiado longa, dura e sangrenta convenceu-nos da verdade de que é impossível construir a táctica revolucionária exclusivamente na base do estado de espírito revolucionário. A táctica deve ser construída tendo em conta serenamente, com estrita objectividade, **todas** as forças de classe do Estado de que se trate (e dos Estados que o rodeiam e de todos os Estados à escala mundial), e também tendo em conta a experiência dos movimentos revolucionários. Manifestar o seu «revolucionarismo» apenas com injúrias ao oportunismo parlamentar, apenas negando a participação nos parlamentos, é muito fácil, mas precisamente porque é demasiado fácil não é a solução de um problema difícil, difícilíssimo. Nos parlamentos europeus é muito mais difícil do que na Rússia criar uma fracção parlamentar verdadeiramente revolucionária. Sem dúvida. Mas isto não é mais do que uma expressão parcial da verdade geral de que, na situação concreta e extraordinariamente original do ponto de vista histórico de 1917, foi fácil à Rússia **começar** a revolução socialista, mas **continuá-la** e levá-la a cabo será mais difícil à Rússia do que aos países europeus. Já em princípios de 1918 tive ocasião de indicar esta circunstância, e a experiência dos dois anos decorridos desde então confirmou inteiramente a justeza desta consideração. Condições específicas como: 1) a possibilidade de conjugar a revolução soviética com o fim, graças a ela, da guerra imperialista, que tinha extenuado incrivelmente os operários e os camponeses; 2) a possibilidade de utilizar durante um certo tempo a luta de morte em que estavam envolvidos os dois grupos de abutres imperialistas mais poderosos do mundo, grupos que não podiam unir-se contra o inimigo soviético; 3) a possibilidade de suportar uma guerra civil relativamente longa, em parte graças à extensão gigantesca do país e aos maus meios de comunicação; 4) a existência no campesinato de um movimento revolucionário democrático-burguês tão profundo que o partido do proletariado tomou as reivindicações revolucionárias do partido dos camponeses (do partido socialista-revolucionário, profundamente hostil, na sua maioria, ao bolchevismo) e as realizou imediatamente graças à conquista do poder político pelo proletariado - tais condições específicas não existem presentemente na Europa Ocidental, e a repetição destas condições ou doutras semelhantes não é nada fácil. Eis porque, diga-se de passagem - entre uma série de outras razões - é mais difícil para a Europa Ocidental do que para nós **começar** a revolução socialista. Tentar «eludir» esta dificuldade «saltando» por cima do difícil problema de utilizar os parlamentos reaccionários para fins revolucionários é puro infantilismo. Quereis criar uma sociedade nova? e receais as dificuldades da criação de uma boa fracção parlamentar de comunistas convictos, abnegados e heróicos num parlamento reaccionário! Não é isto infantilismo? Se Karl Liebknecht na Alemanha e Z. Höglund na Suécia souberam, mesmo sem o apoio de massas a partir de baixo, dar um exemplo de utilização realmente revolucionária dos parlamentos reaccionários, como é possível que um partido revolucionário de massas que cresce rapidamente não possa, numa situação de desilusão e de cólera das massas depois da guerra, **forjar** uma fracção comunista nos piores parlamentos?! Precisamente porque as massas atrasadas de operários e - mais ainda - de pequenos camponeses estão muito mais imbuídas na Europa Ocidental do que na Rússia de preconceitos democrático-burgueses e parlamentares, precisamente por isso, **só** de dentro de instituições como os parlamentos burgueses podem (e devem) os comunistas travar uma luta prolongada e tenaz, sem retroceder perante nenhuma dificuldade, para pôr a nu, desvanecer e superar estes preconceitos.

Os «esquerdas» alemães queixam-se dos maus «chefes» do seu partido e caem no desespero, chegando ao ridículo de «negar» os «chefes». Mas em circunstâncias que com frequência obrigam a esconder os «chefes» na clandestinidade, a **formação** de «chefes» bons, seguros, experimentados e prestigiados é particularmente difícil e é **impossível** superar com êxito estas dificuldades sem a combinação do trabalho legal e ilegal **sem que os chefes passem, entre outras provas, também** pela arena parlamentar. A crítica - e a crítica mais áspera, implacável e intransigente - deve dirigir-se não contra o parlamentarismo ou a acção parlamentar, mas contra os chefes que não sabem - e mais ainda contra os que **não querem** - utilizar as eleições parlamentares e a tribuna parlamentar de uma maneira revolucionária, de uma maneira comunista. Só esta crítica - combinada naturalmente com a expulsão dos chefes incapazes e a sua substituição por outros capazes - será um trabalho

revolucionário proveitoso e fecundo, que educará simultaneamente tanto os «chefes», para que sejam dignos da classe operária e das massas trabalhadoras, como as massas, para que aprendam a orientar-se correctamente na situação política e a compreender as tarefas, frequentemente muito complexas e enredadas, que decorrem desta situação<sup>36</sup>.

## VIII NENHUNS COMPROMISSOS?

Na citação da brochura de Frankfurt vimos quão decididamente os «esquerdas» avançam esta palavra de ordem. É triste ver como pessoas que indubitavelmente se consideram marxistas e querem ser marxistas, esqueceram as verdades fundamentais do marxismo. Eis o que em 1874 escrevia Engels, que, como Marx, pertence a esses raros, raríssimos escritores nos quais cada frase de cada um dos seus trabalhos importantes tem uma assombrosa profundidade de conteúdo, contra o manifesto dos 33 *communards*<sup>37</sup> blanquistas:

«... *Somos comunistas*» (escreviam no seu manifesto os *communards blanquistas*) «porque queremos alcançar o nosso objectivo sem nos determos em estações intermédias, sem entrar em compromissos que apenas afastam o dia da vitória e prolongam o período de escravidão.»

«Os comunistas alemães são comunistas porque, através de todas as estações intermédias e de todos os compromissos criados não por eles, mas pela marcha do desenvolvimento histórico, vêem com clareza e perseguem constantemente o seu objectivo final: a supressão das classes e a criação de um regime social no qual não haverá já lugar para a propriedade privada da terra e de todos os meios de produção. Os 33 blanquistas são comunistas porque imaginam que, uma vez que eles querem saltar por cima das estações intermédias e dos compromissos, o assunto está resolvido, e que se a coisa - eles crêem-no firmemente - 'começar' um dia destes e o poder for parar às suas mãos, 'o comunismo será introduzido' no dia seguinte. Portanto, se não podem fazê-lo imediatamente não são comunistas.

---

36 Tive demasiado poucas possibilidades de conhecer o comunismo «de esquerda» na Itália. É indubitável que o camarada Bordiga e a sua fracção de «comunistas boicotistas» (*Communisti astensionista*) não têm razão ao defender a não participação no parlamento. Mas há um ponto em que, parece-me, ele tem razão, tanto quanto posso julgar por dois números do seu jornal *Soviete (Il Soviet)*, números 3 e 4, 18.I e 1.II.1920), por quatro fascículos da excelente revista do camarada Serrati *Comunismo (Communismo)*, números 1-4, 1.X - 30.XI.1919) e por números soltos de jornais burgueses italianos que pude ver. Precisamente o camarada Bordiga e a sua fracção têm razão quando atacam Turati e os seus correligionários, que permanecem num partido que reconhece o Poder Soviético e a ditadura do proletariado, permanecem membros do parlamento e prosseguem a sua velha e perniciosíssima política oportunista. Naturalmente, tolerando isto, Serrati e todo o Partido Socialista Italiano incorrem num erro que ameaça com tão profundo prejuízo e perigo como na Hungria, onde os senhores Turati húngaros sabotaram de dentro tanto o partido como o Poder Soviético. Essa atitude errada, inconsequente ou falha de carácter relativamente aos parlamentares oportunistas, por um lado, engendra o comunismo «de esquerda» e, por outro, justifica **até certo ponto** a sua existência. É evidente que o camarada Serrati não tem razão ao acusar de «inconsequência» o deputado Turati (*Communismo*, n.º 3), pois o inconsequente é, precisamente, o Partido Socialista Italiano, que tolera oportunistas parlamentares como Turati e C<sup>a</sup>.

*Il Soviet*: jornal do Partido Socialista Italiano, publicado em Nápoles de 1918 a 1922; depois de 1920 publicou-se como órgão da fracção dos comunistas-abstencionistas do Partido Socialista Italiano.

**Communismo**: revista bi-semanal do Partido Socialista Italiano, publicada em Milão de 1919 a 1920, dirigida por Giacinto Serrati.

O Partido Socialista Italiano foi fundado em 1892. Desde o momento da fundação travou-se nele uma renhida luta ideológica entre duas tendências: a oportunista e a revolucionária. Depois da Revolução Socialista de Outubro reforçou-se nas fileiras do PCI a ala esquerda. O XVI Congresso do Partido, realizado em Bolonha de 5 a 8 de Outubro de 1919, tomou a decisão de aderir à III Internacional. Os representantes do PCI participaram nos trabalhos do II Congresso da Internacional Comunista. O chefe da delegação, G. M. Serrati, que ocupava uma posição centrista, pronunciou-se depois do congresso contra a ruptura com os reformistas. Em janeiro de 1921, no XVII Congresso do partido, em Livorno, os centristas, que possuíam a maioria no congresso, negaram-se a romper com os reformistas e a aceitar plenamente as condições de admissão na Internacional Comunista. Em 21 de janeiro, os delegados de esquerda abandonaram o congresso e fundaram o Partido Comunista da Itália.

37 Participantes na Comuna de Paris de 1871. (N. Ed.)

«Que pueril ingenuidade a de apresentar a própria impaciência como argumento teórico!» (F. Engels, «Programa dos *communards* blanquistas»<sup>38</sup>, do jornal social-democrata alemão *Volksstaat*<sup>39</sup>, 1874, n° 73, na compilação *Artigos* de 1871-1875, tradução em russo, Petrogrado, 1919, pp. 52-53.)

Engels exprime nesse mesmo artigo o seu profundo respeito por Vaillant e fala do «mérito indiscutível» de Vaillant (que foi, como Guesde, um dos maiores chefes do socialismo internacional antes da sua traição ao socialismo, em Agosto de 1914). Mas Engels não deixa de analisar pormenorizadamente um erro manifesto. Naturalmente, aos revolucionários muito jovens e inexperientes, e igualmente aos revolucionários pequeno-burgueses mesmo de idade muito respeitável e muito experientes, parece-lhes extraordinariamente «perigoso», incompreensível e errado «permitir os compromissos». E muitos sofistas (sendo politiquinhos ultra ou excessivamente «experientes») raciocinam precisamente como os chefes do oportunismo inglês mencionados pelo camarada Lansbury: «Se se permite aos bolcheviques um certo compromisso, porque não permitir-nos um qualquer compromisso?» Mas os proletários educados por numerosas greves (para tomar apenas esta manifestação da luta de classe) assimilam habitualmente de uma forma admirável a profundíssima verdade (filosófica, histórica, política e psicológica) exposta por Engels. Todo o proletário conheceu uma greve, conhece «compromissos» com os odiados opressores e exploradores, quando os trabalhadores tiveram que voltar ao trabalho sem terem conseguido nada ou acedendo à satisfação parcial das suas reivindicações. Todo o proletário, graças ao ambiente de luta de massas e de acentuada agudização dos antagonismos de classe em que vive, observa a diferença entre um compromisso imposto por condições objectivas (os grevistas têm uma caixa pobre, não têm apoio exterior, estavam famintos e exaustos para além do possível) - compromisso que em nada diminui a abnegação revolucionária nem a disposição para continuar a luta dos operários que concluíram tal compromisso - e, por outro lado, um compromisso de traidores que atribuem a causas objectivas o seu egoísmo (também os fura-greves concluem um «compromisso!»), a sua cobardia, o seu desejo de conquistar as boas graças dos capitalistas, a sua falta de firmeza perante as intimidações, por vezes perante as exortações, por vezes perante as esmolas, por vezes perante as lisonjas por parte dos capitalistas (estes compromissos de traidores são particularmente numerosos na história do movimento operário inglês por parte dos chefes das trade-unions inglesas, mas, numa forma ou noutra, quase todos os operários de todos os países observaram um fenómeno análogo).

É claro que se dão casos isolados extraordinariamente difíceis e complexos em que, só com os maiores esforços, se consegue determinar correctamente o verdadeiro carácter de um ou outro «compromisso», do mesmo modo que há casos de homicídio em que não é nada fácil decidir se era um homicídio absolutamente justo e mesmo obrigatório (como, por exemplo, legítima defesa) ou uma negligência imperdoável ou mesmo um plano perverso executado habilmente. É claro que em política, onde por vezes se trata de relações - nacionais e internacionais - extremamente complexas entre as classes e os partidos, haverá muitos casos muito mais difíceis do que a questão de um «compromisso» legítimo numa greve, ou de um «compromisso» traidor de um fura-greves, de um chefe traidor, etc. Preparar uma receita ou uma regra geral (« nenhuns compromissos!») para todos os casos é absurdo. É preciso ter a cabeça no seu lugar para saber orientar-se em cada caso particular. E a importância de uma organização partidária e de chefes partidários dignos desse nome consiste precisamente, entre outras coisas, em adquirir, mediante um trabalho prolongado, tenaz, variado e multilateral de todos os representantes pensantes de uma determinada classe<sup>40</sup>, os

38 Ver F. Engels, *O Programa dos Emigrados Blanquistas da Comuna*. In Karl Marx/Friedrich Engels, *Werke*.

39 **Der Volkstaat (O Estado Popular)**: jornal, órgão central da social-democracia alemã (partido dos eisenachianos); publicou-se sob direcção de Wilhelm Liebknecht em Leipzig de 1869 a 1876. K. Marx e F. Engels colaboraram nele.

40 Em qualquer classe, mesmo nas condições do país mais culto, mesmo na classe mais avançada e, pelas circunstâncias do momento, colocada numa situação de ascenso excepcionalmente elevado de todas as suas forças espirituais, há sempre - e enquanto existirem classes, enquanto a sociedade sem classes não se tiver afirmado, consolidado e desenvolvido completamente sobre os seus próprios fundamentos, **haverá** inevitavelmente - representantes de classe que **não** pensam e que são incapazes de pensar. Se assim não fosse o capitalismo não seria o capitalismo opressor das massas.

conhecimentos necessários, a experiência necessária e, além dos conhecimentos e da experiência, o faro político necessário para resolver rápida e correctamente questões políticas complexas.

As pessoas ingénuas e totalmente inexperientes imaginam que basta reconhecer a admissibilidade dos compromissos **em geral** para que desapareça qualquer linha divisória entre o oportunismo, contra o qual travamos e devemos travar uma luta intransigente, e o marxismo revolucionário ou comunismo. Mas essas pessoas, se ainda não sabem que todas as linhas divisórias na natureza e na sociedade são móveis e até certo ponto convencionais, não as podemos ajudar senão por meio de um prolongado estudo, educação, instrução e experiência política e prática. Nas questões práticas da política de cada momento histórico particular ou específico, é importante saber distinguir aquelas em que se manifesta a forma principal dos compromissos inadmissíveis, traidores, que encarnam um oportunismo funesto para a classe revolucionária, e consagrar todos os esforços a explicar-nos e a lutar contra eles. Durante a guerra imperialista de 1914-1918, entre dois grupos de países igualmente bandidescos e espoliadores, a forma principal e fundamental de oportunismo foi o social-chauvinismo, isto é, o apoio à «defesa da pátria», que equivalia de facto **naquela** guerra à defesa dos interesses espoliadores da «sua» burguesia. Depois da guerra, a defesa da espoliadora «Sociedade das Nações»; a defesa das alianças directas ou indirectas com a burguesia do seu país contra o proletariado revolucionário e o movimento «soviético»; a defesa da democracia burguesa e do parlamentarismo burguês contra o «Poder Soviético» - tais foram as principais manifestações destes compromissos inadmissíveis e traidores, que, no seu conjunto, resultaram num oportunismo funesto para o proletariado revolucionário e para a sua causa.

*«... Rejeitar da forma mais decidida qualquer compromisso com os outros partidos... qualquer política de manobra e conciliação»*, escrevem os esquerdas alemães na brochura de Frankfurt.

É surpreendente que, com semelhantes concepções, esses esquerdas não condenem decididamente o bolchevismo! Não é possível que os esquerdas alemães ignorem que toda a história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro, **está cheia** de casos de manobra, de conciliação e de compromissos com outros partidos, incluindo os partidos burgueses!

Fazer a guerra para derrubar a burguesia internacional, uma guerra cem vezes mais difícil, prolongada e complexa do que a mais encarniçada das guerras habituais entre Estados, e renunciar nestas condições a manobrar, a aproveitar as contradições de interesses (ainda que temporárias) entre os inimigos, renunciar à conciliação e a compromissos com possíveis aliados (ainda que temporários, instáveis, vacilantes, condicionais), não será isto uma coisa infinitamente ridícula? Não será isto como se, na difícil ascensão duma montanha inexplorada e ainda inacessível, renunciássemos de antemão a fazer ziguezagues de vez em quando, a retroceder de vez em quando, a abandonar a direcção escolhida a princípio para experimentar direcções diferentes? E pessoas tão pouco conscientes e tão inexperientes (ainda se isso se explicasse pela sua juventude: o próprio Deus ordenou à juventude que dissesse durante um certo tempo semelhantes disparates) puderam ser apoiadas directa ou indirectamente, franca ou veladamente, integral ou parcialmente, pouco importa, por alguns membros do partido comunista holandês!

Depois da primeira revolução socialista do proletariado, depois do derrubamento da burguesia num país, o proletariado deste país continua a ser **durante muito tempo mais fraco** que a burguesia, devido simplesmente às suas imensas relações internacionais e em virtude da espontânea e constante restauração e renascimento do capitalismo e da burguesia pelos pequenos produtores de mercadorias do país que derrubou a burguesia. Só se pode vencer um inimigo mais poderoso pondo em tensão todas as forças e aproveitando **obrigatoriamente** com o maior zelo, cuidado, prudência e habilidade qualquer «brecha», mesmo a mais pequena, entre os inimigos, qualquer contradição de interesses entre a burguesia dos diferentes países, entre os diferentes grupos ou categorias da burguesia no interior de cada país; há que aproveitar igualmente qualquer possibilidade, mesmo a

mais pequena, de conseguir um aliado de massas, ainda que temporário, vacilante, instável, pouco seguro, condicional. Quem não compreendeu isto não compreendeu nem uma palavra de marxismo nem de socialismo científico, contemporâneo, **em geral**. Quem não provou **na prática**, durante um período de tempo bastante considerável e em situações políticas bastante variadas, a sua habilidade para aplicar esta verdade na vida, não aprendeu ainda a ajudar a classe revolucionária na sua luta para libertar dos exploradores toda a humanidade trabalhadora. E isto é aplicável igualmente ao período **antes e depois** da conquista do poder político pelo proletariado.

A nossa teoria não é um dogma, mas **um guia para a acção** - diziam Marx e Engels<sup>41</sup>, e o maior erro, o maior crime de marxistas «encartados» como Karl Kautsky, Otto Bauer e outros, consiste em não terem compreendido isto, em não terem sabido aplicá-lo nos momentos mais importantes da revolução do proletariado. «A acção política não é o passeio da avenida Névski» (o passeio limpo, largo e liso da rua principal de Petersburgo, absolutamente rectilínea), já dizia N.G. Tchernichévski<sup>42</sup>, o grande socialista russo do período pré-marxista. Desde a época de Tchernichévski, os revolucionários russos pagaram com inumeráveis vítimas o facto de ignorarem ou esquecerem esta verdade. Há que conseguir a todo o custo que os comunistas de esquerda e os revolucionários da Europa Ocidental e da América dedicados à classe operária, **não paguem tão caro** como os russos atrasados a assimilação desta verdade.

Os sociais-democratas revolucionários russos aproveitaram repetidas vezes antes da queda do tsarismo os serviços dos liberais burgueses, isto é, concluíram com eles inumeráveis compromissos práticos e, em 1901-1902, ainda antes do nascimento do bolchevismo, a antiga redacção do *Iskra* (dessa redacção faziam parte Plekhánov, Axelrod, Zassúlitch, Márto, Potréssov e eu) concluiu (é certo que não por muito tempo) uma aliança política formal com Struve<sup>43</sup>, chefe político do liberalismo burguês, sabendo ao mesmo tempo travar sem interrupções a luta ideológica e política mais implacável contra o liberalismo burguês e contra as menores manifestações da sua influência no seio do movimento operário. Os bolcheviques praticaram sempre essa mesma política. Desde 1905 defenderam sistematicamente a aliança da classe operária com o campesinato contra a burguesia liberal e o tsarismo, sem nunca se negarem, ao mesmo tempo, a apoiar a burguesia contra o tsarismo (por exemplo, na segunda etapa das eleições ou no segundo escrutínio)<sup>44</sup> e sem interromper a luta ideológica e política mais intransigente contra o partido camponês revolucionário-burguês, os «socialistas-revolucionários», desmascarando-os como democratas pequeno-burgueses que se incluíam falsamente entre os socialistas. Em 1907 os bolcheviques concluíram por pouco tempo um bloco político formal com os «socialistas-revolucionários» para as eleições para a Duma. Com os mencheviques estivemos formalmente durante vários anos, desde 1903 até 1912, num partido social-democrata único, **sem nunca** interromper a luta ideológica e política contra eles como portadores da influência burguesa no proletariado e como oportunistas. Durante a guerra concluímos um determinado compromisso com os «kautskistas», os mencheviques de esquerda (Márto) e uma parte dos «socialistas-revolucionários» (Tchernov, Natanson), tendo estado juntamente com eles em Zimmerwald e Kienthal<sup>45</sup> e publicando manifestos conjuntos, mas

---

41 Trata-se da passagem de uma carta de F. Engels a F. Sorge, datada de 29 de Novembro de 1886, na qual Engels, criticando o carácter sectário da actividade dos sociais-democratas alemães emigrados na América do Norte, diz que para eles a teoria «é um dogma e não um guia para a acção». In Karl Marx/Friedrich Engels, Berlin, 1953, S. 469.

42 Na recensão do livro do economista americano S. Karey *Cartas Político-Económicas ao Presidente dos Estados Unidos da América*, N. G. Tchernichévski escreveu: «O caminho da história não se parece em nada com o passeio da Avenida Névski; corre por campos poeirentos ou lamacentos, cruza pântanos e bosques espessos. Quem tem medo de se cobrir de pó ou de enlamear as botas, não se dedique à actividade social.»

43 Referência às conversações da redacção do *Iskra* com P. B. Struve sobre a edição conjunta no estrangeiro de uma publicação ilegal com o título de *Panorama Actual*. A publicação não se chegou a efectuar. As conversações posteriores de representantes do *Iskra* com Struve terminaram com uma completa ruptura.

44 Segundo o sistema eleitoral de então os eleitores dividiam-se em cúrias segundo os estados sociais, os quais elegiam grandes eleitores. Estes elegiam os deputados.

45 Trata-se das conferências socialistas internacionais de Zimmerwald e Kienthal (Suíça). A Conferência de Zimmerwald, ou Primeira Conferência Socialista Internacional, realizou-se entre 5 e 8 de Setembro de 1915. A

nunca interrompemos nem enfraquecemos a luta política e ideológica contra os «kautskistas», os Márto e os Tchernov (Natanson morreu em 1919 sendo um «comunista revolucionário»-populista<sup>46</sup> muito próximo de nós e quase solidário conosco). No próprio momento da Revolução de Outubro concluímos um bloco político, não formal, mas muito importante (e que teve muito êxito) com o campesinato pequeno-burguês, adoptando **integralmente**, sem uma única alteração, o programa agrário **socialista-revolucionário**, isto é concluímos um indubitável compromisso para provar aos camponeses que não queríamos impor-nos a eles, mas chegar a um acordo com eles. Ao mesmo tempo, propusemos (e pouco depois realizámo-lo) um bloco político formal, com a participação no governo, aos «socialistas-revolucionários de esquerda», que romperam este bloco depois da conclusão da Paz de Brest e depois, em Julho de 1918, chegaram à insurreição armada contra nós e mais tarde à luta armada contra nós.

Compreende-se por isso que os ataques dos esquerdas alemães ao CC do partido dos comunistas na Alemanha por admitir a ideia de um bloco com os «independentes» («Partido Social-Democrata Independente da Alemanha», os kautskistas) nos pareçam absolutamente destituídos de seriedade e manifestamente demonstrativos da **posição errada** dos «esquerdas». Na Rússia existiam também mencheviques de direita (que entraram no governo de Kérenski), correspondentes aos Scheidemann alemães, e mencheviques de esquerda (Márto), que se encontravam em oposição aos mencheviques de direita e correspondiam aos kautskistas alemães. Em 1917 observámos claramente a passagem gradual das massas operárias dos mencheviques para os bolcheviques. No I Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, em Junho de 1917, tínhamos ao todo 13%. A maioria pertencia aos socialistas-revolucionários e aos mencheviques. No Segundo Congresso dos Sovietes (25.X.1917, velho estilo) tínhamos 51 % dos votos. Porque é que na Alemanha a **mesma** propensão, inteiramente **idêntica**, dos operários para passarem da direita para a esquerda conduziu, não ao fortalecimento imediato dos comunistas, mas de início ao do partido intermédio dos independentes», se bem que este partido não tenha tido nunca nenhuma ideias políticas próprias, nenhuma política própria, e apenas tenha vacilado entre Scheidemann e os comunistas?

Evidentemente que uma das causas foi a tática **errada** dos comunistas alemães, os quais devem reconhecer este erro honestamente e sem receio e aprender a corrigi-lo. O erro consistiu em negar-se a participar no parlamento reaccionário, burguês, e nos sindicatos reaccionários, o erro consistiu em múltiplas manifestações desta doença infantil «de esquerda» que agora veio à superfície e que graças a isso será melhor curada, mais depressa e com mais proveito para o organismo.

O «Partido Social-Democrata Independente» alemão carece visivelmente de homogeneidade: a par dos velhos chefes oportunistas (Kautsky, Hilferding e, aparentemente, em medida considerável Crispian, Ledebour e outros), que demonstraram a sua incapacidade para compreender o significado do Poder Soviético e da ditadura do proletariado, a sua incapacidade para dirigir a luta

---

Conferência de Kienthal, ou Segunda Conferência Socialista Internacional, realizou-se entre 24 e 30 de Abril de 1916. As conferências de Zimmerwald e Kienthal contribuíram para agrupar, na base ideológica do marxismo-leninismo, os elementos de esquerda da social-democracia internacional que mais tarde desempenharam um papel activo na luta pela criação dos partidos comunistas nos seus países e da III Internacional, a Internacional Comunista.

46 Dois novos partidos, o dos «comunistas populistas» e o dos «comunistas revolucionários» separaram-se do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda depois do assassinio provocatório do embaixador alemão Mirbach e do levantamento dos socialistas-revolucionários de esquerda em 6-7 de Julho de 1918, organizado com o objetivo de frustrar o tratado de Brest e de envolver o País dos Sovietes numa guerra contra a Alemanha.

Os **comunistas populistas** condenaram a actividade anti-soviética dos socialistas-revolucionários de esquerda e, numa conferência que se realizou em Setembro de 1918, constituíram o seu partido. A 6 de Novembro de 1918 o Congresso Extraordinário do partido decidiu por unanimidade a dissolução do partido e a sua fusão com o PCR (b).

O **Partido do Comunismo Revolucionário** formou-se como organização num congresso realizado em 25-30 de Setembro de 1918, em Moscovo. O Partido Comunista Revolucionário, como grupo pouco numeroso, existiu até 1920. No VI Congresso, realizado em Setembro de 1920, este partido decidiu fundir-se com o PCR (b). Em Outubro de 1920 o Comité Central do Partido Comunista da Rússia (bolchevique) autorizou as suas organizações a admitirem nas suas fileiras os membros do antigo partido dos «comunistas revolucionários».



revolucionária deste último, neste partido formou-se e cresce com notável rapidez uma ala esquerda, proletária. Centenas de milhares de membros deste partido (que tem, ao que parece, cerca de 3/4 de milhão de membros) são proletários que se afastam de Scheidemann e caminham rapidamente para o comunismo. Esta ala proletária já propôs no Congresso de Leipzig (1919) dos «independentes» a adesão imediata e incondicional à III Internacional. Temer um «compromisso» com essa ala do partido é simplesmente ridículo. Pelo contrário, para os comunistas é **obrigatório** procurar e **encontrar** uma forma conveniente de compromisso com eles, um compromisso que, por um lado, facilite e apresse a fusão completa e necessária com essa ala e, por outro lado, que em nada limite os comunistas na sua luta ideológica e política contra a ala direita, oportunista, dos «independentes». É provável que não seja fácil elaborar uma forma conveniente de compromisso, mas só um charlatão poderia prometer aos operários alemães e aos comunistas alemães um caminho «fácil» para a vitória.

O capitalismo não seria capitalismo se o proletariado «puro» não estivesse rodeado de uma massa extremamente variegada de tipos de transição do proletário para o semiproletário (aquele que obtém metade dos seus meios de subsistência vendendo a força de trabalho), do semiproletário para o pequeno camponês (e para o pequeno artesão, o artífice, o pequeno patrão em geral), do pequeno camponês para o médio, etc.; e se dentro do próprio proletariado não houvesse divisão em camadas mais e menos desenvolvidas, divisões de carácter territorial, profissional, por vezes religioso, etc. De tudo isto decorre a necessidade - uma necessidade absoluta para a vanguarda do proletariado, para a sua parte consciente, para o partido comunista - de recorrer à manobra, à conciliação, aos compromissos com os diversos grupos proletários, com os diversos partidos dos operários e dos pequenos patrões. Toda a questão consiste em **saber** aplicar esta tática para **elevantar**, e não para diminuir, o nível **geral** de consciência, de espírito revolucionário e de capacidade de luta e de vitória do proletariado. É preciso notar, entre outras coisas, que a vitória dos bolcheviques sobre os mencheviques exigiu não só antes da Revolução de Outubro de 1917, **mas também depois dela**, a aplicação de uma tática de manobras, de conciliação, de compromissos, que, naturalmente, facilitavam, apressavam, consolidavam e fortaleciam os bolcheviques em relação aos mencheviques. Os democratas pequeno-burgueses (incluindo os mencheviques) vacilam inevitavelmente entre a burguesia e o proletariado, entre a democracia burguesa e o regime soviético, entre o reformismo e o revolucionarismo, entre o amor aos operários e o medo da ditadura proletária, etc. A tática acertada dos comunistas deve consistir em **utilizar** essas vacilações, e não, de modo nenhum, em ignorá-las; utilizá-las exige concessões aos elementos que se voltam para o proletariado - quando e na medida em que o façam -, a par da luta contra os elementos que se inclinam para a burguesia. Em resultado da adopção de uma tática acertada, o menchevismo foi-se decompondo e decompõe-se cada vez mais no nosso país, isolando os chefes obstinadamente oportunistas e trazendo para o nosso campo os melhores operários, os melhores elementos da democracia pequeno-burguesa. Trata-se de um processo longo, e as «soluções» precipitadas tais como « nenhuns compromissos, nenhuma manobra » só podem prejudicar a causa do reforço da influência do proletariado revolucionário e o aumento das suas forças.

Enfim, um dos indubitáveis erros dos «esquerdas» na Alemanha consiste na sua insistência rígida em não reconhecer a Paz de Versalhes. Quanto maiores são a «gravidade» e a «importância», o tom «decidido» e sem apelo com que formula esta concepção, por exemplo, K. Horner, tanto menos inteligente parece. Não basta renunciar aos gritantes absurdos do «bolchevismo nacional» (Laufenberg e outros), que, nas condições actuais da revolução proletária internacional, chegou ao ponto de falar da formação de um bloco com a burguesia alemã para a guerra contra a Entente. É necessário compreender que é fundamentalmente errada a tática que não admite a obrigação da Alemanha soviética (se surgisse em breve uma república soviética alemã) de reconhecer por certo tempo a Paz de Versalhes e de submeter-se a ela. Daqui não se segue que os «independentes» tiveram razão ao avançar, quando no governo se encontravam os Scheidemann, quando ainda não tinha sido derrubado o Poder Soviético na Hungria, quando ainda não estava excluída a

possibilidade dum ajuda da revolução soviética em Viena para apoiar a Hungria soviética, ao avançar, **nas condições de então**, a reivindicação de subscrever a Paz de Versalhes. Então os «independentes» manobraram muito mal, pois tomaram sobre si uma responsabilidade maior ou menor pelos Scheidemann traidores e caíram mais ou menos do ponto de vista da guerra de classes implacável (e a sangue-frio) contra os Scheidemann para um ponto de vista «fora das classes» e «acima das classes».

Mas agora a situação é claramente tal que os comunistas da Alemanha não devem atar-se as mãos e prometer repudiar obrigatória e necessariamente a Paz de Versalhes em caso de vitória do comunismo. Isso seria uma estupidez. É preciso dizer: os Scheidemann e os kautskistas cometeram uma série de traições que dificultaram (e em parte fizeram fracassar directamente) a aliança com a Rússia soviética, com a Hungria soviética. Nós, comunistas, procuraremos por todos os meios **facilitar e preparar** essa aliança; quanto à Paz de Versalhes, não somos de modo algum obrigados a repudiá-la necessariamente, e, para mais, imediatamente. A possibilidade de a repudiar com êxito depende não só dos êxitos alemães, mas também internacionais, do movimento soviético. Este movimento foi dificultado pelos Scheidemann e pelos kautskistas, nós ajudámo-lo. Eis o fundo da questão, eis a diferença radical. E se os nossos inimigos de classe, os exploradores, os seus lacaios, os Scheidemann e os kautskistas, deixaram fugir uma série de possibilidades de fortalecer o movimento soviético alemão e internacional, de fortalecer a revolução soviética alemã e internacional, é deles a culpa. A revolução soviética na Alemanha fortalecerá o movimento soviético internacional, que é o baluarte mais forte (e o único baluarte seguro, invencível e de poderio universal) contra a Paz de Versalhes, contra o imperialismo internacional em geral. Colocar a libertação da Paz de Versalhes obrigatória, necessária e imediatamente em primeiro lugar, **antes da questão** da libertação do jugo do imperialismo **dos outros** países oprimidos pelo imperialismo, é nacionalismo pequeno-burguês (digno dos Kautsky, Hilferding, Otto Bauer e C<sup>a</sup>), mas não internacionalismo revolucionário. O derrubamento da burguesia em qualquer dos grandes países europeus, incluindo a Alemanha, é um acontecimento tão favorável para a revolução internacional que por ele se pode e se deve aceitar - se for necessário - uma **existência mais prolongada da Paz de Versalhes**. Se a Rússia pôde resistir sozinha durante vários meses com proveito para a revolução com a Paz de Brest, não é de modo algum impossível que a Alemanha Soviética, em aliança com a Rússia Soviética, suporte com proveito para a revolução uma existência mais longa da Paz de Versalhes.

Os imperialistas da França, Inglaterra, etc., provocam os comunistas alemães, armando-lhes esta cilada: «dizei que não assinareis a Paz de Versalhes». E os comunistas de esquerda caem como crianças na cilada que lhes armam, em vez de manobrar com destreza contra um inimigo pérfido e, **no momento actual**, mais forte, em vez de lhe dizerem: «agora assinaremos a Paz de Versalhes». Atarmo-nos antecipadamente as mãos, dizer abertamente ao inimigo, que agora está melhor armado do que nós, se vamos lutar contra ele e quando, é uma estupidez e não tem nada de revolucionário. Aceitar o combate quando é manifestamente vantajoso para o adversário e não para nós, é um crime, e de nada servem os políticos da classe revolucionária que não sabem executar «manobras, conciliação, compromissos» a fim de evitar uma batalha seguramente desfavorável.

## IX O COMUNISMO «DE ESQUERDA» NA INGLATERRA

Na Inglaterra ainda não existe partido comunista, mas entre os operários há um movimento comunista jovem, amplo, poderoso, que cresce com rapidez e permite alimentar as mais radiosas esperanças; há alguns partidos e organizações políticas («Partido Socialista Britânico»<sup>47</sup>, «Partido

---

47 O Partido Socialista Britânico (British Socialist Party) foi fundado em Manchesterem 1911, como resultado da unificação do Partido Social-Democrata com outros grupos socialistas. O PSB fazia agitação no espírito das ideias marxistas e era um partido «não oportunista, realmente independente dos liberais» (Lénine). O Partido Socialista

Socialista Operário», «Sociedade Socialista do Sul de Gales», «Federação Socialista Operária»<sup>48</sup>) que desejam fundar o partido comunista e mantêm já entre si negociações sobre isso. O jornal *Worker's Dreadnought*<sup>49</sup> (tomo VI, nº 48, de 21.II.1920), órgão semanal da última das organizações indicadas, dirigido pela camarada Sylvia Pankhurst, inseriu um seu artigo «Rumo ao Partido Comunista». O artigo expõe a marcha das negociações entre as quatro organizações referidas sobre a formação de um partido comunista único com base na adesão à III Internacional, no reconhecimento, em vez do parlamentarismo, do sistema soviético e da ditadura do proletariado. Acontece que um dos principais obstáculos para criar imediatamente um partido comunista único é a discordância quanto à questão da participação no parlamento e da adesão do novo partido comunista ao velho «Partido Trabalhista», profissionalista, composto predominantemente por trade-unions, oportunista e social-chauvinista. A «Federação Socialista Operária» - tal como o «Partido Socialista Operário»<sup>50</sup> - pronunciam-se contra a participação nas eleições parlamentares e no parlamento, contra a adesão ao «Partido Trabalhista», discordando neste aspecto de todos ou da maioria dos membros do Partido Socialista Britânico, que é, aos seus olhos, «a ala direita dos partidos comunistas» na Inglaterra (p. 5, artigo citado de Sylvia Pankhurst).

Assim, a divisão fundamental é a mesma que na Alemanha, apesar das enormes diferenças quanto à forma por que se manifestam as divergências (na Alemanha esta forma é muito mais próxima da «russa» do que na Inglaterra) e quanto a uma série de outras circunstâncias. Mas examinemos os argumentos dos «esquerdas».

Quanto à questão da participação no parlamento, a camarada Sylvia Pankhurst refere-se a um artigo, publicado no mesmo número, do camarada W. Gallacher, que escreve em nome do Conselho Operário da Escócia, de Glasgow:

*«Este Conselho - escreve ele - é nitidamente antiparlamentar e tem por ele a ala esquerda de diversas organizações políticas. Representamos o movimento revolucionário na Escócia, que aspira a criar uma organização revolucionária nas indústrias (nos diversos ramos da produção) e um partido comunista, baseado em comités sociais, em todo o país. Durante muito tempo discutimos com os parlamentares oficiais. Não considerámos necessário declarar-lhes uma guerra aberta e eles temem iniciar o ataque contra nós.»*

---

Britânico aplaudiu a Revolução Socialista de Outubro. Os militantes do PSB desempenharam um importante papel no movimento dos trabalhadores ingleses em defesa da Rússia Soviética contra a intervenção estrangeira. Em 1919, a maioria esmagadora das organizações do partido (98 contra 4), pronunciou-se pela adesão à Internacional Comunista. O Partido Socialista Britânico, juntamente com o grupo da Unidade Comunista, exerceu uma acção preponderante na fundação do Partido Comunista da Grã-Bretanha.

48 **O Partido Socialista Operário (Socialist Labour Party):** organização revolucionária marxista, foi fundado em 1903, na Escócia, por um grupo de sociais-democratas de esquerda na sua maioria escoceses, que se tinham separado da Federação Social-Democrata.

**Sociedade Socialista do Sul de Gales (South Wales Socialist Society):** pequeno grupo composto principalmente por mineiros revolucionários do País de Gales. A sociedade teve a sua origem no movimento pela reforma mineira, o qual se intensificou sobretudo nas vésperas da Primeira Guerra Mundial.

**Federação Socialista Operária (Workers Socialist Federation):** pequena organização saída em Maio de 1918 da Associação pelo Voto das Mulheres, composta principalmente por mulheres.

Aquando da fundação do Partido Comunista da Grã-Bretanha (o Congresso Constituinte realizou-se em 31 de Julho-1 de Agosto de 1920), que incluiu no seu programa os pontos relativos à participação do partido nas eleições parlamentares e à filiação no Partido Trabalhista, as mencionadas organizações, cometendo erros sectários, não aderiram ao Partido Comunista. Em Janeiro de 1921, a Sociedade Socialista do Sul de Gales e a Federação Socialista Operária, que adoptou nesta altura o nome de Partido Comunista (Secção Britânica da III Internacional), uniram-se ao Partido Comunista da Grã-Bretanha. A direcção do Partido Socialista Operário recusou-se à unificação.

49 **Worker's Dreadnought (O Couraçado dos Operários):** publicou-se em Londres de Março de 1914 a Junho de 1924; até Julho de 1917 intitulava-se *Woman's Dreadnought (O Couraçado da Mulher)*. Depois da fundação da Federação Socialista Operária, em 1918, tornou-se o órgão desta organização.

50 Parece que este partido é contra a adesão ao «Partido Trabalhista», mas nem todos os seus membros são contra a participação no parlamento.

*Mas semelhante estado de coisas não se pode prolongar por muito tempo. Nós triunfamos em toda a linha.*

*Os membros de base do Partido Trabalhista Independente na Escócia sentem uma repugnância cada vez maior pela ideia do parlamento, e quase todos os grupos locais são pelos Sovietes (emprega-se o termo russo em transcrição inglesa) ou Conselhos operários. Evidentemente, isto tem uma importância muito séria para os senhores que consideram a política como um meio de vida (como uma profissão), e eles põem em acção todos os meios para persuadir os seus membros a voltarem atrás, ao seio do parlamentarismo. Os camaradas revolucionários **não devem** (o sublinhado é sempre do autor) apoiar esse bando. A nossa luta será aqui muito difícil. Um dos seus piores traços será a traição daqueles para quem os interesses pessoais são um motivo mais forte do que o seu interesse pela revolução. Qualquer apoio ao parlamentarismo é simplesmente uma ajuda a que o poder caia nas mãos dos nossos Scheidemann e Noske britânicos. Henderson, Clynes e C<sup>a</sup> são irremediavelmente reaccionários. O Partido Trabalhista Independente oficial cai cada vez mais sob o poder dos liberais burgueses, que encontraram refúgio espiritual no campo dos senhores MacDonald, Snowden e C<sup>a</sup>. O Partido Trabalhista Independente oficial é violentamente hostil à III Internacional, mas a massa é por ela. Apoiar por qualquer forma os parlamentos oportunistas significa simplesmente fazer o jogo dos referidos senhores. O Partido Socialista Britânico não tem aqui qualquer significado... Aqui o que é necessário é uma saudável organização revolucionária industrial e um partido comunista que actue sobre bases claras, bem definidas, científicas. Se os nossos camaradas nos podem ajudar a criar uma e outra coisa, aceitaremos com muito gosto a sua ajuda; se não podem, que se não intrometam, por amor de Deus, se não querem atraiçoar a Revolução apoiando os reaccionários que, com tanto zelo, procuram adquirir o 'honroso' (?) (a interrogação é do autor) título de parlamentar e que ardem no desejo de demonstrar que **podem governar** com tanto êxito como os próprios políticos de classe dos 'patrões'.»*

Esta carta à redacção exprime de maneira admirável, em meu entender, o estado de espírito e o ponto de vista dos comunistas jovens ou dos operários da massa que apenas começaram a chegar ao comunismo. Este estado de espírito é altamente consolador e valioso; é preciso saber apreciá-lo e apoiá-lo, porque sem ele ter-se-ia que desesperar da vitória da revolução do proletariado na Inglaterra e em qualquer outro país. Há que conservar e dar com solicitude toda a ajuda aos homens que sabem exprimir esse estado de espírito das massas, que sabem suscitá-lo nas massas (que frequentemente permanece oculto, inconsciente, sem despertar). Mas, ao mesmo tempo, é preciso dizer-lhes directa e abertamente que esse estado de espírito **por si só** é insuficiente para dirigir as massas na grande luta revolucionária, e que tais ou tais erros que podem cometer ou cometem os homens mais fiéis à causa da revolução são erros capazes de causar dano à causa da revolução. A carta à redacção do camarada Gallacher mostra de forma indubitável o germe de **todos** os erros que cometem os comunistas «de esquerda» alemães e que cometeram os bolcheviques «de esquerda» russos em 1908 e 1918.

O autor da carta está imbuído do mais nobre ódio proletário pelos «políticos de classe» burgueses (ódio compreensível e partilhado, contudo, não só pelos proletários, mas por todos os trabalhadores, por todo o «povo miúdo», para usar a expressão alemã). Este ódio de um representante das massas oprimidas e exploradas é, na verdade, o «princípio de toda a sabedoria», a base de todo o movimento socialista e comunista e dos seus êxitos. Mas o autor não tem em conta, pelos vistos, que a política é uma ciência e uma arte que não cai do céu, que se não obtém gratuitamente, e que se o proletariado quer vencer a burguesia deve formar os **seus** «políticos de classe», proletários, e que não sejam piores que os políticos burgueses.

O autor da carta compreendeu perfeitamente que não é o parlamento, mas apenas os Sovietes operários, que podem constituir o instrumento do proletariado para conseguir os seus objectivos, e, naturalmente, quem até agora não compreendeu isto é o pior dos reaccionários, ainda que seja o

homem mais educado, o político mais experiente, o socialista mais sincero, o marxista mais erudito, o cidadão e pai de família mais honrado. Mas o autor da carta nem sequer levanta a questão, nem pensa que seja necessário levantar a questão de saber se se pode conduzir os Sovietes à vitória sobre o parlamento sem fazer entrar os políticos «soviéticos» **dentro** do parlamento, sem decompor o parlamentarismo a partir **de dentro**, sem preparar de dentro do parlamento o êxito dos Sovietes na tarefa que tem pela frente de dissolver o parlamento. E entretanto, o autor da carta exprime a ideia absolutamente justa de que o partido comunista da Inglaterra deve actuar sobre bases **científicas**. A ciência exige, em primeiro lugar, que se tenha em conta a experiência dos outros países, particularmente se os outros países, também capitalistas, passam ou passaram há pouco por uma experiência muito parecida; em segundo lugar, que se tenham em conta **todas** as forças, grupos, partidos, classes, massas que actuam no interior do país considerado, e que de modo nenhum se defina a política baseando-se unicamente nos desejos e opiniões, no grau de consciência e de preparação para a luta de um único grupo ou partido.

É verdade que os Henderson, os Clynes, os MacDonald e os Snowden são irremediavelmente reaccionários. E não é menos verdade que querem tomar o poder (preferindo, aliás, a coligação com a burguesia), que querem «governar» de acordo com as velhas normas burguesas e que se conduzirão inevitavelmente, quando estiverem no poder, como os Scheidemann e os Noske. Tudo isso é assim. Mas daí não decorre de modo nenhum que apoiá-los signifique trair a revolução, mas sim que, no interesse da revolução, os revolucionários da classe operária devem conceder a estes senhores um certo apoio parlamentar. Para esclarecer esta ideia tomarei dois documentos políticos ingleses actuais: 1) o discurso do primeiro-ministro Lloyd George em 18.III.1920 (segundo o relato do *The Manchester Guardian*<sup>51</sup>, de 19.III.1920) e 2) os argumentos de uma comunista «de esquerda», a camarada Sylvia Pankhurst, no seu artigo acima citado.

No seu discurso Lloyd George polemizou com Asquith (que tinha sido convidado especialmente para a reunião, mas que se recusou a assistir) e com os liberais que querem não uma coligação com os conservadores mas uma aproximação com o Partido Trabalhista. (Na carta à redacção do camarada Gallacher vimos também uma alusão ao facto da passagem de liberais para o Partido Trabalhista Independente). Lloyd George demonstrou que é necessária uma coligação dos liberais com os conservadores, e uma coligação **estreita**, pois de outro modo pode vencer o Partido Trabalhista, a que Lloyd George «prefere chamar» socialista e que aspira «à propriedade colectiva» dos meios de produção. «Em França isto chamava-se comunismo» - explicava numa linguagem popular o chefe da burguesia inglesa aos seus ouvintes, membros do partido liberal parlamentar, que, seguramente, o ignoravam até então -; «na Alemanha chamava-se socialismo; na Rússia chamava-se bolchevismo». Para os liberais isto é inadmissível por princípio, explicou Lloyd George, pois os liberais são por princípio defensores da propriedade privada. «A civilização está em perigo" - declarou o por isso os liberais e os conservadores devem unir-se ...

*«... Se fordes aos distritos agrícolas - disse Lloyd George -, reconheço que vereis aí as velhas divisões partidárias, conservadas como antigamente. Aí o perigo está longe. Aí não há perigo. Mas quando se tratar dos distritos agrícolas, o perigo será ali tão grande quanto é hoje grande em alguns distritos industriais. Quatro quintos do nosso país dedicam-se à indústria e ao comércio; só uma escassa quinta parte à agricultura. Eis uma das circunstâncias que tenho sempre presente quando penso nos perigos com que o futuro nos ameaça. Em França, a população é agrícola e constitui por isso uma base sólida de determinadas opiniões, que não se move muito rapidamente e que não é fácil de excitar pelo movimento revolucionário. No nosso país a coisa é diferente. O nosso país é mais fácil de virar que qualquer outro país no mundo, e se começa a vacilar a catástrofe será aqui, em virtude das razões indicadas, mais forte do que nos outros países.»*

---

51 **The Manchester Guardian**: jornal burguês-liberal, um dos jornais burgueses ingleses de maior divulgação e influência. Fundado em 1821.

O leitor vê por aqui que o senhor Lloyd George não só é um homem muito inteligente, como, além disso, aprendeu muito com os marxistas. Também nós não faríamos mal em aprender com Lloyd George.

É também interessante assinalar o seguinte episódio da discussão que teve lugar depois do discurso de Lloyd George:

*«Sr. Wallace: Queria perguntar como encara o primeiro-ministro os resultados da sua política nos distritos industriais em relação aos operários industriais, muitos dos quais são hoje liberais e dos quais recebemos tanto apoio. Não se pode prever um resultado que provoque um aumento enorme da força do Partido Trabalhista por parte dos operários que hoje nos apoiam sinceramente?»*

*Primeiro-ministro: Tenho uma opinião completamente diferente. O facto de os liberais lutarem entre si empurra, sem dúvida, um número considerável de liberais, levados pelo desespero, para o Partido Trabalhista, onde há já um número considerável de liberais, homens muito capazes que se ocupam actualmente em desacreditar o governo. O resultado, indubitavelmente, é um reforço significativo do sentimento público a favor do Partido Trabalhista. A opinião pública inclina-se não para os liberais que estão fora do Partido Trabalhista, mas para o Partido Trabalhista, mostram-no as eleições parciais.»*

Digamos de passagem que este raciocínio mostra particularmente até que ponto se embrulham e não podem deixar de cometer disparates irreparáveis os homens mais inteligentes da burguesia. É isto o que fará perecer a burguesia. A nossa gente pode mesmo fazer disparates (é certo que com a condição de que estes disparates não sejam muito grandes e sejam reparados a tempo) mas acabará em todo o caso por triunfar.

O outro documento político são as seguintes considerações da comunista «de esquerda» camarada Sylvia Pankhurst:

*«... O camarada Inkpin (secretário do Partido Socialista Britânico) chama ao Partido Trabalhista 'a organização principal do movimento da classe operária'. Outro camarada do Partido Socialista Britânico exprimiu ainda com maior relevo o ponto de vista do Partido Socialista Britânico na conferência da III Internacional. Ele disse: 'Consideramos o Partido Trabalhista como a classe operária organizada.'*

*Não partilhamos esta opinião sobre o Partido Trabalhista. O Partido Trabalhista é muito grande numericamente, se bem que os seus membros sejam, em parte muito considerável, inactivos e apáticos; trata-se de operários e operárias que entraram nas trade-unions porque os seus companheiros de oficina são trade-unionistas e porque desejam receber subsídios.*

*Mas reconhecemos que a importância numérica do Partido Trabalhista é devida também ao facto de que ele é obra de uma escola de pensamento cujos limites a maioria da classe operária britânica ainda não ultrapassou, se bem que se preparem grandes mudanças na mentalidade do povo, que em breve modificará esta situação ...»*

*«... O Partido Trabalhista Britânico, como as organizações sociais-patrióticas dos outros países, chegará inevitavelmente ao poder no curso do desenvolvimento natural da sociedade. O dever dos comunistas é construir as forças que derrubarão os sociais-patriotas, e no nosso país não devemos atrasar essa acção, nem vacilar.*

*Não devemos dissipar a nossa energia aumentando a força do Partido Trabalhista; a sua ascensão ao poder é inevitável. Devemos concentrar as nossas forças na criação de um movimento*

*comunista que o vença. Dentro de pouco tempo, o Partido Trabalhista constituirá governo; a oposição revolucionária deve estar pronta para o atacar...»*

Assim, a burguesia liberal renuncia ao sistema dos «dois partidos» (dos exploradores), consagrado ao longo da história por uma experiência secular e extraordinariamente proveitosa para os exploradores, considerando necessária a união das suas forças a fim de lutar contra o Partido Trabalhista. Uma parte dos liberais, como ratos de um navio que se afunda, passam para o Partido Trabalhista. Os comunistas de esquerda consideram inevitável a passagem do poder para o Partido Trabalhista e reconhecem que a maioria dos operários está hoje a favor dele. Daí extraem a estranha conclusão que a camarada Sylvia Pankhurst formula do seguinte modo:

*«O partido comunista não deve concluir compromissos... Deve conservar pura a sua doutrina e imaculada a sua independência frente ao reformismo; a sua missão é ir à frente, sem se deter nem se desviar da sua via, ir pelo caminho directo para a revolução comunista.»*

Pelo contrário, do facto de a maioria dos operários da Inglaterra seguir ainda os Kérenski e os Scheidemann ingleses, de não haver conhecido ainda a experiência de um governo formado por esses homens - experiência que foi necessária tanto na Rússia como na Alemanha para que os operários passassem em massa para o comunismo -, disto decorre de maneira indubitável que os comunistas ingleses **devem** participar no parlamentarismo, devem ajudar **de dentro** do parlamento a massa operária a ver na prática os resultados do governo dos Henderson e dos Snowden, devem ajudar os Henderson e os Snowden a vencer os Lloyd George e Churchill unidos. Proceder doutro modo significa dificultar a obra da revolução, pois sem uma mudança nas opiniões da maioria da classe operária a revolução é impossível, e essa mudança consegue-se através da experiência política das massas, nunca apenas com a propaganda. A palavra de ordem «Avante sem compromissos, sem se afastar do caminho» é claramente errada, se quem a diz é uma minoria evidentemente impotente de operários que sabe (ou, pelo menos, deve saber) que dentro de pouco tempo, no caso de Henderson e Snowden triunfarem sobre Lloyd George e Churchill, a maioria ficará desapontada com seus chefes e passará a apoiar o comunismo (ou, em todo o caso, à neutralidade, e, na sua maioria, à neutralidade benevolente para com os comunistas). É como se 10 mil soldados se lançassem ao ataque contra 50 mil inimigos no momento que é necessário «deter-se», «desviar-se do caminho» e até concluir um «compromisso» para esperar a chegada de um reforço de 100 mil homens que vão chegar, que não podem entrar imediatamente em acção. É uma puerilidade própria de intelectuais e não uma tática séria da classe revolucionária.

A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções e, em particular, por todas as três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte; para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de viver como dantes e exijam mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam viver e governar como dantes. Só quando os «de baixo» **não querem** o que é velho e os «de cima» **não podem como dantes**, só então a revolução pode vencer. Esta verdade exprime-se de outro modo, com as palavras: a revolução é impossível sem uma crise nacional (tanto dos explorados como dos exploradores). Por conseguinte, para a revolução é necessário, em primeiro lugar, que a maioria dos operários (ou pelo menos a maioria dos operários conscientes, pensantes, politicamente activos) compreenda plenamente a necessidade da revolução e esteja disposta a dar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes dirigentes atravessem uma crise governamental que arraste para a política mesmo as massas mais atrasadas (o sintoma de toda a revolução autêntica é a rápida decuplicação ou centuplicação da quantidade de representantes dos trabalhadores e da massa oprimida, antes apática, aptos para a luta política), que enfraqueça o governo e torne possível aos revolucionários o seu rápido derrubamento.

Na Inglaterra, como se vê, aliás, precisamente do discurso de Lloyd George, crescem claramente ambas as condições de uma revolução proletária vitoriosa. E os erros dos comunistas de esquerda são agora excepcionalmente perigosos, precisamente porque observamos em alguns revolucionários uma atitude insuficientemente reflectida, insuficientemente atenta, insuficientemente consciente, insuficientemente ponderada em relação a cada uma destas condições. Se não somos um grupo revolucionário mas o partido da classe revolucionária, se queremos arrastar as **massas** (sem o que corremos o risco de não passar de simples charlatães) devemos, em primeiro lugar, ajudar Henderson ou Snowden a vencer Lloyd George e Churchill (mais exactamente: obrigar os primeiros a vencer os segundos, pois os primeiros **têm medo da sua própria vitória!**); segundo, ajudar a maioria da classe operária a convencer-se por experiência própria da nossa razão, isto é, do facto de que os Henderson e os Snowden não prestam para nada, da sua natureza pequeno-burguesa e traidora, da inevitabilidade da sua falência; terceiro, aproximar o momento em que, **na base** do facto de que a maioria dos operários se desiluiu dos Henderson, se possa, com sérias probabilidades de êxito, derrubar de golpe o governo dos Henderson, que perderá tanto mais a cabeça quanto mesmo o inteligentíssimo e sólido Lloyd George, não pequeno burguês, mas grande burguês, revela uma completa confusão e se enfraquece cada vez mais (e a toda a burguesia), ontem pelas suas «fricções» com Churchill, hoje pelas suas «fricções» com Asquith.

Falarei de modo mais concreto. Os comunistas ingleses devem, em minha opinião, unificar todos os seus quatro partidos e grupos (todos muito fracos e alguns extraordinariamente fracos) num partido comunista único, com base nos princípios da III Internacional e da participação **obrigatória** no parlamento. O partido comunista propõe aos Henderson e aos Snowden um «compromisso», um acordo eleitoral: caminhemos juntos contra a aliança de Lloyd George e dos conservadores, dividamos os lugares no parlamento segundo o número de votos dados pelos operários ao Partido Trabalhista ou aos comunistas (não nas eleições, mas numa votação especial), conservemos a **liberdade mais completa** de agitação, de propaganda, de acção política. Sem esta última condição é impossível, naturalmente, fazer o bloco, pois seria uma traição: os comunistas ingleses devem defender e assegurar a liberdade mais completa para desmascarar os Henderson e os Snowden de uma maneira tão absoluta como defenderam (durante **quinze anos**, 1903-1917) e asseguraram os bolcheviques russos relativamente aos Henderson e aos Snowden russos, isto é, os mencheviques.

Se os Henderson e os Snowden aceitam o bloco nestas condições, teremos ganho, pois o importante para nós não é, de modo nenhum, o número de lugares no parlamento, não é isso que procuramos, neste ponto seremos transigentes (enquanto os Henderson e, sobretudo, os seus novos amigos - ou os seus novos senhores -, os liberais que passaram para o Partido Trabalhista Independente, os procuram acima de tudo). Teremos ganho porque levaremos a **nossa** agitação **às massas** num momento em que o **próprio** Lloyd George as terá «incitado», e ajudaremos não só o Partido Trabalhista a formar mais depressa o seu governo, mas também as massas a compreender mais depressa toda a nossa propaganda comunista, que realizaremos contra os Henderson sem qualquer limitação, sem silenciar seja o que for.

Se os Henderson e os Snowden repudiam o bloco conosco nestas condições, teremos ganho ainda mais. Pois teremos mostrado desde logo **às massas** (notai que mesmo dentro do Partido Trabalhista Independente, puramente menchevique, completamente oportunista, **a massa** é pelos Sovietes) que os Henderson preferem a sua proximidade com os capitalistas à união de todos os operários. Teremos ganho desde logo perante a massa, a qual, sobretudo depois das explicações brilhantíssimas, extremamente acertadas e úteis (para o comunismo) de Lloyd George, simpatizará com a união de todos os operários contra a aliança de Lloyd George com os conservadores. Teremos ganho desde logo pois teremos demonstrado às massas que os Henderson e os Snowden receiam vencer Lloyd George, receiam tomar o poder sozinhos e aspiram alcançar **em segredo** o apoio de Lloyd George, o qual estende **abertamente** a mão aos conservadores contra o Partido Trabalhista. Há que notar que na Rússia, depois da revolução de 27.II.1917 (velho estilo), a propaganda dos



bolcheviques contra os mencheviques e os socialistas-revolucionários (isto é, os Henderson e os Snowden russos) ganhou precisamente em virtude de tal circunstância. Nós dizíamos aos mencheviques e aos socialistas-revolucionários: tomai todo o poder sem a burguesia, pois tendes a maioria nos Sovietes (no I Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, os bolcheviques tinham em Junho de 1917 um total de 13 % dos votos). Mas os Henderson e os Snowden russos tinham medo de tomar o poder sem a burguesia, e quando a burguesia adiava as eleições para a Assembleia Constituinte porque sabia perfeitamente que esta daria a maioria aos socialistas-revolucionários e aos mencheviques<sup>52</sup> (uns e outros faziam parte de um bloco político muito estreito, representavam de facto **uma** só democracia pequeno-burguesa), os socialistas-revolucionários e os mencheviques foram impotentes para lutar com energia e até ao fim contra esses adiamentos.

Caso os Henderson e os Snowden se recusassem a um bloco com os comunistas, os comunistas teriam ganho desde logo na conquista da simpatia das massas e no descrédito dos Henderson e dos Snowden, e se com isto perdêssemos alguns lugares no parlamento, isso para nós não é de maneira nenhuma importante. Apresentaríamos os nossos candidatos apenas num número ínfimo de circunscrições absolutamente seguras, isto é, onde a apresentação dos nossos candidatos não faça passar um liberal contra um trabalhista. Realizaríamos agitação eleitoral, distribuindo panfletos em favor do comunismo e propondo em **todas** as circunscrições onde não há candidato nosso **o voto no trabalhista contra o burguês**. Enganam-se os camaradas Sylvia Pankhurst e Gallacher se vêm nisto uma traição ao comunismo ou uma recusa à luta contra os sociais-traidores. Pelo contrário, é indubitável que a causa da revolução comunista ganharia com isso.

Agora é muitas vezes difícil aos comunistas ingleses mesmo chegarem à massa, mesmo fazerem-se ouvir. Mas se eu me apresento como comunista e declaro que convido a votar por Henderson contra Lloyd George, certamente que me escutarão. E poderei explicar de modo popular não só por que razão os Sovietes são melhores do que o parlamento e a ditadura do proletariado melhor do que a ditadura de Churchill (encoberta com rótulo de «democracia» burguesa), mas também que quereria sustentar Henderson com o meu voto precisamente como a corda sustenta o enforcado; que a aproximação com os Henderson para um governo formado por eles provará igualmente que tenho razão, atrairá igualmente as massas para o meu lado e acelerará igualmente a morte política dos Henderson e dos Snowden, tal como sucedeu com os seus correligionários na Rússia e na Alemanha.

E se me objectarem: isto é uma tática demasiado «astuta» ou complicada, as massas não a compreenderão, ela dispersará e desagregará as nossas forças, impedirá a sua concentração na revolução soviética, etc., responderei aos meus objectores «de esquerda»: não atribuais às massas o vosso próprio doutrinário! Provavelmente na Rússia as massas não são mais cultas, mas menos cultas, do que na Inglaterra. E, não obstante, as massas compreenderam os bolcheviques; e os bolcheviques não foram prejudicados, mas ajudados, pela circunstância de que, **em vésperas** da revolução soviética, em Setembro de 1917, formaram listas de candidatos seus ao parlamento burguês (à Assembleia Constituinte) e **no dia seguinte** à revolução soviética, em Novembro de 1917, tomaram parte nas eleições para essa mesma Assembleia Constituinte, dissolvida por eles em 5.I.1918.

Não posso deter-me aqui na segunda divergência entre os comunistas ingleses, que consiste em saber se devem ou não aderir ao Partido Trabalhista. Posso muito poucos materiais sobre esta questão extremamente complexa, dada a extraordinária originalidade do «Partido Trabalhista» britânico, muito diferente pela sua própria estrutura dos partidos políticos habituais do continente

---

52 As eleições para a Assembleia Constituinte na Rússia, em Novembro de 1917, segundo informações que abarcam mais de 36 milhões de eleitores, deram 25 % dos votos aos bolcheviques, 13 % aos diferentes partidos dos latifundiários e da burguesia, 62 % à democracia pequeno-burguesa, isto é, aos socialistas-revolucionários e mencheviques juntamente com os pequenos grupos com eles aparentados.

européu. Mas é indubitável, primeiro, que comete também inevitavelmente um erro quem nesta questão imagina que deduz a tática do proletariado revolucionário de princípios como este: «o partido comunista deve conservar pura a sua doutrina e imaculada a sua independência frente ao reformismo; a sua vocação é ir à frente, sem se deter nem se desviar do seu caminho, ir pela via directa para a revolução comunista». Pois semelhantes princípios não fazem mais do que repetir o erro dos *communards* blanquistas franceses, que em 1874 proclamavam a «negação» de todos os compromissos e de todas as estações intermédias. Segundo, é indubitável que também aqui a tarefa consiste, como sempre, em saber aplicar os princípios gerais e fundamentais do comunismo àquela **peculiaridade** das relações entre as classes e os partidos, àquela **peculiaridade** do desenvolvimento objectivo para o comunismo que é própria de cada país e que é necessário saber estudar, descobrir e adivinhar.

Mas há que falar disto não apenas em relação ao comunismo inglês, mas às conclusões gerais que se referem ao desenvolvimento do comunismo em todos os países capitalistas. Passamos agora a este tema.

## X ALGUMAS CONCLUSÕES

A revolução burguesa russa de 1905 revelou uma viragem extraordinariamente original da história universal: num dos países capitalistas mais atrasados, o movimento grevista alcançou pela primeira vez no mundo uma amplitude e uma força nunca vistas. **Só no primeiro mês** de 1905, o número de grevistas foi dez vezes maior que o número médio **anual** de grevistas durante os dez anos anteriores (1895-1904), e de Janeiro a Outubro de 1905, as greves cresceram incessantemente e em proporções colossais. Sob a influência de uma série de condições históricas absolutamente peculiares, a Rússia atrasada foi a primeira a mostrar ao mundo não só um crescimento brusco da actividade independente das massas oprimidas em período de revolução (isto aconteceu em todas as grandes revoluções), mas também uma importância do proletariado infinitamente superior à sua parte na população, a combinação da greve económica com a greve política, com a transformação desta última em insurreição armada, o nascimento de uma nova forma de luta de massas e de organização de massas das classes oprimidas pelo capitalismo - os Sovietes.

As revoluções de Fevereiro e Outubro de 1917 conduziram ao desenvolvimento multifacetado dos Sovietes à escala nacional, e depois à sua vitória numa revolução proletária, socialista. Menos de dois anos depois, revelou-se o carácter internacional dos Sovietes, a difusão desta forma de luta e de organização ao movimento operário mundial, a vocação histórica dos Sovietes de serem os coveiros, os herdeiros, os sucessores do parlamentarismo burguês, da democracia burguesa em geral.

Mais ainda. A história do movimento operário mostra hoje que ele está destinado (e já começou) a atravessar em todos os países uma luta do comunismo nascente, cada vez mais forte, que caminha para a vitória, antes de mais e principalmente contra o **seu próprio** (de cada país) «menchevismo», isto é, contra o oportunismo e o social-chauvinismo; segundo - como complemento, por assim dizer -, contra o comunismo «de esquerda». A primeira luta tem-se desenrolado em todos os países, ao que parece sem excepção, como uma luta entre a II Internacional (hoje de facto já morta) e a III Internacional. A segunda luta observa-se na Alemanha, na Inglaterra, na Itália, na América (pelo menos uma determinada parte dos «Trabalhadores Industriais do Mundo» e das tendências anarco-sindicalistas defendem os erros do comunismo de esquerda, a par de um reconhecimento quase geral, quase sem reservas, do sistema soviético) e em França (atitude dum parte dos ex-sindicalistas relativamente ao partido político e ao parlamentarismo, novamente a par do reconhecimento do sistema soviético), isto é, sem dúvida, numa escala não apenas internacional, mas universal.

Mas passando em toda a parte por uma escola preparatória da vitória sobre a burguesia que é no fundo idêntica, o movimento operário de cada país efectua este desenvolvimento **à sua maneira**. Os grandes países capitalistas avançados seguem este caminho **muito mais rapidamente** do que o bolchevismo, ao qual a história concedeu um prazo de quinze anos para se preparar, como tendência política organizada, para a vitória. Num prazo tão breve como é um ano, a III Internacional alcançou já uma vitória decisiva, destruiu a II Internacional, a Internacional amarela, social-chauvinista, que ainda há uns meses era incomparavelmente mais forte do que a III, parecia sólida e poderosa e gozava da ajuda multilateral - directa e indirecta, material (lugarzinhos ministeriais, passaportes, imprensa) e ideológica - da burguesia mundial.

O que importa agora é que os comunistas de cada país tenham em conta, com plena consciência, tanto as tarefas fundamentais, de princípio, da luta contra o oportunismo e o doutrinário «de esquerda», como as **particularidades concretas** que essa luta adquire e deve adquirir inevitavelmente em cada país, conforme os traços originais da sua economia, da sua política, da sua cultura, da sua composição nacional (Irlanda, etc.), das suas colónias, das suas divisões religiosas etc., etc. Sente-se por toda a parte, estende-se e cresce o descontentamento contra a II Internacional pelo seu oportunismo e pela sua inabilidade ou incapacidade para criar um centro realmente centralizador, realmente dirigente, capaz de orientar a tática internacional do proletariado revolucionário na sua luta pela república soviética universal. É preciso dar-se bem conta de que tal centro dirigente não pode, em nenhum caso, ser construído na base de regras táticas de luta estereotipadas, mecanicamente niveladas e idênticas. Enquanto existirem diferenças nacionais e estatais entre os povos e os países - e estas diferenças subsistirão muito e muito tempo mesmo depois da instauração da ditadura do proletariado à escala universal - a unidade da tática internacional do movimento operário comunista de todos os países exige não a supressão da variedade, nem a eliminação das diferenças nacionais (o que é, na actualidade, um sonho absurdo), mas uma aplicação tal dos princípios **fundamentais** do comunismo (Poder Soviético e ditadura do proletariado) que **modifique acertadamente** estes princípios nos pormenores, que os adapte, que os aplique acertadamente às diferenças nacionais e nacionais-estatais. Investigar, estudar, descobrir, adivinhar, captar o que há de particularmente nacional e de especificamente nacional nas abordagens **concretas** de cada país da solução da tarefa internacional **comum**, da vitória sobre o oportunismo e o doutrinário de esquerda no seio do movimento operário, do derrubamento da burguesia, da instauração da República Soviética e da ditadura proletária - eis a principal tarefa do momento histórico que atravessam todos os países avançados (e não só os avançados). Fez-se já o principal - sem dúvida que nem tudo, nem de longe, mas o principal - para atrair a vanguarda da classe operária, para a fazer passar para o lado do Poder Soviético contra o parlamentarismo, para o lado da ditadura do proletariado contra a democracia burguesa. Agora há que concentrar todas as forças e toda a atenção no passo **seguinte** que parece ser - e, de certo ponto de vista, é-o de facto - menos fundamental, mas que, em contrapartida, está praticamente mais perto da solução prática do problema, a saber: na procura das formas de **transição** ou de **abordagem** da revolução proletária.

A vanguarda proletária está ideologicamente conquistada. Isto é o principal. Sem isto é impossível dar sequer o primeiro passo para a vitória. Mas daí até à vitória vai ainda uma grande distância. Só com a vanguarda é impossível vencer. Lançar apenas a vanguarda para a batalha decisiva, quando toda a classe, quando as amplas massas não adoptaram ainda uma posição de apoio directo à vanguarda ou, pelo menos, de neutralidade benevolente relativamente a ela e de incapacidade completa de apoiar o adversário, seria não só uma estupidez, mas também um crime. E para que realmente toda a classe, para que realmente as amplas massas dos trabalhadores e dos oprimidos pelo capital cheguem a tal posição, a propaganda e a agitação por si sós não bastam. Para isso é necessária a própria experiência política destas massas. Tal é a lei fundamental de todas as grandes revoluções, hoje confirmada com uma força e um relevo surpreendentes não só pela Rússia como pela Alemanha. Não só as massas incultas, frequentemente analfabetas, da Rússia, mas também as massas da Alemanha, muito cultas, sem um único analfabeto, precisaram de experimentar na sua

própria carne toda a impotência, toda a falta de carácter, toda a incapacidade, todo o servilismo perante a burguesia, toda a infâmia do governo dos paladinos da II Internacional, toda a inevitabilidade da ditadura dos reaccionários extremos (Kornílov na Rússia, Kapp e C<sup>a</sup> na Alemanha<sup>53</sup>) como única alternativa à ditadura do proletariado, para se voltarem decididamente para o comunismo.

A tarefa imediata da vanguarda consciente no movimento operário internacional, isto é, dos partidos, grupos e tendências comunistas, consiste em saber **levar** as amplas massas (hoje ainda, na maior parte dos casos, adormecidas, apáticas, rotineiras, inertes, não despertadas) para esta sua nova posição, ou, melhor, em saber dirigir **não só** o seu próprio partido, mas também essas massas no decorrer da sua aproximação, da sua passagem para a nova posição. Se a primeira tarefa histórica (atrair para o Poder Soviético e para a ditadura da classe operária a vanguarda consciente do proletariado) não podia ser resolvida sem uma vitória ideológica e política completa sobre o oportunismo e o social-chauvinismo, a segunda tarefa, que é agora imediata e que consiste em saber levar as **massas** para a nova posição, capaz de assegurar a vitória da vanguarda na revolução, não pode ser resolvida sem liquidar o doutrinário de esquerda, sem superar por completo os seus erros, sem se desembaraçar deles.

Enquanto se tratou (e na medida em que se trata ainda) de atrair para o lado do comunismo a vanguarda do proletariado, a propaganda avança para o primeiro lugar; até mesmo os círculos, que têm todas as fraquezas do espírito de círculo, são aqui úteis e dão resultados fecundos. Quando se trata da acção prática das massas, de dispor - se assim se pode dizer - exércitos de milhões de homens, de distribuir **todas** as forças de classe duma determinada sociedade **para o combate final e decisivo**, aqui já nada se fará só com os métodos de propaganda, com a simples repetição das verdades do comunismo «puro». Aqui não se deve contar por milhares, como o faz no fundo o propagandista, membro de um grupo reduzido e que ainda não dirige massas; aqui deve-se contar por milhões e dezenas de milhões. Aqui deve-se perguntar não só se convencemos a vanguarda da classe revolucionária, mas também se estão dispostas as forças historicamente activas de **todas** as classes, obrigatoriamente de todas as classes sem excepção da sociedade considerada, de modo que a batalha decisiva esteja já completamente amadurecida, de modo que (1) todas as forças de classe que nos são hostis estejam suficientemente confusas, suficientemente em choque entre si, suficientemente extenuadas por uma luta superior às suas forças; que (2) todos os elementos vacilantes, oscilantes, inconsistentes, intermédios, isto é, a pequena burguesia, a democracia pequeno-burguesa em contraste com a burguesia, se tenham desmascarado suficientemente perante o povo, se tenham coberto suficientemente de vergonha pela sua falência prática; que (3) no proletariado apareça e comece a erguer-se poderosamente um estado de espírito a favor do apoio às acções revolucionárias mais decididas, abnegadamente ousadas contra a burguesia. É então que a revolução está madura, que a nossa vitória, se tivermos correctamente em conta todas as condições atrás referidas e brevemente descritas, e se escolhermos correctamente o momento, que a nossa vitória está assegurada.

As divergências entre os Churchill e os Lloyd George - tipos políticos que existem em **todos** os países com diferenças nacionais ínfimas - por um lado; depois entre os Henderson e os Lloyd George, por outro, são absolutamente sem importância e pequenas do ponto de vista do comunismo puro, isto é, abstracto, isto é, ainda imaturo para a acção política de massas, prática. Mas do ponto de vista desta acção prática das massas, estas diferenças são muito e muito importantes. Saber tê-las em conta, saber determinar o momento em que amadureceram completamente os inevitáveis

---

53 Trata-se do golpe de Estado monárquico-militar, o chamado «*putch* de Kapp», realizado pela camarilha militaristas reaccionária alemã. O *putch* foi organizado pelo latifundiário monárquico Kapp e pelos generais Lüdendorf, Seeckt e Lüttwitz, com a conivência evidente do governo social-democrata. Em 13 de Março de 1920, os sublevados lançaram unidades militares contra Berlim e, não encontrando resistência por parte do governo, proclamaram a ditadura militar. Os operários da Alemanha responderam ao golpe de Estado com a greve geral. Sob a sua pressão, o governo de Kapp caiu em 17 de Março, voltando ao poder os sociais-democratas.

conflitos entre esses «amigos», que debilitam e extenuam **todos os «amigos» considerados em conjunto** - nisso consiste toda a questão, toda a tarefa do comunista que deseja ser não só um propagandista ideológico consciente e convicto mas também um dirigente prático das **massas** na revolução. É necessário unir a fidelidade mais estrita às ideias do comunismo com a capacidade de estabelecer todos os compromissos práticos necessários, as manobras, a conciliação, os ziguezagues, as retiradas, etc., para apressar a realização e a queda do poder político dos Henderson (dos heróis da II Internacional, para não falar nos nomes de determinadas pessoas, representantes da democracia pequeno-burguesa, que se chamam a si próprios socialistas); para apressar a sua falência inevitável na prática, o que instruirá as massas precisamente no nosso espírito e as orientará precisamente na direcção do comunismo; apressar as fricções, as disputas, os conflitos inevitáveis, a desagregação total entre os Henderson, os Lloyd George e os Churchill (entre os mencheviques e os socialistas-revolucionários, os democratas-constitucionalistas e os monárquicos; entre os Scheidemann, a burguesia, os kappistas, etc.), e escolher com acerto o momento de máxima desagregação entre todos esses «pilares da sacrossanta propriedade privada», a fim de derrotar todos eles mediante uma ofensiva decidida do proletariado e conquistar o poder político.

A história em geral, e a história das revoluções em particular, é sempre mais rica de conteúdo, mais variada, mais multiforme, mais viva e mais «astuta» do que imaginam os melhores partidos, as vanguardas mais conscientes das classes mais avançadas. E isto é compreensível, pois as melhores vanguardas exprimem a consciência, a vontade, a paixão, a fantasia de dezenas de milhares de homens, enquanto a revolução fazem-na, em momentos de particular ascenso e tensão de todas as faculdades humanas, a consciência, a vontade, a paixão e a fantasia de dezenas de milhões de homens agulhoados pela mais aguda luta de classes. Daqui decorrem duas conclusões práticas muito importantes; primeira, que a classe revolucionária, para realizar a sua tarefa, deve saber dominar **todas** as formas ou aspectos, sem a mínima excepção, da actividade social (terminando depois da conquista do poder político, por vezes com grande risco e enorme perigo, aquilo que não terminou antes dessa conquista); segunda, que a classe revolucionária deve estar preparada para a mais rápida e inesperada substituição de uma forma por outra.

Todos concordarão em que seria insensata e até criminosa a conduta de um exército que não esteja preparado para dominar todos os tipos de armas, todos os meios e processos de luta que o inimigo possui ou possa possuir. Mas isto diz ainda mais respeito à política do que à arte militar. Em política é ainda menos fácil saber antecipadamente que meio de luta será aplicável e vantajoso para nós em tais ou tais condições futuras. Sem dominar todos os meios de luta podemos sofrer uma derrota enorme - por vezes mesmo decisiva -, se mudanças independentes da nossa vontade na situação das outras classes põem na ordem do dia uma forma de acção na qual somos particularmente fracos. Dominando todos os meios de luta, venceremos seguramente, visto que representamos os interesses da classe realmente avançada, realmente revolucionária, ainda que as circunstâncias não nos permitam pôr em acção a arma mais perigosa para o inimigo, a arma susceptível de lhe assestar golpes mortais com a maior rapidez. Os revolucionários sem experiência pensam frequentemente que os meios legais de luta são oportunistas, pois a burguesia enganava e mistificava os operários com particular frequência neste terreno (sobretudo nos períodos «pacíficos», não revolucionários), e que os meios ilegais de luta são revolucionários. Mas isto é falso. O que é verdadeiro é que os oportunistas e traidores à classe operária são os partidos e os chefes que não sabem ou não querem (não digam: não posso; digam: não quero) aplicar os meios legais de luta em condições como, por exemplo, as existentes durante a guerra imperialista de 1914-1918, em que a burguesia dos países democráticos mais livres enganava os operários com um descaramento e uma crueldade nunca vistas, proibindo que se dissesse a verdade sobre o carácter espoliador da guerra. Mas os revolucionários que não sabem combinar as formas ilegais de luta com **todas** as formas legais são muito maus revolucionários. Não é difícil ser revolucionário quando a revolução já rebentou e se inflamou, quando todos aderem à revolução por simples entusiasmo, por moda e por vezes até por interesse numa carreira pessoal. Mas «libertar-se» de tais revolucionários de meia tigela custa

depois ao proletariado, após a sua vitória, os esforços mais duros, dolorosos, poder-se-ia dizer torturantes. É muitíssimo mais difícil - e muitíssimo mais valioso - saber ser revolucionário quando **ainda não existem** as condições para a luta directa, aberta, autenticamente de massas, autenticamente revolucionária, saber defender os interesses da revolução (mediante a propaganda, a agitação e a organização) em instituições não revolucionárias e muitas vezes francamente reaccionárias, numa situação não revolucionária, entre massas incapazes de compreender imediatamente a necessidade de um método revolucionário de acção. Saber encontrar, descobrir, determinar com exactidão a via concreta ou uma viragem especial dos acontecimentos **que conduza** as massas para a verdadeira, final, decisiva e grande luta revolucionária - nisto consiste a principal tarefa do comunismo actual na Europa Ocidental e na América.

Um exemplo: a Inglaterra. Não podemos saber - e ninguém está em condições de o determinar de antemão - quando rebentará ali a verdadeira revolução proletária e **qual será o motivo** que mais despertará, inflamará e lançará na luta massas muito amplas, hoje ainda adormecidas. Temos o dever, por conseguinte, de realizar todo o nosso trabalho preparatório tendo bem ferradas (como gostava de dizer o defunto Plekhánov, quando era marxista e revolucionário) as quatro patas. Talvez seja uma crise parlamentar que «rompa», que «quebre o gelo»; ou talvez uma crise decorrente das contradições coloniais e imperialistas irremediavelmente complicadas, cada vez mais confusas e agudas; ou possivelmente uma terceira coisa. Não falamos de que tipo de luta **decidirá** da sorte da revolução proletária na Inglaterra (esta questão não suscita dúvidas para nenhum comunista, esta questão para todos nós está decidida e firmemente decidida), falamos do **motivo** que despertará as massas proletárias, hoje ainda adormecidas, as porá em movimento e as conduzirá ao limiar da revolução. Não esqueçamos, por exemplo, que na república burguesa francesa, numa situação que era cem vezes menos revolucionária que a actual, tanto no aspecto internacional como no aspecto interno, se revelou suficiente um motivo tão «inesperado» e tão «pequeno» como uma das milhares e milhares de falcatruas desonestas da camarilha militar reaccionária (o caso Dreyfus) para conduzir o povo ao limiar da guerra civil!

Na Inglaterra os comunistas devem utilizar constantemente, sem descanso nem vacilação, as eleições parlamentares, todas as peripécias da política irlandesa, colonial e imperialista mundial do governo britânico e todos os demais campos, esferas e aspectos da vida social, trabalhando em todos de uma maneira nova, de maneira comunista, no espírito da III e não da II Internacional. Não tenho aqui tempo nem lugar para descrever os métodos da participação «bolchevique», «russa», nas eleições parlamentares e na luta parlamentar, mas posso assegurar aos comunistas estrangeiros que não se pareciam em nada com as campanhas parlamentares habituais na Europa Ocidental. Daqui se extrai frequentemente a seguinte conclusão: «isso é assim no vosso país, na Rússia, mas entre nós o parlamentarismo é diferente». A conclusão é falsa. Os comunistas, os partidários da III Internacional, existem em todos os países precisamente para **transformar** em toda a linha, em todos os domínios da vida, o velho trabalho socialista, trade-unionista, sindicalista, parlamentar, num trabalho **novo**, comunista. Nas nossas eleições também houve sempre muito e muito de oportunista, de puramente burguês, de interesseiro, de fraude capitalista. Os comunistas na Europa Ocidental e na América devem aprender a criar um parlamentarismo novo, não vulgar, não oportunista, não carreirista: que o partido comunista lance as suas palavras de ordem; que os verdadeiros proletários, com a ajuda dos pobres, desorganizados e completamente oprimidos, espalhem e distribuam panfletos, percorram as habitações dos operários, as cabanas dos proletários do campo e dos camponeses que vivem nas aldeias perdidas (na Europa existem, felizmente, muito menos aldeias perdidas do que na Rússia, e na Inglaterra quase não existem), penetrem nas tabernas das pessoas mais simples, se introduzam nas associações e sociedades das pessoas mais simples, nas reuniões ocasionais; que falem ao povo não de maneira doutoral (e não muito parlamentar), que não corram de maneira nenhuma atrás de um «lugarzinho» no parlamento, mas que despertem em toda a parte o pensamento, arrastem a massa, agarrem na palavra à burguesia, utilizem o aparelho criado por ela, as eleições convocadas por ela, os apelos feitos por ela a todo o povo, dêem a conhecer ao povo o

bolchevismo como nunca conseguiram dá-lo a conhecer (sob o domínio da burguesia) fora do período eleitoral (sem contar, naturalmente, os momentos de grandes greves, quando **esse mesmo** aparelho de agitação popular trabalhava no nosso país com maior intensidade ainda). Fazer isto na Europa Ocidental e na América é muito difícil, muitíssimo difícil, mas pode e deve fazer-se, pois é impossível cumprir as tarefas do comunismo sem trabalho, e é preciso trabalhar no cumprimento das tarefas **práticas**, cada vez mais variadas, cada vez mais ligadas a todos os ramos da vida social e que vão **conquistando** cada vez mais **à burguesia** um ramo, um domínio após outro.

Nessa mesma Inglaterra é necessário igualmente formular de uma maneira nova (não de uma maneira socialista, mas comunista, não de um modo reformista, mas revolucionário) o trabalho de propaganda, de agitação e de organização nas tropas e entre as nacionalidades oprimidas e sem plenos direitos do «**seu**» Estado (Irlanda, as colónias). Pois todos estes domínios da vida social, na época do imperialismo em geral, e agora depois da guerra, que atormentou os povos e lhes abriu rapidamente os olhos para a verdade (isto é: que dezenas de milhões de homens morreram ou ficaram mutilados unicamente para decidir a questão de se seriam os abutres ingleses ou alemães a pilhar mais países), todos esses domínios da vida social se enchem particularmente de materiais combustíveis e criam muitíssimos motivos de conflitos e de crises, a agudização da luta de classes. Não sabemos nem podemos saber qual a centelha - das inúmeras centelhas que agora jorram por toda a parte em todos os países, sob a influência da crise económica e política mundial - poderá atear o incêndio, no sentido de despertar especialmente as massas, e temos por isso a obrigação de, com os nossos princípios novos, comunistas, começar a «preparação» de todos e quaisquer campos, mesmo os mais velhos, bolorentos e aparentemente sem remédio, pois de outro modo não estaremos à altura da nossa tarefa, não estaremos inteiramente preparados, não dominaremos todos os tipos de armas, não nos prepararemos nem para a vitória sobre a burguesia (que organizou - e agora desorganizou - todos os aspectos da vida social à maneira burguesa) nem para a futura reorganização comunista de toda a vida, depois desta vitória.

Depois da revolução proletária na Rússia e das vitórias desta revolução à escala internacional, inesperadas para a burguesia e os filisteus, todo o mundo se tornou agora diferente e a burguesia em toda a parte também diferente. Ela está assustada com o «bolchevismo», exasperada contra ele até quase perder a razão, e precisamente porque ela, por um lado, acelera o desenrolar dos acontecimentos e, por outro lado, concentra a atenção na repressão violenta do bolchevismo, debilitando desse modo a sua posição em muitos outros terrenos. Os comunistas de todos os países avançados devem ter em conta na sua tática ambas estas circunstâncias.

Quando os democratas-constitucionalistas russos e Kérenski empreenderam uma perseguição furiosa contra os bolcheviques - sobretudo a partir de Abril de 1917 e ainda mais em Junho e Julho de 1917 - eles «passaram das marcas». Os milhões de exemplares de jornais burgueses que gritavam em todos os tons contra os bolcheviques ajudaram a conseguir que as massas avaliassem o bolchevismo, e toda a vida social, mesmo sem contar com os jornais, se impregnou de discussões sobre o bolchevismo, precisamente graças ao «zelo» da burguesia. Os milionários de todos os países conduzem-se presentemente de tal modo à escala internacional que devemos estar-lhes reconhecidos de todo o coração. Perseguem o bolchevismo com o mesmo zelo com que antes o perseguiam Kérenski e C<sup>a</sup>, tal como estes, eles também «passam das marcas» ao fazê-lo e **ajudam**-nos tal como Kérenski. Quando a burguesia francesa faz do bolchevismo o ponto central da agitação eleitoral, injuriando pelo seu bolchevismo os socialistas relativamente moderados ou vacilantes; quando a burguesia americana, perdendo por completo a cabeça, detém milhares e milhares de pessoas suspeitas de bolchevismo e cria um ambiente de pânico, propagando por toda a parte notícias de conjuras bolcheviques; quando a burguesia inglesa, a mais «séria» do mundo, com toda a sua inteligência e experiência, faz disparates inverosímeis, funda riquíssimas «sociedades para a luta contra o bolchevismo», cria uma literatura especial sobre o bolchevismo e recruta para a luta contra o bolchevismo uma quantidade suplementar de sábios, agitadores e padres, devemos

cumprimentar e agradecer aos senhores capitalistas. Trabalham para nós. Ajudam-nos a interessar as massas pela questão da essência e do significado do bolchevismo. E não podem proceder doutro modo, porque fracassaram **já** nas suas tentativas de «fazer silêncio», de estrangular o bolchevismo.

Mas, ao mesmo tempo, a burguesia vê no bolchevismo quase só um dos seus aspectos: a insurreição, a violência, o terror; a burguesia procura por isso preparar-se especialmente para oferecer oposição e resistência **neste** terreno. É possível que em certos casos, em certos países, em tais ou tais períodos breves o consiga: há que contar com essa possibilidade, e nada há de temível para nós em que o consiga. O comunismo «surge» literalmente de todos os aspectos da vida social, os seus germes existem literalmente em toda a parte, o «contágio» (para utilizar a comparação preferida da burguesia e da polícia burguesa e a mais «agradável» para ela) penetrou muito firmemente no organismo e impregnou completamente todo o organismo. Se se «fecha» com particular cuidado uma das saídas, o «contágio» encontrará outra saída, por vezes a mais inesperada. A vida acabará por vencer. Que a burguesia se agite, se irrite até perder a cabeça, que passe das marcas, faça disparates, se vingue antecipadamente dos bolcheviques e se esforce por aniquilar (na Índia, na Hungria, na Alemanha, etc.) centenas, milhares, centenas de milhares de bolcheviques de amanhã ou de ontem: ao proceder assim, a burguesia procede como procederam todas as classes condenadas pela história a perecer. Os comunistas devem saber que, em todo o caso, é a eles que pertence o futuro, e por isso podemos (e devemos) unir a maior paixão na grande luta revolucionária à apreciação mais fria e serena das furiosas convulsões da burguesia. A revolução russa foi cruelmente derrotada em 1905; os bolcheviques russos foram derrotados em Julho de 1917; mais de 15 000 comunistas alemães foram massacrados pela hábil provocação e as astutas manobras de Scheidemann e Noske, juntamente com a burguesia e os generais monárquicos; na Finlândia e na Hungria é desencadeado o terror branco. Mas, em todos os casos e em todos os países, o comunismo tempera-se e cresce; as suas raízes são tão profundas que as perseguições não o enfraquecem, não o debilitam, antes o reforçam. Falta apenas uma coisa para que caminhemos para a vitória com mais segurança e firmeza: que todos os comunistas de todos os países tenham consciência em toda a parte e até ao fim da necessidade da máxima **flexibilidade** na sua tática. Falta agora ao comunismo, que cresce magnificamente, sobretudo nos países avançados, esta consciência e a aptidão para aplicar esta consciência na prática.

Poderia (e deveria) ser uma lição útil o que se passou com chefes da II Internacional como Kautsky, Otto Bauer e outros, marxistas tão eruditos e tão fiéis ao socialismo. Eles tinham plena consciência da necessidade de uma tática flexível, tinham aprendido e ensinavam aos outros a dialéctica marxista (e muito do que por eles foi feito neste aspecto permanecerá para sempre uma valiosa contribuição à literatura socialista), mas, **ao aplicar** esta dialéctica, incorreram num tal erro ou mostraram-se, na prática, tão **não** dialécticos, tão incapazes de ter em conta a rápida mudança de forma e a rápida aquisição de um novo conteúdo pelas velhas formas, que a sua sorte não é muito mais invejável que a sorte de Hyndman, Guesde e Plekhánov. A causa fundamental do seu fracasso consistiu em que «ficaram com os olhos presos» numa forma determinada de crescimento do movimento operário e do socialismo, esqueceram o seu carácter unilateral, tiveram medo de ver a ruptura brusca, que se tornava inevitável em virtude das condições objectivas, e continuaram a repetir as verdades simples, decoradas, à primeira vista indiscutíveis: três são mais que dois. Mas a política parece-se mais com a álgebra do que com a aritmética e mais ainda com as matemáticas superiores do que com as elementares. Na realidade, todas as velhas formas do movimento socialista adquiriram um novo conteúdo, e por isso apareceu diante dos números um novo sinal, o sinal «menos», enquanto os nossos sabichões continuaram (e continuam) obstinadamente a persuadir-se e a persuadir os outros de que «menos três» é mais do que «menos dois».

Há que procurar que os comunistas não repitam o mesmo erro, só que em sentido contrário, ou, melhor dizendo, que **esse mesmo erro**, só que em sentido contrário, cometido pelos comunistas «de esquerda», seja corrigido e erradicado com a maior rapidez e o menos dolorosamente possível para



o organismo. O doutrinário de esquerda é também um erro, e não só o doutrinário de direita. Naturalmente, o erro do doutrinário de esquerda no comunismo é, no momento actual, mil vezes menos perigoso e menos importante do que o erro do doutrinário de direita (isto é, do social-chauvinismo e do kautskismo), mais, isso deve-se unicamente ao facto de o comunismo de esquerda ser uma tendência muito jovem que acaba de nascer. Só por isso a doença pode ser, em determinadas condições, facilmente curada e é necessário empreender a sua cura com a máxima energia.

As velhas formas rebentaram, porque se verificou que o seu novo conteúdo - um conteúdo antiproletário, reaccionário - adquiriu um desenvolvimento desmesurado. Do ponto de vista do desenvolvimento do comunismo internacional, possuímos hoje um conteúdo tão sólido, tão forte e poderoso do trabalho (pelo Poder Soviético, pela ditadura do proletariado) que pode e **deve** manifestar-se de qualquer forma, tanto velha como nova, que pode e deve regenerar, vencer, subordinar a si todas as formas, não apenas novas, mas também velhas, não só para se conciliar com as velhas, mas para saber fazer de todas e quaisquer formas novas e velhas um instrumento da vitória completa e definitiva, decisiva e irrevogável do comunismo.

Os comunistas devem empregar todos os esforços para orientar o movimento operário e o desenvolvimento social em geral pelo caminho mais directo e mais rápido para a vitória mundial do Poder Soviético e para a ditadura do proletariado. É uma verdade indiscutível. Mas basta dar um pequeno passo mais além - ainda que pareça um passo na mesma direcção - e a verdade transforma-se em erro. Basta dizer, como dizem os comunistas de esquerda alemães e ingleses, que reconhecemos apenas um caminho, o caminho directo, que não admitimos as manobras, a conciliação, os compromissos, para que isso seja já um erro que pode causar, e em parte já causou e continua a causar, os mais sérios prejuízos ao comunismo. O doutrinário de direita obstinou-se em reconhecer apenas as velhas formas e fracassou da maneira mais completa por não se ter apercebido do novo conteúdo. O doutrinário de esquerda obstina-se em repudiar incondicionalmente determinadas formas velhas sem ver que o novo conteúdo abre passagem através de toda a espécie de formas e que a nossa obrigação como comunistas é dominar todas as formas, é aprender a completar com a maior rapidez uma forma com outra e a substituir uma por outra, é adaptar a nossa táctica a toda a mudança deste género, suscitada por uma classe que não seja a nossa ou por esforços que não sejam os nossos.

A revolução mundial foi tão poderosamente impulsionada e acelerada pelos horrores, as vilezas e as abominações da guerra imperialista mundial e pela situação sem saída que esta criou, essa revolução desenvolve-se em amplitude e profundidade com uma rapidez tão excelente, com uma riqueza tão magnífica de formas sucessivas, com uma refutação prática tão edificante de todo o doutrinário, que existem todos os motivos para esperar que o movimento comunista internacional se curará rápida e completamente da doença infantil do comunismo «de esquerda».

27.IV.1920

## ANEXO

Enquanto as editoras do nosso país - que os imperialistas de todo o mundo saquearam para se vingarem da revolução proletária e continuam a saquear e a bloquear, apesar de todas as promessas feitas aos seus operários - enquanto as nossas editoras organizavam a publicação da minha brochura, receberam-se do estrangeiro materiais complementares. Sem pretender de modo nenhum que a minha brochura seja mais do que alguns rápidos apontamentos de um publicista, tratarei brevemente alguns pontos.

# I

## A CISÃO DOS COMUNISTAS ALEMÃES

A cisão dos comunistas na Alemanha é um facto. Os «esquerdas» ou «oposição de princípio» constituíram um «Partido Comunista Operário» à parte, diferente do «Partido Comunista». Na Itália, pelos vistos, as coisas caminham também para a cisão. Digo «pelos vistos» porque apenas disponho de dois novos números (n.º 7 e 8) do jornal de esquerda **II Soviet** onde se discute abertamente a possibilidade e a necessidade de uma cisão e se fala também de um congresso da fracção dos «abstencionistas» (ou boicotistas, isto é, dos inimigos da participação no parlamento), fracção que até agora pertence ao Partido Socialista Italiano.

Pode rezear-se que a cisão com os «esquerdas», antiparlamentares (em parte também antipolíticos, adversários do partido político e do trabalho nos sindicatos), se converta num fenómeno internacional, à semelhança da cisão com os «centristas» (ou kautskistas, longuetistas, «independentes», etc.). Que assim seja. No fim de contas, a cisão é melhor do que a confusão, que dificulta o crescimento ideológico, teórico e revolucionário, a maturação do partido, assim como o seu trabalho prático harmonioso, verdadeiramente organizado, que prepare verdadeiramente a ditadura do proletariado.

Que os «esquerdas» se ponham à prova na prática, à escala nacional e internacional, que tentem preparar (e depois realizar) a ditadura do proletariado sem um partido rigorosamente centralizado, dotado de uma disciplina férrea, sem saber dominar todos os terrenos, ramos e variedades do trabalho político e cultural. A experiência prática ensina-los-á rapidamente.

Há apenas que empregar todos os esforços para que a cisão com os «esquerdas» não dificulte, ou dificulte o menos possível, a fusão necessária num só partido, inevitável num futuro próximo, de todos os participantes no movimento operário que defendam sincera e honradamente o Poder Soviético e a ditadura do proletariado. Na Rússia foi uma felicidade particular para os bolcheviques o facto de terem tido 15 anos para lutar de maneira sistemática e até ao fim tanto contra os mencheviques (isto é, os oportunistas e os «centristas») como contra os «esquerdas», e muito antes da luta directa das massas pela ditadura do proletariado. Na Europa e na América tem agora de fazer-se este mesmo trabalho «em marchas forçadas». Algumas pessoas, sobretudo entre os fracassados pretendentes a chefes, podem (se carecem de disciplina proletária e de «honestidade para consigo próprios») obstinar-se durante longo tempo nos seus erros, mas as massas operárias, quando chegar o momento, fácil e rapidamente se unirão a si próprias e unirão todos os comunistas sinceros num só partido, capaz, de instaurar o regime soviético e a ditadura do proletariado<sup>54</sup>.

---

54 Quanto à questão da futura fusão dos comunistas «de esquerda», dos antiparlamentares, com os comunistas em geral, assinalarei ainda o seguinte. Na medida em que pude conhecer os jornais dos comunistas «de esquerda» e dos comunistas em geral da Alemanha, os primeiros têm sobre os segundos a vantagem de saberem efectuar melhor a agitação entre as massas. Observei repetidamente algo de semelhante - se bem que em menores proporções e em organizações locais isoladas, e não à escala nacional - na história do partido bolchevique. Em 1907-1908, por exemplo, os bolcheviques «de esquerda» realizavam por vezes em alguns sítios com mais êxito do que nós o trabalho de agitação entre as massas. Isso explica-se, em parte, porque é mais fácil aproximar-se da massa num momento revolucionário ou quando estão ainda frescas as recordações da revolução com a tática da «simples» negação. Contudo, isto não é ainda um argumento em favor da justeza de tal tática. Em todo o caso, não oferece a menor dúvida que um **partido** comunista que queira ser verdadeiramente a vanguarda, o destacamento avançado da **classe** revolucionária, do proletariado, e que deseja além disso aprender a dirigir a grande **massa** não só proletária, mas também **não** proletária, a massa dos trabalhadores e explorados, tem a obrigação de saber fazer a propaganda, organizar e fazer agitação do modo mais acessível, mais compreensível, mais claro e vivo tanto para a «rua» urbana, fabril, como para a aldeia.

## II OS COMUNISTAS E OS INDEPENDENTES NA ALEMANHA

Exprimi nesta brochura a opinião de que um compromisso entre os comunistas e a ala esquerda dos independentes é necessário e útil para o comunismo, mas que não será fácil realizá-lo. Os números dos jornais que recebi posteriormente confirmam ambas as coisas. No n.º 32 do *Bandeira Vermelha*, do órgão do CC do Partido Comunista da Alemanha (*Die Rote Fahne*<sup>55</sup>, *Zentralorgan der Kommunistischen Partei Deutschlands, Spartakusbund*<sup>56</sup>, de 26.III.1920), é publicada uma «declaração» deste CC sobre o «putsch» (conspiração, aventura) militar de Kapp-Lüttwitz e sobre o «governo socialista». Esta declaração é absolutamente justa, tanto do ponto de vista da premissa fundamental como do ponto de vista da conclusão prática. A premissa fundamental reduz-se a que, no momento actual, não existe «base objectiva» para a ditadura do proletariado porque «a maioria dos operários urbanos» apoia os independentes. Conclusão: promessa de «oposição leal» (isto é, renúncia à preparação para o «derrubamento violento») ao governo «socialista se forem excluídos os partidos burgueses capitalistas».

A tática é, sem dúvida, justa no fundamental. Mas se não é necessário determo-nos em pequenas imprecisões de formulação, é impossível, não obstante, silenciar o facto de que não se pode chamar «socialista» (numa declaração oficial do partido comunista) a um governo de socios-traidores, que não se pode falar de exclusão dos «partidos burgueses capitalistas» quando os partidos de Scheidemann e dos senhores Kautsky-Crispien são democráticos pequeno-burgueses, que não se pode escrever coisas como o parágrafo 4.º da declaração, que diz:

*«... Para continuar a conquistar as massas proletárias para o lado do comunismo, tem uma enorme importância, do ponto de vista do desenvolvimento da ditadura proletária, uma situação em que a liberdade política possa ser utilizada de forma ilimitada e em que a democracia burguesa não possa agir como ditadura do capital...»*

Tal situação é impossível. Os chefes pequeno-burgueses, os Henderson (Scheidemann) e os Snowden (Crispien) alemães, não saem nem podem sair do quadro da democracia burguesa, que, por sua vez, não pode deixar de ser a ditadura do capital. Para atingir o resultado prático que o CC do partido comunista se havia proposto com absoluta justeza, não deviam de modo nenhum ter sido escritas estas coisas, erradas em princípio e politicamente prejudiciais. Para isso bastaria dizer (se se quer dar provas de cortesia parlamentar): enquanto a maioria dos operários urbanos seguir os independentes, nós, comunistas, não podemos impedir esses operários de se desembaraçarem das suas últimas ilusões democrático-filistinas (isto é, também «burguesas capitalistas») com a experiência do «seu» governo. Isto basta para fundamentar o compromisso, que é verdadeiramente necessário e que deve consistir em renunciar durante um certo tempo às tentativas de derrubamento violento de um governo no qual confia a maioria dos operários urbanos. E na agitação quotidiana de massas, não vinculada ao quadro da cortesia oficial, parlamentar, poderia, naturalmente, acrescentar-se: deixemos que miseráveis como os Scheidemann e os filisteus como os Kautsky-Crispien ponham a nu na prática até que ponto estão enganados e enganam os operários; o seu governo «limpo» fará com «mais limpeza que ninguém» o trabalho de «limpar» os estábulos de Augias do socialismo, do social-democratismo e demais variedades da social-traição.

A autêntica natureza dos chefes actuais do «Partido Social-Democrata Independente da Alemanha» (desses chefes dos quais se diz erradamente que já perderam toda a influência, e que de facto ainda

---

55 **Die Rote Fahne:** jornal fundado por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg como órgão central da Liga Spartakus; mais tarde, órgão central do Partido Comunista da Alemanha. Começou a publicar-se em Berlim em Novembro de 1918. O jornal foi suspenso quando se instaurou na Alemanha a ditadura fascista, mas continuou a publicar-se ilegalmente. Em 1935, a sua publicação foi transferida para Praga, publicando-se depois, de Outubro de 1936 ao Outono de 1939, em Bruxelas.

56 Liga Spartakus. (N. Ed.)

são mais perigosos para o proletariado do que os sociais-democratas húngaros, que se denominavam comunistas e prometiam «apoiar» a ditadura do proletariado) manifestou-se uma vez mais durante a kornilovada alemã, isto é, durante o golpe dos senhores Kapp e Lüttwitz<sup>57</sup>. Uma pequena mas eloquente ilustração é-nos dada pelos artigozinhos de Karl Kautsky «*Horas Decisivas*» (*Entscheidende Stunden*), no *Freiheit*<sup>58</sup> (*Liberdade*, órgão dos independentes), em 30.II.1920, e de Arthur Crispian «Sobre a Situação Política» (14.IV. 1920, *ibid*). Estes senhores não sabem em absoluto pensar e raciocinar como revolucionários. São democratas filisteus choramingas, mil vezes mais perigosos para o proletariado se se declaram partidários do Poder Soviético e da ditadura do proletariado, pois, de facto, cometerão inevitavelmente uma traição em cada momento difícil e perigoso... «sinceramente» convencidos de que ajudam o proletariado! Também os sociais-democratas húngaros, rebaptizados de comunistas, queriam «ajudar» o proletariado quando, por cobardia e pusilanimidade, consideraram desesperada a situação do Poder Soviético na Hungria e começaram a choramingar diante dos agentes dos capitalistas da Entente e dos carrascos da Entente.

### III TURATI E C<sup>a</sup> NA ITÁLIA

Os números do jornal italiano *Il Soviet* citados atrás confirmam plenamente o que eu disse nesta brochura acerca do erro do Partido Socialista Italiano, que tolera nas suas fileiras tais membros e até tal grupo de parlamentares. Confirma-o mais ainda uma testemunha alheia, o correspondente em Roma do jornal liberal burguês inglês *The Manchester Guardian*, que no número de 12.III.1920 publicou uma sua entrevista com Turati.

*«... O signor Turati - escreve esse correspondente - supõe que o perigo revolucionário não é tão grande que possa suscitar receios infundados em Itália. Os maximalistas brincam com o fogo das teorias soviéticas unicamente para manter as massas despertas e excitadas. Estas teorias são, contudo, conceitos puramente lendários, programas imaturos, inúteis para utilização prática. Servem apenas para manter as classes trabalhadoras em estado de expectativa. Aqueles mesmos que as usam como engodo para ofuscar os olhos proletários vêem-se obrigados a travar uma luta quotidiana para conquistar algumas melhorias económicas, frequentemente insignificantes, a fim de atrasar o momento em que as classes operárias percem as ilusões e a fé nos seus mitos favoritos. Daí um longo período de greves de todas as amplitudes e por todos os motivos, incluindo as últimas greves nos serviços dos correios e nos caminhos-de-ferro, greves que tornam ainda mais difícil a já por si difícil situação do país. O país está irritado pelas dificuldades suscitadas pelo seu problema do Adriático, sente-se esmagado pela sua dívida externa e pela sua desmesurada emissão de papel-moeda e, contudo, o país está muito longe ainda de compreender a necessidade de assimilar a disciplina no trabalho, única capaz de restabelecer a ordem e a prosperidade...»*

É claro como a luz do dia que o correspondente inglês deixou escapar uma verdade que provavelmente o próprio Turati e os seus defensores, cúmplices e inspiradores burgueses em Itália, ocultam e adornam. Esta verdade consiste em que as ideias e o trabalho político dos senhores Turati, Trèves, Modigliani, Dugoni e C<sup>a</sup> são tal qual os desenha o correspondente inglês. Isto é autêntica social-traição. Como é eloquente a simples defesa da ordem e da disciplina para os operários que se encontram na escravidão assalariada, que trabalham para o lucro dos capitalistas! Como nos são

---

57 A propósito, isto foi explicado com extraordinária clareza, concisão e precisão, de maneira marxista, no excelente jornal do partido comunista austríaco, *Bandeira Vermelha*, de 28 e 30 de Março de 1920 (*Die Rote Fahne*, Wien, 1920, NN. 266 u. 267; L.L.: *Ein neuer Abschnitt der Deutschen Revolution*) (L.L. «Uma Nova Fase da Revolução Alemã» —N. Ed.).

**Die Rote Fahne:** jornal, órgão central do Partido Comunista da Áustria; começou a publicar-se em Viena em Novembro de 1918. Em 1933 o jornal foi obrigado a passar à clandestinidade; a partir de Fevereiro de 1957 passou a publicar-se com o nome de *Volksstimme*.

58 **Die Freiheit (A Liberdade):** Jornal diário, órgão do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha; publicou-se em Berlim entre Novembro de 1918 e Outubro de 1922.

familiares a nós, russos, todos esses discursos mencheviques! Como é valiosa a confissão de que as massas são **a favor** do Poder Soviético! Que estúpida e vulgarmente burguesa é a incompreensão do papel revolucionário das greves que crescem espontaneamente! Sim, sim, o correspondente inglês do jornal liberal burguês prestou um fraco serviço aos senhores Turati e C<sup>a</sup> e confirmou de maneira excelente como são justas as exigências do camarada Bordiga e dos seus amigos do jornal *Il Soviet*, que exigem que o Partido Socialista Italiano, se quer ser de facto pela III Internacional, estigmatize e expulse das suas fileiras os senhores Turati e C<sup>a</sup> e se torne um partido comunista tanto pelo nome como pelos seus actos.

#### IV CONCLUSÕES ERRADAS DE PREMISSAS JUSTAS

Mas da sua justa crítica aos senhores Turati e C<sup>a</sup> o camarada Bordiga e os seus amigos «esquerdas» tiram a errada conclusão de que é prejudicial em geral participar no parlamento. Os «esquerdas» italianos não podem apresentar nem sombra de argumentos sérios em defesa dessa concepção. Simplesmente desconhecem (ou procuram esquecer) os modelos internacionais de utilização verdadeiramente revolucionária e comunista dos parlamentos burgueses, indiscutivelmente proveitosa para preparar a revolução proletária. Simplesmente não imaginam a «nova» utilização do parlamentarismo e gritam, repetindo-se até ao infinito, contra a «antiga», não bolchevique.

Nisto consiste precisamente o seu erro básico. Não só no campo parlamentar, mas em **todos** os campos da actividade, o comunismo **deve introduzir (e não será capaz** de introduzir sem um trabalho prolongado, persistente e tenaz) algo de fundamentalmente novo, que rompa radicalmente com as tradições da II Internacional (conservando e desenvolvendo ao mesmo tempo tudo o que ela deu de bom).

Tomemos por exemplo o trabalho jornalístico. Os jornais, brochuras, proclamações, realizam um trabalho necessário de propaganda, agitação e organização. Nenhum movimento de massas em qualquer país, por pouco civilizado que seja, pode dispensar um aparelho jornalístico. É nenhuns gritos contra os «chefes», nenhuma promessa solenes de proteger a pureza das massas contra a influência dos chefes, podem evitar a necessidade de utilizar para esse trabalho pessoas procedentes do meio intelectual burguês, evitar a atmosfera e o ambiente democrático-burgueses, «de propriedade privada», em que se realiza esse trabalho sob o capitalismo. Mesmo dois anos e meio depois do derrubamento da burguesia, depois da conquista do poder político pelo proletariado, vemos à nossa volta essa atmosfera, esse ambiente de relações de propriedade privada, democrático-burguesas, com carácter de massas (camponeses, artesãos).

O parlamentarismo é uma forma de trabalho, o jornalismo outra. O conteúdo pode ser comunista em ambas e deve ser comunista, se os que trabalham num ou noutra domínio são verdadeiramente comunistas, verdadeiros membros do partido proletário, de massas. Mas numa e noutras - **e em qualquer esfera de trabalho** sob o capitalismo e na transição do capitalismo para o socialismo - é impossível eludir as dificuldades, as tarefas originais que o proletariado deve vencer e cumprir para utilizar para os seus próprios fins pessoas procedentes do meio burguês, para a vitória sobre os preconceitos e a influência intelectuais burgueses, para debilitar a resistência do ambiente pequeno-burguês (e posteriormente para o transformar por completo).

Não vimos nós em todos os países, antes da guerra de 1914-1918, uma abundância extraordinária de exemplos de anarquistas, sindicalistas e outros elementos muito «de esquerda» que fulminavam o parlamentarismo, escarneciam dos parlamentares socialistas burgueses vulgares, fustigavam o seu carreirismo, etc., etc., e faziam eles próprios a **mesma** carreira burguesa **através** do jornalismo, **através** do trabalho nos sindicatos? O exemplo dos senhores Jouhaux e Merrheim, para nos limitarmos à França, não serão típicos?

O infantilismo da «negação» da participação no parlamentarismo consiste precisamente em que com esse método tão «simples», «fácil» e pseudo-revolucionário pensam «resolver» a difícil tarefa de lutar contra as influências democrático-burguesas **dentro** do movimento operário e na realidade apenas fogem da sua própria sombra, apenas fecham os olhos perante a dificuldade, apenas se desembaraçam dela com palavras. É indubitável que o carreirismo mais desavergonhado, a utilização burguesa dos lugarzinhos parlamentares, a gritante adulteração reformista do trabalho parlamentar e a vulgar rotina pequeno-burguesa são traços característicos habituais e predominantes gerados pelo capitalismo em toda a parte e não apenas fora, mas também dentro, do movimento operário. Mas ele, o capitalismo, e o ambiente burguês por ele criado (e que mesmo depois do derrubamento da burguesia desaparece muito lentamente, pois o campesinato faz renascer incessantemente a burguesia) geram absolutamente em todos os domínios do trabalho e da vida essencialmente o mesmo carreirismo burguês, o chauvinismo nacional, a vulgaridade pequeno-burguesa, etc., com insignificantes variações de forma.

Parece-vos, meus caros boicotistas e antiparlamentaristas, que sois «terrivelmente revolucionários», mas na realidade **ficastes assustados** com as dificuldades relativamente pequenas da luta contra as influências burguesas dentro do movimento operário, enquanto a vossa vitória, isto é, o derrubamento da burguesia e a conquista do poder político pelo proletariado, criará **estas mesmas** dificuldades em proporções ainda maiores, incomensuravelmente maiores. Ficastes assustados como crianças com a pequena dificuldade que hoje se vos apresenta, sem compreender que amanhã e depois de amanhã tereis de qualquer modo de aprender, de aprender por completo, a vencer as mesmas dificuldades, em proporções incomensuravelmente mais consideráveis.

Sob o Poder Soviético penetrarão no vosso e no nosso partido proletário ainda mais pessoas procedentes da intelectualidade burguesa. Penetrarão também nos Sovietes, nos tribunais e na administração, pois é impossível construir o comunismo com outra coisa que não seja o material humano criado pelo capitalismo, pois é impossível expulsar e eliminar a intelectualidade burguesa, é preciso vencê-la, transformá-la, refundi-la, reeducá-la, do mesmo modo que é necessário reeducar em luta prolongada, na base da ditadura do proletariado, os próprios proletários, que não se desembaraçam dos seus preconceitos pequeno-burgueses de repente, por milagre, por obra e graça do espírito santo, por obra e graça de uma palavra de ordem, de uma resolução ou de um decreto, mas apenas numa luta de massas longa e difícil contra as influências pequeno-burguesas de massas. Sob o Poder Soviético, essas mesmas tarefas que o antiparlamentar afasta agora com um gesto de mão, com tanto orgulho, tanta altivez, tanta ligeireza e tanto infantilismo, **essas mesmas** tarefas renascerão **dentro** dos Sovietes, dentro da administração soviética, dentro dos «defensores» soviéticos (destruímos na Rússia, e fizemos bem em destruí-la, a advocacia burguesa, mas ela renasce entre nós sob a capa dos «defensores» «soviéticos»<sup>59</sup>). Entre os engenheiros soviéticos, entre os professores soviéticos, entre os **operários** privilegiados, isto é, os mais qualificados e mais bem colocados, nas fábricas soviéticas, vemos renascer de modo constante absolutamente **todos** os traços negativos próprios do parlamentarismo burguês, e só com uma luta reiterada, incansável, prolongada e tenaz do espírito de organização e disciplina proletárias vencemos - gradualmente - este mal.

Naturalmente, sob o domínio da burguesia é muito «difícil» vencer os costumes burgueses no nosso próprio partido, isto é, no partido operário: é «difícil» expulsar do partido os chefes parlamentares habituais, irremediavelmente corrompidos pelos preconceitos burgueses, é «difícil» submeter à disciplina proletária o número absolutamente necessário (em certa quantidade, ainda que seja muito limitada) de pessoas procedentes da burguesia, é «difícil» criar no parlamento burguês uma fracção comunista completamente digna da classe operária, é «difícil» conseguir que os parlamentares

---

59 «Defensores» «soviéticos»: colégios de advogados criados em Fevereiro de 1918, adjuntos aos Sovietes de deputados operários, soldados, camponeses e cossacos. Em Outubro de 1920, os colégios de defensores foram suprimidos.

comunistas não se ocupem com as futilidade parlamentares burguesas, mas que se entreguem ao essencialíssimo trabalho de propaganda, agitação e organização nas massas. Não há dúvida de que tudo isso é «difícil», foi difícil na Rússia e é incomparavelmente mais difícil na Europa Ocidental e na América, onde é muito mais forte a burguesia, é mais forte a tradição democrático-burguesa, etc.

Mas todas estas «dificuldades» são verdadeiramente dificuldades pueris em comparação com as tarefas absolutamente **do mesmo género** que o proletariado terá de resolver inevitavelmente para a sua vitória, durante a revolução proletária e depois da tomada do poder pelo proletariado. Em comparação com **estas** tarefas verdadeiramente gigantescas, quando sob a ditadura do proletariado será necessário reeducar milhões de camponeses e de pequenos proprietários, centenas de milhares de empregados, de funcionários e de intelectuais burgueses, subordiná-los todos ao Estado proletário e à direcção proletária, vencer neles os hábitos e as tradições burguesas - em comparação com estas tarefas gigantescas, é de uma facilidade infantil criar sob o domínio da burguesia uma fracção verdadeiramente comunista do verdadeiro partido proletário no parlamento burguês.

Se os camaradas «esquerdas» e antiparlamentares não aprenderam a ultrapassar agora uma dificuldade mesmo tão pequena, pode-se dizer com segurança que ou não estarão em condições de realizar a ditadura de proletariado, não poderão subordinar e transformar em grande escala os intelectuais burgueses e as instituições burguesas, ou deverão **concluir apressadamente a sua aprendizagem**, e com tal pressa causarão um enorme dano à causa do proletariado, cometerão mais erros do que o habitual, darão provas de debilidade e de incapacidade mais do que o corrente, etc, etc.

Enquanto a burguesia não for derrubada, e, depois disso, enquanto não desaparecerem por completo a pequena economia e a pequena produção mercantil, até lá o ambiente burguês, os hábitos de propriedade privada e as tradições filistinas prejudicarão o trabalho proletário tanto dentro como fora do movimento operário, não só numa esfera de actividade, a parlamentar, mas inevitavelmente em todos e em cada um dos domínios da actividade social, em todos os terrenos culturais e políticos sem excepção. E constitui um erro profundíssimo, que depois se pagará inevitavelmente, a tentativa de furtar-se, de se afastar de **uma** das esferas «desagradáveis» ou das dificuldades em qualquer domínio de trabalho. Há que aprender, e aprender até ao fim, a dominar todas as esferas de trabalho e de actividade sem excepção, a vencer por toda a parte todas as dificuldades e todos os costumes, tradições e hábitos burgueses. Qualquer outra maneira de colocar a questão carece simplesmente de seriedade, é simplesmente pueril.

12.V.1920



Na edição russa deste livro expus de modo um pouco inexacto a conduta do partido comunista holandês no seu conjunto no domínio da política revolucionária internacional. Por isso aproveitei a presente oportunidade para publicar a carta abaixo inserida dos nossos camaradas holandeses em relação a essa questão, e também para corrigir a expressão «tribunistas holandeses» usada por mim no texto russo, substituindo-a pelas palavras «alguns membros do partido comunista holandês»<sup>60</sup>.

N. Lénine

### CARTA DE WIJNKOOP

Moscovo, 30 de Junho de 1920

Querido camarada Lénine,

Graças à sua amabilidade, nós, membros da delegação holandesa ao II Congresso da Internacional Comunista, tivemos a possibilidade de ver o seu livro: *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo* antes de ele ser publicado em tradução nas línguas da Europa Ocidental. Neste seu livro o camarada sublinha por mais de uma vez a sua desaprovação em relação ao papel que desempenharam alguns membros do partido comunista holandês na política internacional.

Nós, no entanto, devemos protestar contra o facto de o camarada atribuir ao partido comunista a responsabilidade pelos actos deles. Isto é extremamente inexacto. Mais ainda, é injusto, porque esses membros do partido comunista holandês participam muito pouco ou não participam em absoluto no trabalho corrente do nosso partido; eles tentam também, de modo directo ou indirecto, aplicar no partido comunista as palavras de ordem da oposição, contra as quais o partido comunista holandês e todos os seus órgãos conduziam e conduzem, até ao dia de hoje, a luta mais enérgica.

Com saudações fraternais  
(em nome da delegação holandesa)  
D. I. Wijnkoop

---

<sup>60</sup> De acordo com esta indicação de Lénine, na presente edição substitui-se sempre a expressão «tribunistas holandeses» pelas palavras «alguns membros do Partido Comunista Holandês».